



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

CENTRO TECNOLÓGICO (CTC)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PósARQ)

Felipe Carbonera

**A afetividade no processo de transformação da paisagem na Bacia Hidrográfica do
Maruim (SC)**

Florianópolis (SC)

2022

Felipe Carbonera

**A afetividade no processo de transformação da paisagem na Bacia Hidrográfica do
Maruim (SC)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Sérgio Torres Moraes, PhD.

Florianópolis (SC)

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carbonera, Felipe

A afetividade no processo de transformação da paisagem
na Bacia Hidrográfica do Maruim (SC) / Felipe
Carbonera ; orientador, Prof. Sérgio Torres Moraes, PhD ,
2022.

155 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Paisagem. 3.
Afetividade. 4. Psicologia Ambiental. I. , Prof. Sérgio
Torres Moraes, PhD. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo. III. Título.

Felipe Carbonera

**A afetividade no processo de transformação da paisagem na Bacia Hidrográfica do
Maruim (SC)**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.a Maíra Longhinotti Felipe, Dr.a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Luciano Torres Tricárico, Dr.
Universidade do Vale do Itajaí

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Sérgio Torres Moraes, PhD.
Orientador

Florianópolis, 2022

“Esse amor e manto salvador
Nesse canto e manto salvador
Vem de olhar o próximo
Esse afeto e manto salvador
Nesse gesto e manto salvador
Vem de olhar o próximo
Coisa do interior

Avistei o sol subindo o vale
E corri danado em teu carinho
Num peito que abre, tudo cabe
Natureza, ginga do infinito
Petrichor

Teu carinho
Tudo cabe
Infinito
Lá do alto”

Do Interior
Castello Branco

Esta pesquisa é dedicada à educação pública brasileira e a todos os seus apoiadores, mesmo em tempos tão difíceis. A única maneira da mudança acontecer será através da educação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, por todas as oportunidades oferecidas a mim, pelo estímulo na busca pelo conhecimento e pelo apoio em minha trajetória acadêmica em busca da concretização dos meus sonhos e da construção de novos saberes. Compreendo, hoje, a educação em nosso País como privilégio, logo, agradeço aqueles que me deram a vida, que mesmo marcados por uma trajetória difícil, ofereçam-me aquilo que considero o mais valioso: a educação.

Agradeço imensamente à Universidade Federal de Santa Catarina por se tornar também meu “lugar” durante os três anos de Pós-Graduação e seis anos de Graduação, e assim ter cedido os meios e os recursos para que eu chegasse até a conclusão desta etapa, através da educação pública e gratuita. Sendo espaço plural para compartilhar o conhecimento, as experiências e as oportunidades, que estão além do saber acadêmico e que permitiram a minha construção cidadã, acadêmica, profissional e pessoal, que serei eternamente grato.

Aos meus amigos de Graduação e de Pós-Graduação, obrigado por todas as trocas, pessoais e acadêmicas, que me ajudaram com tanto carinho a construir esta dissertação que é fruto da minha vida como estudante e reflexo das pessoas que por mim passaram. À prof.a Themis Fagundes, minha orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo, que com tanta sabedoria me conduziu nesta importante etapa da minha vida, que com afeto estará sempre em meu coração. Ao prof. Sérgio Torres, meu orientador de Mestrado, que me recebeu com atenção e me conduziu de forma leve, solícita e com paciência na construção deste trabalho.

Ao bairro Colônia Santana e seu povo, onde nasci e, durante tantos anos, é meu objeto de estudo. Agradeço imensamente a todos os participantes desta pesquisa que ajudaram na composição dos resultados obtidos.

Sou reflexo das oportunidades e dos privilégios que tive ao decorrer da minha jornada, e acredito na ciência como meio de emancipação do ser humano, para que possamos criar um futuro mais igualitário e fraterno entre todos os seres. Que o conhecimento e as trocas de saberes nos conduzam nesse caminho e que este trabalho seja apenas um pequeno passo em busca de novos dias.

“Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”

(TUAN, 1983, p. 83).

RESUMO

O modelo de desenvolvimento econômico vigente vem ocasionando profundas alterações na paisagem através das ações antrópicas, resultando em consequências na relação pessoa-ambiente e no sentimento de afetividade com as cidades. Esta pesquisa destinou-se à investigação sobre a transformação da paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim (SC) através do olhar de moradores da região, para que se possa compreender as relações entre pessoa-ambiente através da afetividade e suas repostas afetivas, por meio das alterações ocorridas na paisagem. Na primeira etapa, são conduzidas análises exploratórias com o objetivo de compreender o fenômeno. Uma leitura técnica então é realizada através de mapeamentos, de dados quantitativos e qualitativos, e da bibliografia específica sobre as transformações ocorridas no objeto de estudo. Logo após, foi escolhido um recorte de aprofundamento para o estudo, a Vila Koerich em São José (SC), onde aplicou-se o método “autofotográfico”, para aferir o vínculo afetivo dos moradores com o local. Também foi aplicada uma entrevista semiestruturada para investigar como a relação pessoa-ambiente foi afetada com as transformações ocorridas na paisagem no período dos últimos dez anos. A pesquisa foi composta por 15 entrevistados, acima de 18 anos e com mais de dez anos de permanência na região. Os resultados da pesquisa foram apresentados de forma qualitativa, através da análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas, utilizando o método de Bardin (1979) e a elaboração de gráficos para criação dos metadados, através dos conceitos da psicologia ambiental. Logo, concluiu-se que como resposta afetiva, apesar das transformações ocorridas na paisagem serem compreendidas pelos participantes e revelarem os prejuízos ocasionados ao longo dos anos ao local e em suas vidas, o vínculo afetivo com o local foi mantido, principalmente devido às suas memórias pessoais.

Palavras-chaves: Paisagem; Afetividade; Psicologia Ambiental.

ABSTRACT

The current economic development model has been causing profound changes in the landscape through human actions, resulting in consequences in the person-environment relationship and in the feeling of affection with the cities. This was aimed at investigating the transformation of the landscape of the Bacia Hidrográfica do Maruim (SC) through surveys of residents of the region, in order to understand the relationships between person-environment through affectivity, through the look of changes that have occurred in the landscape. In the first stage, exploratory research is sought in order to understand the phenomenon. A previous technical reading is carried out through mappings, reliable, qualitative and qualitative data from the specific bibliography on the transformations that took place in the study. After, a deepening clipping was chosen for the study, Vila Koerich in São José/SC, where the “autophotographic” method was applied, to assess the affective bond of the residents with the place. A semi-structured approach was also applied to investigate how the recent interview with the transformation occurred in the landscape in the ten-year period. The was composed by 15 years and research over 18 years of stay in the region. The research results were presented in a qualitative way, through the content analysis of the semi-structured interviews, using the method of Bardin (1979) and the elaboration of graphics to create the metadata, through the concepts of environmental psychology. Soon, it was concluded that despite the transformations of the racing years and their lives were maintained and revealed to the individuals married to the place, the local bond was maintained, mainly due to their lives.

Keywords: Landscape; Affectivity; Environmental Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bacia Hidrográfica do Maruim (SC).....	18
Figura 2: Estrutura da pesquisa	23
Figura 3: Esquema sobre a conceituação de paisagem.....	27
Figura 4: Regiões hidrográficas brasileiras.....	32
Figura 5: Estrutura metodológica da pesquisa.....	43
Figura 7: Regiões Hidrográficas do estado de Santa Catarina e localização da Bacia Hidrográfica do Maruim.....	54
Figura 8: Divisão da Bacia Hidrográfica do Maruim	55
Figura 9: Linha do tempo referente à ocupação da BHM	56
Figura 10: Bacia Hidrográfica do Maruim (SC).....	57
Figura 11: Praça Central e Igreja em São Pedro de Alcântara	57
Figura 12: Vila Koerich, no bairro Colônia Santana – São José (SC)	58
Figura 13: Entorno da Vila Koerich	58
Figura 14: Fachada da casa e atual Museu da família Koerich	59
Figura 15: Usina Hidrelétrica do Maruim	60
Figura 16: Barco navegando no Rio Maruim	60
Figura 17: Fachada do Instituto de Psiquiatria, antigo Hospital Colônia Santana	61
Figura 18: Ponte na Foz do Rio Maruim, entre São José e Palhoça (SC)	63
Figura 19: Hidrografia da BHM	64
Figura 20: Altimetria da Bacia Hidrográfica do Maruim	65
Figura 21: Mapa de Suscetibilidade a Desastres Naturais da Bacia Hidrográfica	66
Figura 22: Habitações atingidas pelas enxurradas.....	66
Figura 23: Habitações atingidas pelas enxurradas.....	67
Figura 24: Sistema Verde, no ano 2000	69
Figura 25: Sistema Verde, no ano de 2020.....	69
Figura 26: Ocupação nas bordas do Rio Maruim e nas encostas de morro no bairro Colônia Santana, São José.....	70
Figura 27: Renda média dos domicílios, em salários mínimos	71
Figura 28: Densidade populacional	72
Figura 29: Crescimento da mancha urbana entre 2000 e 2020.....	74
Figura 30: Imagem de Satélite da Bacia Hidrográfica, no ano 2000 e no ano 2020	77
Figura 31: Equipamentos e agentes indutores de desenvolvimento	79
Figura 32: Habitações ao longo da SC-281	80
Figura 33: Sistema viário da BHM.....	81
Figura 34: Comparativo da Vila Koerich em São José (SC), em 2010 (a) e em 2020 (b), com a obra do contorno viário.....	83
Figura 35: Supressão da área verde para as obras do contono viário	84
Figura 36: Edificação demolida.....	84
Figura 37: Áreas identificadas para recorte de estudo.....	85
Figura 38: Imagem de satélite da Vila Koerich (2010 e 2020)	87
Figura 39: Mapa com imagem de satélite (2010)	88
Figura 40: Mapa com imagem de satélite (2020)	89
Figura 41: Naturalidade	91

Figura 42: Tempo de moradia	91
Figura 43: Escolaridade	92
Figura 44: Renda média.....	93
Figura 45: Locais apresentados nas fotografias pelo método autofotográfico como representação do vínculo afetivo entre pessoa-ambiente	94
Figura 46: Imagens registradas pelos participantes	95
Figura 47: Registro através do método autofotográfico do Museu Koerich	96
Figura 48: Registro através do método autofotográfico da Usina Hidrelétrica do Maruim	97
Figura 49: Registro através do método autofotográfico do Rio Maruim	99
Figura 50: Registro através do método autofotográfico da paisagem natural	99
Figura 51: Conteúdo das fotos registradas por categorias	100
Figura 52: Motivo da escolha das fotografias por categorias	102
Figura 53: Participação em grupo social ou associações.....	103
Figura 54: Registro através do método autofotográfico das obras no local	105
Figura 55: Principais alterações na paisagem nos últimos dez anos	107
Figura 56: Área atingida pelo contorno viário no local das antigas residências	108
Figura 57: As alterações ocorridas na paisagem influenciaram na sua vida e na sua relação com o local?.....	108
Figura 58: Ordenamento de fotografias por alterações ocorridas.....	109
Figura 59: Características positivas	110
Figura 60: Características negativas	111
Figura 61: Estado de ânimo por categoria positiva x negativa.....	112
Figura 62: Estado de ânimo por palavra-chave	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Temas da pesquisa bibliográfica e respectivos autores	24
Quadro 2: Comparativo entre municípios abrangidos pela supracitada bacia.....	73
Quadro 3: Urbanização dos municípios.....	75
Quadro 4: Categorias de análise por motivo de registro fotográfico através da bibliografia	101
Quadro 5: Estados de ânimo em categorias.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
A.C	Antes de Cristo
ANA	Agência Nacional de Águas
ANTT	Agência Nacional de Transportes Terrestres
APP	Área de Preservação Permanente
BHM	Bacia Hidrográfica do Maruim
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento
CBH	Comitês de Bacias Hidrográficas
Celesc	Centrais Elétricas de Santa Catarina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRH	Conselho Nacional de Recursos Hídricos
Conama	Conselho Nacional do Meio Ambiente
CTC	Centro Tecnológico
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
Epagri	Empresa de Pesquisa Pecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEA-RI	Lista de Estado de Ânimo
PBA	Plano Básico Ambiental
PDM	Plano Diretor Municipal
PIB	Produto Interno Bruto
PósARQ	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	16
1.1	Problemática e justificativa	16
1.2	Pergunta de pesquisa	21
1.3	Objetivos	21
1.3.1	Objetivo geral.....	21
1.3.2	Objetivos específicos.....	21
1.4	Estrutura da dissertação.....	21
2	Fundamentação teórica.....	24
2.1	Paisagem e transformações.....	24
2.1.1	Aspectos conceituais	25
2.1.2	A produção capitalista do espaço e a transformação da paisagem.....	28
2.1.3	Bacias hidrográficas como unidade de análise da paisagem	32
2.2	Relação pessoa-ambiente.....	34
2.2.1	Psicologia Ambiental e afetividade	35
2.2.2	Vínculo com o lugar e Resposta Afetiva	38
3.	Metodologia	42
3.1	Pesquisa bibliográfica.....	43
3.2	Pesquisa documental e mapeamentos.....	44
3.3	Método autofotográfico e entrevista semiestruturada	45
3.3.1	Fotografia como método.....	49
3.4	Análise de resultados	52
4.	A Bacia Hidrográfica do Maruim.....	54
4.1	Localização	54
4.2	Caracterização histórica.....	55
5.	Resultados e Discussões	64
5.1	Análise do espaço urbano	64
5.1.1	Hidrografia e problemas ambientais	64
5.1.2	Vegetação.....	68
5.1.3	População e economia	71
5.1.4	Uso e ocupação do solo	74
5.1.5	Equipamentos e indutores de desenvolvimento	77
5.1.6	Sistema viário	79
5.1.7	Definição do recorte de estudo	85
5.2	Pesquisa de Campo.....	90

5.2.1 Perfil dos entrevistados.....	90
5.2.2 Análise de dados.....	93
6. Considerações finais.....	114
Referências	117
ANEXO A – Roteiro de entrevista semiestruturada	127
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	128
ANEXO C – Aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina .	130
ANEXO D – Síntese das entrevistas e método autofotográfico.....	133
ANEXO E – Desenhos gerados como resultado do trabalho elaborados pelo autor	154

1. Introdução

Nesta seção, serão evidenciados a problemática e a justificativa, e os objetivos (gerais e específicos) desta dissertação.

1.1 Problemática e justificativa

A preocupação com aspectos ambientais e a garantia para um modo de vida sustentável, através da preservação dos recursos naturais em nossas cidades, atravessam diferentes áreas de conhecimento e esferas governamentais, aumentando o número de discussões e os profissionais envolvidos com a preservação da vida em nosso Planeta (MANSANO *et al.*, 2016). As diversas transformações impressas na paisagem de nossas cidades são resultantes da intensificação das relações de produção nas últimas décadas, ocasionadas pela ação antrópica agressiva do ser humano ao meio (MENDONÇA, 2001).

Entende-se “paisagem” como o resultado dos fatos do passado e do presente, com a compreensão da organização espacial e da evolução de nossas cidades somente possível mediante interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo (SANTOS, 2008). A paisagem é caracterizada não apenas pela porção do território que nossos olhos conseguem compreender em uma visão única, mas abrange todas as características do meio natural e cultural. Quando esta é alterada de maneiras adversas, problemas ecológicos, ambientais e sociais surgem, e são expressos de diferentes maneiras, em escalas espaciais e temporais (NDUBISI, 2014). Atualmente, a evolução dos estudos sobre o conceito de paisagem, compreendendo esta como um sistema complexo, permite entender o lugar não apenas como uma questão visual, mas também como condição social. “O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade” (SANTOS, 1996, p. 73).

A dificuldade de absorção do excedente populacional apresentado pelos centros urbanos repercute em diversos problemas socioambientais, em desemprego e ocupações em áreas suscetíveis a desastres naturais (MARICATO, 2013). Esses processos, liderados pelo modo de produção capitalista vigente, intensificaram as alterações na paisagem de nossas cidades, que prioriza o desenvolvimento econômico sobre questões ambientais e sociais, acarretando danos

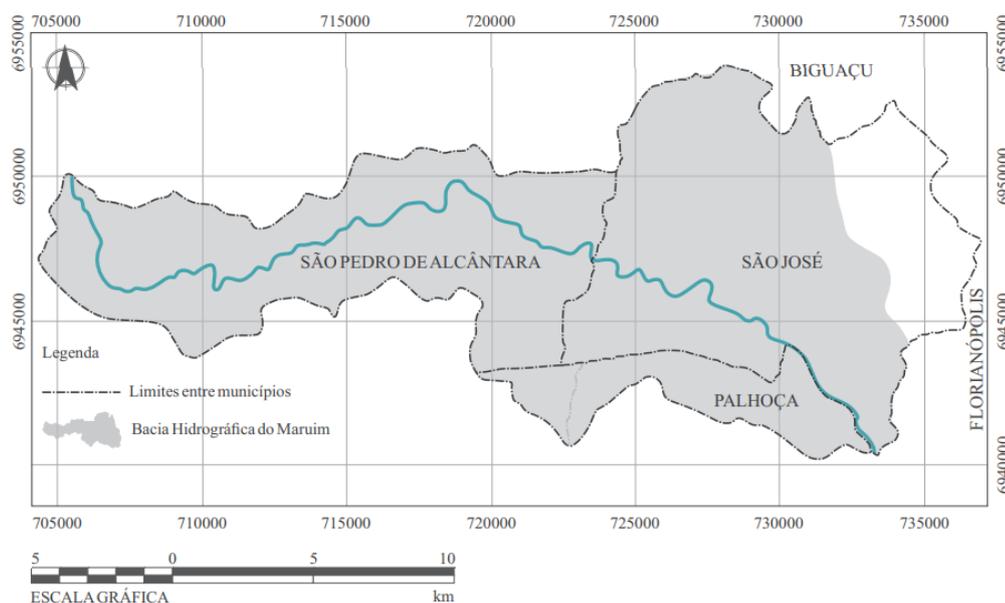
muitas vezes irreversíveis para as cidades e os moradores. Os processos de alteração da paisagem são estudados por arquitetos, urbanistas, geógrafos e demais pesquisadores que possuem a cidade como objeto de pesquisa. A relação pessoa-ambiente¹ está além do olhar técnico dos profissionais, pois envolve questões subjetivas difíceis de serem mensuradas pela individualidade da relação afetiva de cada um com o lugar: “Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo, a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira fútil” (TUAN, 2012, p. 285). Arquitetos e Urbanistas em sua profissão influenciam e alteram os espaços, gerando novos afetos, podendo extenuar ou potencializar a relação pessoa-ambiente, de modo que os indivíduos possam se implicar positivamente com os lugares (BONFIM, 2010). Logo, o bem-estar social se relaciona diretamente com o espaço do qual o sujeito faz uso (BERNAL; BONFIM; MUDO, 2009). Bomfim (2003) relata que a afetividade como categoria de análise permite a superação das dicotomias entre pessoa e ambiente, subjetividade e objetividade, valorizando o conteúdo emocional da experiência humana. Portanto, esta se mostra uma variável importante e necessária na aplicação do estudo de nossas cidades, para que se possa entender as relações sociais com o meio em que vive e, assim, criar espaços com mais vínculos afetivos.

A Bacia Hidrográfica do Maruim está localizada na Região Metropolitana de Florianópolis (SC), entre as bacias hidrográficas do Rio Tijucas (Norte) e do Rio Cubatão (Sul). O Rio Maruim nasce no município de São Pedro de Alcântara e é responsável por drenar a maior parte do município de São José, até o encontro da foz, na cidade de Palhoça. Ao longo de sua extensão, o povoamento apresenta um caráter urbano e rururbano, com traços das primeiras ocupações realizadas por imigrantes de origem açoriana e germânica, até a consolidação da malha urbana na cidade de São José.

No início do século XX, uma ligação entre o litoral catarinense e o interior do estado foi estabelecida através do Rio Maruim, para assim facilitar o escoamento de produtos do planalto até a capital Florianópolis. Todavia, a morfologia do terreno e a mata fechada dificultaram o povoamento por parte dos imigrantes, resultando em uma baixa ocupação nessas terras até 1980 (FERREIRA, 1994), quando a absorção do excedente populacional provindo da capital do estado passou a alterar significativamente parte da paisagem até então de caráter rural.

¹ Ao expressar o termo “pessoa-ambiente”, neste trabalho, se está fazendo referência ao termo “pessoa-paisagem”.

Figura 1: Bacia Hidrográfica do Maruim (SC)



Fonte: Epagri (2012) com alterações realizadas pelo autor.

No final do século XX e no início do século XXI, os municípios abrangidos pela Bacia Hidrográfica do Maruim apresentaram um grande crescimento populacional, em função da proximidade com a capital, aliado ao baixo valor da terra e às carências que a legislação urbana das cidades envolvidas evidenciavam. Inicialmente, esse excedente populacional concentrou-se, principalmente, próximo à divisa com a capital e ao longo da BR-101. Assim como em diversas cidades brasileiras, as consequências desse crescimento acelerado e desalinhado de políticas urbanas na escala municipal e regional geraram uma profunda transformação na paisagem, que influenciou na relação do ser humano com o espaço e na potência dos afetos.

No início do século XXI, a porção oeste do município de São José, que possuía traços rurais, recebeu numerosos empreendimentos do programa “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal, além de loteamentos industriais de pequeno e de médio porte, alavancados e atraídos pelo futuro contorno viário da BR-101². A alça do contorno passará pela Zona Rururbana de São José, atraindo novos investimento para a localidade. Essa região possui áreas historicamente com alta suscetibilidade com ocupações em áreas de preservação ambiental

² Como resposta ao intenso fluxo de veículos da BR-101, está sendo executado essa obra no sistema viário da região, com, aproximadamente, 50 km de extensão, entre os municípios de Biguaçu e de Palhoça, com o objetivo de desviar o trânsito de passagem, sobretudo de veículos pesados, que entram em conflito com as viagens de curta distância, realizadas dentro da Região Metropolitana (SVALDI, 2017).

(FERNANDES, 2012). Esses fatos, mais a ausência de diretrizes para o desenvolvimento urbano integrado na região perante novas dinâmicas urbanas que a área apresenta, impactam a paisagem local e em sua experiência com os moradores locais.

Além da intensa alteração da estrutura urbana da região, a escolha da área também se deu pelo vínculo afetivo que o autor deste trabalho tem com essa paisagem, local que passou parte de sua vida e desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Arquitetura e Urbanismo. Entendendo que a área de estudo carece de estudos técnico-científicos, esta pesquisa busca aprofundar e desenvolver informações relevantes para compreensão da região e subsídio para novos estudos de forma a analisar as transformações ocorridas.

Logo, além da esfera espacial, este trabalho busca compreender as adversidades que emergem da relação complexa entre ser humano e paisagem, para elaborar – afetivamente – os impactos sofridos nesse curto período de tempo, sobre a população local. Observar de quais maneiras esses impactos afetam o cotidiano dos moradores locais, analisando as maneiras como os indivíduos vivenciaram essas transformações drásticas em seus modos de vida, situação essa que ultrapassa as questões territoriais e atingem as suas relações com o ambiente. Logo, foi realizada uma análise técnica da Bacia Hidrográfica como forma de compreender as transformações ocorridas nos últimos dez anos, período compreendido através da análise técnica como a de maiores transformações na área, porém abordando todo o contexto histórico do local, desde o seu povoamento. Sendo assim, foi escolhida uma área de recorte para o aprofundamento do entendimento das relações afetivas, para conseguir chegar na escala do usuário e interpretar as relações de afeto com mais precisão. A pesquisa pretende contribuir no estudo das relações pessoa-ambiente, por meio de um estudo de caso, utilizando o método autofotográfico (ZILLER, 1990) somado a entrevistas semiestruturadas. O método autofotográfico permite que o participante expresse seus sentimentos a respeito do espaço experienciado de maneira simples, prática e intuitiva. Segundo Neiva-Silva e Koller (2002), quando uma pessoa direciona a câmera fotográfica para determinada cena em resposta ao ser indagado por uma pergunta, naquele instante, ela passa a mostrar algo de si. O ato de fotografar constitui-se um importante evento social que pode afetar aqueles que estão diante da câmera e ser utilizado como elemento de expressão também de emoções e de sentimentos com o objeto observado (BURGESS; ENZLE; MORRY, 2000).

Com isso, pretende-se, com este estudo, impulsionar a pesquisa no tema da relação pessoa-

ambiente³, aplicado para as transformações da paisagem através da afetividade. Visto que os estudos na área de Psicologia Ambiental em nosso País são recentes, sendo a partir de 1990 que a disciplina toma força nas universidades brasileiras (CAVALCANTE; ELALI, 2011). Logo, encontra-se disponível ainda um vasto campo para aprofundamento, para compreendermos as cidades brasileiras pelo olhar do sujeito e suas relações afetivas com o espaço.

Segundo Bonfim (2019), cada indivíduo constrói relações com as pessoas e os lugares a sua volta, e tomar conhecimento dessa gama de subjetividades requer uma abordagem interdisciplinar do assunto, já que tão variada quanto a mente são também os lugares e a maneira como se reage a eles. Este trabalho visa destacar que tanto o ser humano quanto o meio são elementos fundamentais na construção do espaço, através de seus lugares e de suas paisagens. Portanto, não devemos restringir a construção de nossas cidades apenas em uma questão territorial e, sim, abordar as relações que com ela são estabelecidas através do usuário e de suas emoções, pois cada ser constrói um universo simbólico e subjetivo a partir dos lugares experienciados que afetam em seu bem-estar social, potencializando seu modo de viver.

Espera-se, assim, construir cidades mais afetuosas e projetadas aos usuários. A afetividade é entendida como categoria de análise que “[...] possibilita, além do conhecimento sobre o ambiente, observar como os indivíduos agem e se posicionam nesse espaço” (PINHEIRO; BOMFIM, 2009, p. 53). Pol (1996) afirma como necessário os indivíduos possuírem identificação com seus territórios para a consolidação das suas personalidades e estabelecerem suas cognições e suas relações sociais. Essa identificação que se forma através do diálogo com o ambiente e da elaboração do lugar que constitui a apropriação. Segundo Rolnik (2006), por meio dos afetos que se dá o processo de territorialização e de desterritorialização, em que certos acontecimentos potencializam mudanças que irão interferir no modo como os sujeitos vão compreender e interagir com o ambiente.

[...] não se restringe à delimitação espacial. Constitui um espaço humano, habitado. Ou seja, o território não é somente uma porção específica de terra, mas uma localidade marcada pelas pessoas que ali vivem. É nos espaços coletivos que se expressam a solidariedade, a extensão das relações familiares para além da consanguinidade, o fortalecimento da cumplicidade de vizinhança e o desenvolvimento do sentimento de pertença e identidade. O conceito de território, então, abrange as relações de reconhecimento, afetividade e identidade entre os indivíduos que compartilham a vida em determinada localidade (BRASIL, 2011, p. 13).

³ A bibliografia em Psicologia Ambiental utiliza o termo pessoa-ambiente para expressar a relação do ser humano com o ambiente em que se vive. Neste trabalho, entende-se ao ler a relação pessoa-ambiente como pessoa-paisagem.

1.2 Pergunta de pesquisa

Este trabalho possui a seguinte pergunta de pesquisa: Como a relação pessoa-ambiente foi modificada no processo de transformação ocorrido na paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim (SC)?

1.3 Objetivos

Nesta seção, serão evidenciados os objetivos geral e específicos.

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar a resposta afetiva da relação pessoa-ambiente a partir da transformação na paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim (SC).

1.3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar os meios físico, biótico, antrópico, urbano e histórico da Bacia Hidrográfica do Maruim (SC).
- Analisar e compreender as transformações ocorridas na paisagem da área de estudo através de um olhar técnico sobre os meios físico, biótico, antrópico, urbano e histórico da Bacia Hidrográfica do Maruim.
- Identificar quais aspectos da paisagem local os moradores possuem maior vínculo afetivo.
- Compreender os aspectos da afetividade na relação pessoa-ambiente a partir da transformação da paisagem no objeto de estudo.

1.4 Estrutura da dissertação

A apresentação do objeto da pesquisa e a temática de estudo, com a problematização, a justificativa e os objetivos propostos, constituem a **Introdução** deste trabalho.

Em sequência, expõe-se, no **Capítulo 2**, a revisão bibliográfica, abordando os conceitos que embasam o estudo, buscando esclarecer os principais termos e os aspectos relacionados: à

paisagem, às bacias hidrográficas como unidade de análise da paisagem, à produção capitalista das cidades e à relação pessoa-ambiente.

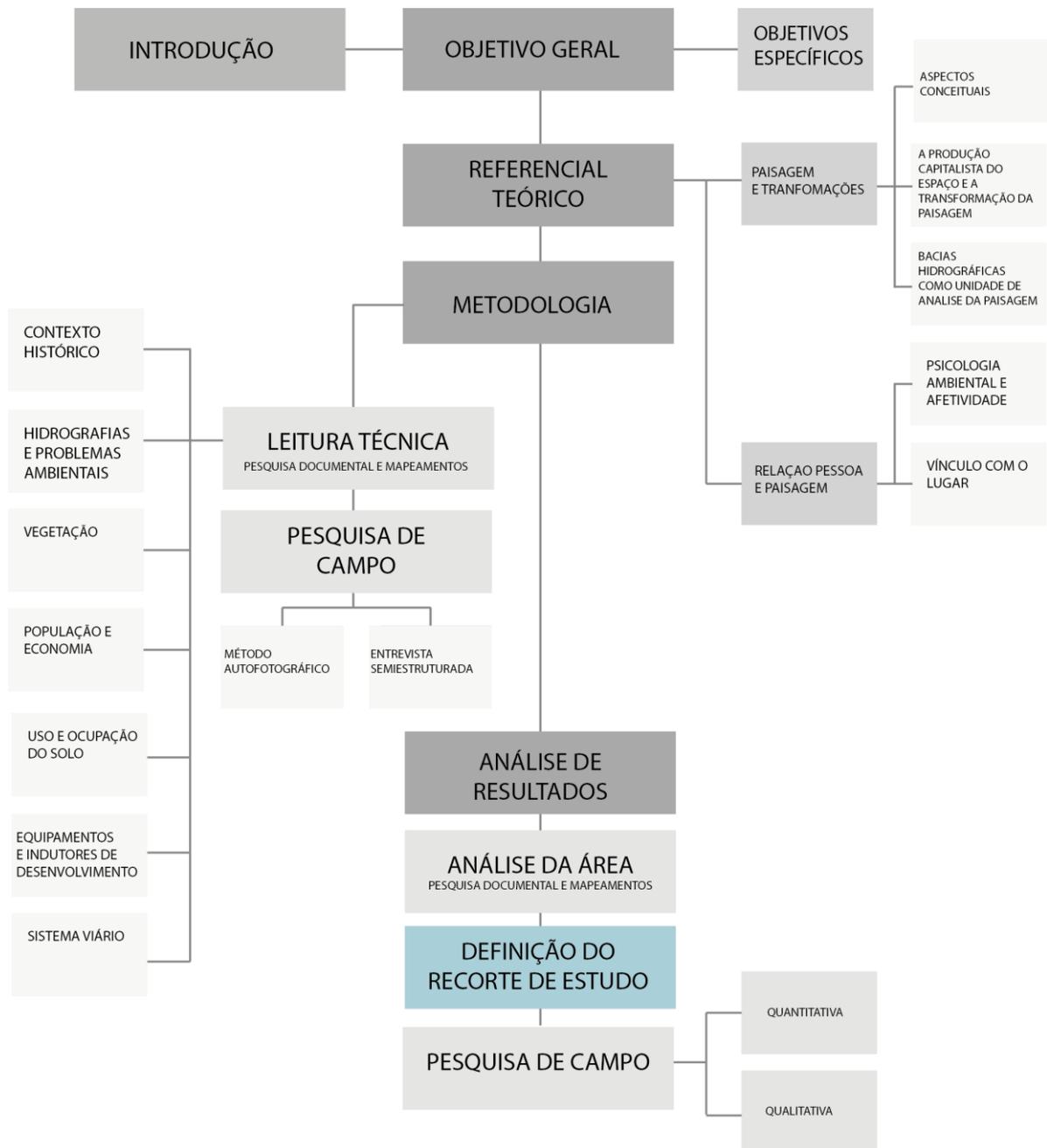
O **Capítulo 3** compreende os procedimentos metodológicos, a partir dos quais se organiza a estrutura analítica da pesquisa. A primeira parte é de cunho teórico e de análise da área e a seguinte de caráter de campo e exploratório, através do método autofotográfico e das entrevistas semiestruturadas.

O **Capítulo 4**, intitulado Bacia Hidrográfica do Maruim, caracteriza-se pela abordagem da história da área de estudo e sua compreensão como recorte de pesquisa.

No **Capítulo 5**, são apresentados os resultados com a análise dos dados, através da pesquisa de campo, aplicando o método autofotográfico e a entrevista semiestruturada. Além abordagem da compreensão técnica da área de estudo. Essa etapa busca caracterizar o recorte espacial, através de mapeamentos e de análises para identificar os processos e os motivos que levaram a transformação da paisagem local, dividido em subcapítulos de acordo com a necessidade da análise proposta.

No **Capítulo 6**, são evidenciadas as considerações finais, em que são retomados os objetivos do trabalho e demonstrados os principais resultados alcançados, assim como os obstáculos encontrados durante a pesquisa. Também ao final do texto, são indicadas algumas recomendações para investigações futuras.

Figura 2: Estrutura da pesquisa



Elaboração própria (2022).

2 Fundamentação teórica

Este capítulo tem por finalidade obter fontes argumentativas alinhadas à pesquisa, além de identificar os principais conceitos, as propriedades e os aspectos relacionados à área de estudo, como forma de embasar as análises nos capítulos seguintes, principalmente os resultados obtidos através da metodologia aplicada. Assim, os conceitos que subsidiam o estudo iniciam com a pesquisa bibliográfica, que embasa as etapas de pesquisa documental, de análises e de resultados.

Quadro 1: Temas da pesquisa bibliográfica e respectivos autores

Paisagem e transformações		Santos (1988, 1994), Bestrand (2004), Nór (2013) e Besse (2014)
A produção capitalista do espaço e a produção da paisagem		Harvey (2002, 2004, 2005), Cobos (2013), Maricato (2013), Rolnik (1996) e Sugai (2015)
Bacias Hidrográficas como unidade de análise da paisagem		Botelho e Silva (2004), Moraes (2018), Porto e Porto (2008) e Souza e Macedo (2014)
Relação pessoa-ambiente	Psicologia Ambiental	Bomfim (2006, 2010, 2018), Moser (1998)
	Afetividade	Chauí (1983), Damásio (2000), Sawaia (1999, 2000), Spinoza (1983), Vygotsk (2001)
	Vínculo com o Ambiente e Resposta Afetiva	Mansano (2016, 2020), Tuan (1983, 2012), Giuliani, (1991, 2003), Sime (1986), Graumann (1983), Fried (1953) e Cooper (1972)

Elaboração própria (2022).

2.1 Paisagem e transformações

Neste capítulo, serão abordados o conceito de paisagem, suas transformações e suas implicações, como forma de compressão do objeto de estudo.

2.1.1 Aspectos conceituais

A paisagem é um dos conceitos importantes discutidos na Geografia e utilizado no estudo de interpretação das cidades e suas transformações, em que a palavra provém etimologicamente do latim *pagensis*, fazendo referência à campestre, que habita o campo, com sentido de lugar (GANGES, 2010). Segundo Maximiano (2004), em cada época, a compreensão de paisagem foi influenciada pela filosofia, estética, política, religião, ciência, dentre outros aspectos que diversificam o conceito, conforme a sociedade a interpretava. Segundo Jellycoe y Jellycoe (1995), as pinturas rupestres encontradas e realizadas em países europeus, como França e norte da Espanha, são consideradas as primeiras representações feitas pelo ser humano a respeito de paisagem, no período entre 30 mil e 10 mil anos antes de Cristo (a.C).

Para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de mais nada, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e ou biológicas (KOTLER, 1976, p. 18).

Segundo Venturi (2004), o conceito de paisagem emerge no século XV através de um distanciamento entre o ser humano e a natureza, e, então, a possibilidade de domínio do meio natural, através dos avanços tecnológicos e dos estudos, para poder transformá-la. Logo, encara-se a natureza como uma fonte inesgotável de recursos, através de um olhar mecanicista, em que o ser humano altera a paisagem como reflexo dos seus desejos e das suas perspectivas de desenvolvimento (MACIEL; LIMA, 2011). Todavia, o autor aborda que foi no século XIX que ocorreu a transformação do conceito de paisagem, através dos naturalistas alemães, atribuindo um significado científico e transformando em conceito geográfico, aplicado ao estudo das cidades.

Segundo Maciel e Lima (2011), apenas no final do século XX se intensificaram os estudos relacionados à paisagem, com uma abordagem sistêmica e integrada à natureza. A abordagem sistêmica procura entender as variações paisagísticas como produto das ações antrópicas ao meio. Todavia, para interpretar a paisagem como sistêmica, é necessário o entendimento do fenômeno através de uma realidade integrada, em que os elementos abióticos, bióticos e antrópicos apareçam associados (BOLÓS, 1981 *apud* GUERRA, 2006). Segundo Bertrand (2004), pode-se considerar a paisagem como uma porção do espaço que resulta na combinação dinâmica e instável de elementos físicos, biológicos e resultantes da ação do ser humano, sendo definida pela combinação dos aspectos naturais com a ação antrópica, tais como: o uso do solo, o modo de produção, as relações sociais, os fenômenos naturais, entre

outros fatores que são um registro do tempo no espaço (SANTOS, 1994). Logo, a paisagem exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre ser humano e natureza, expressando a evolução da humanidade. A natureza por si só não é paisagem, pois a paisagem só existe se estiver relacionada ao ser humano (BERTRAND G.; BERTAND C., 2007). Segundo Besse (2014), a paisagem é ao mesmo tempo totalmente natural e totalmente cultural, sendo o elemento no qual a humanidade se naturaliza e a natureza se humaniza. Qualquer abordagem unilateral sobre a interpretação da paisagem, seja ela focada apenas no ser humano ou na natureza, é equivocada.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. (SANTOS, 1998, p. 53).

A análise integrada entre os sistemas naturais, sociais e econômicos denota o conceito de paisagem sistêmica, então inseparáveis. “A dinâmica da paisagem se define por sua complexidade, pela integração de todas as partes numa única unidade que existe e age em conjunto.” (ROMERO, 2002, p. 23). O significado de cada paisagem representa uma forma de percepção e de sentimento para cada ser humano, que a observa e a sente, através das percepções e das sensações de mundo expressas de maneira individual. Portanto, a paisagem não se refere unicamente ao que os olhos conseguem enxergar, mas a todos os outros sentidos e imaginário que concerne à capacidade da mente humana. Segundo Besse (2014), pode-se analisar a paisagem através da ciência ou da experiência. A ciência se apresenta ao ser humano como o encontro concreto, entre conteúdos e formas. Todavia, a experiência é uma abertura para as qualidades sensíveis do mundo, abordando o conceito da geografia afetiva, através da natureza e seus elementos expostos aos sentidos humanos. A paisagem é o nome dado a essa presença do corpo e como ele é tocado fisicamente pelo mundo, suas texturas, suas estruturas e suas espacialidades. “[...] as paisagens não são apenas ‘vistas’, mas sim encontros pessoais. Não são apenas enxergadas, mas sim experimentadas com todos os sentidos” (BESSE, 2014, p. 46).

O conceito de espacialidade e de paisagem na Geografia operacionalizam a noção de mundaneidade do mundo e ao mesmo tempo permitem uma ordenação da superfície da Terra e a criação do conceito de mundo. Esses conceitos tiveram sua origem no século XVII com o desenvolvimento da noção de sensibilidade, ou seja, a descoberta que além do corpo material havia algo mais, que movia o interesse das pessoas no mundo. [...] a sensibilidade deveria ser considerada na análise da realidade, pois a mesma seria a capacidade de uma pessoa em receber as percepções dos objetos externos, que seria causada pelo sentimento (VITTE, 2010, p. 15).

Cada um tem seu lugar e seu papel em função de sua cultura, de suas percepções e, sobretudo, de seus projetos paisagísticos [...] um mesmo indivíduo (ou uma mesma

categoria social) pode ter, em circunstâncias diferentes, atitudes diametralmente opostas a respeito de uma mesma paisagem (BERTRAND, 2002, p. 336). [...] a análise das representações das paisagens reintroduz o indivíduo, e sua sensibilidade, no processo social. O alargamento do campo geográfico para o biológico e o cultural devolve então, na natureza, todo o lugar ao indivíduo e ao individual (BERTRAND, 2002, p. 122).

Segundo Gomes e Lemos (2019), a Teoria dos Sistemas é uma das principais teorias utilizadas pela Geografia desde de 1950. A paisagem percebida pelo sujeito enquanto um sistema complexo varia de acordo com a história, através de interações sociais e culturais do observador. A paisagem observada não se refere a algo apenas externo ao sujeito, mas está inteiramente conectada ao interior do ser humano, dependendo de sua história, de suas intencionalidades e das condições do usuário no momento da percepção (BERTRAND, 2002). Logo, a apreensão da paisagem se torna individual e mutável, conforme a visão do observador, estando em um processo de transformação que é permanente. Percebida por um sistema complexo, a paisagem é entendida como algo interno a cada usuário, logo, cabe perguntar para cada pessoa qual o significado individual. “Um pinheiral é ao mesmo tempo um ecossistema, uma paisagem, uma massa de produção de matéria fibrosa, um espaço de caça etc., para atores diferentes ou mesmo para um único e mesmo ator” (BERTRAND, 2002, p. 208).

Figura 3: Esquema sobre a conceituação de paisagem



Elaboração própria (2022).

Além da dimensão visual e material, a paisagem incorpora histórias, relações, símbolos, e valores inerentes à cultura dos grupos sociais, e que pode ser também permeada pela subjetividade do observador. Assim, a paisagem não reside somente no objeto ou no sujeito, mas sim na relação entre ambos os aspectos. Logo, é importante compreender como essa paisagem é socialmente apreendida, a história de sua formação e a natureza dos fatores que lhe provocam mudanças, interpretando o conceito de paisagem cultural (NOR, 2013). Apesar de não ser o foco deste trabalho, é interessante abordar conceitos de paisagem cultural para entendimento do conceito geral de paisagem sistêmica.

Não existe dialética possível das formas enquanto formas. Nem a rigor entre paisagem e sociedade. A sociedade se geografiza através das formas, atribuindo-lhe uma função que vai mudando ao longo da história. O espaço é a síntese sempre provisória entre o conteúdo social e as formas espaciais. A contradição é entre sociedade e espaço (SANTOS, 2002, p. 109).

As paisagens acabam sendo diferenciadas não apenas pelo contexto físico, mas, também, pelas consequências das ações culturais de cada lugar. Logo, os símbolos relacionados a uma determinada paisagem imprimem nesse espaço suas características culturais, não sendo limitadas à questão física do espaço (NOR, 2013). A ideia de paisagem cultural trata da interação entre a natureza e a cultura, na medida em que abrange formas tradicionais de viver e de se relacionar com o meio ambiente, apesar de não haver nos documentos patrimoniais menção direta sobre a questão ambiental, como um sistema dinâmico, de relações e de interferências recíprocas, entende-se o meio natural como integrante da paisagem cultural.

Paisagens culturais representam o trabalho combinado da natureza e do homem são ilustrativas da evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, sob a influência das determinantes físicas e/ou oportunidades apresentadas por seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas, quanto externas. Elas deveriam ser selecionadas com base tanto em seu extraordinário valor universal e sua representatividade em termos de região geocultural claramente definida, quanto por sua capacidade de ilustrar os elementos culturais essenciais e distintos daquelas regiões (UNESCO, 1999, p. 58).

2.1.2 A produção capitalista do espaço e a transformação da paisagem

O êxodo rural no Brasil, entre os anos de 1950 e de 1960, contribuiu com quase 20% de toda a urbanização do País, onde o crescimento urbano foi intensificado pelo contingente que chegava do campo, conforme comentado no capítulo de introdução. Em razão da mecanização, os postos de trabalho diminuíram e surgiu a busca por novas oportunidades nos centros urbanos (SUGAI, 2015). Em um contexto em que as políticas econômicas e urbanas, muitas vezes, estão voltadas aos interesses do mercado, esse contingente não é absorvido pelo sistema produtivo e, também, não é contemplado pelos investimentos imobiliários. A especulação imobiliária e a falta de execução de políticas públicas vigentes, relacionadas à habitação e ao meio ambiente, ocasionam a expulsão das populações de baixa renda dos bairros centrais para as áreas adjacentes, cujas terras são menos valorizadas. A ocupação de áreas remanescentes pode gerar situações de risco, quando há pessoas habitando áreas suscetíveis a desastres naturais (MARICATO, 2013). Logo, a população excluída da cidade formal encontra nas áreas de interesse e de preservação ambiental, que podem ou não ser de desejo do mercado, ou que não podem ser ocupadas legalmente, local para construções informais.

Um dos fenômenos resultantes dessa exploração do valor da terra é a segregação socioespacial, uma forte característica das cidades latino-americanas, incluindo as regiões metropolitanas brasileiras. Segundo Cobos (2013), alguns fatores contribuem para as cidades latino-americanas apresentarem problemas socioambientais semelhantes, são eles: a urbanização acelerada; a industrialização tardia; a desindustrialização precoce; a autoconstrução maciça; os terrenos informais e o mercado imobiliário informal; o desemprego estrutural; a pobreza; a informalidade; a baixa cidadania; entre outros fatores. O autor também coloca a condição de boa parte da população estar vivendo em situações com rendas insuficientes para a aquisição de habitação comercializada pelo mercado formal ser um agravante na questão dos problemas socioambientais. Como consequência, são estimuladas a autoconstrução e a constituição de uma cidade externa aos parâmetros regularizados pelos Planos Diretores Municipais (PDMs). Segundo Sugai (2015), esse processo é resultado de um espaço de disputas, quanto mais desigual uma sociedade, mais desiguais e injustas são as condições e seus resultados.

Segundo Guattari e Rolnik (1996), o capitalismo não reconhece limites geográficos com a relação à expansão, resultando no avanço da atividade humana e do setor de produção. O processo de acumulação do capital impôs a necessidade de expandir suas fronteiras a todas as regiões do mundo para exploração de seus recursos naturais e da força do trabalho humano (MANSANO, 2016). Como exemplo, as relações que ocorrem na paisagem de nossas cidades, em específico os cursos d'água de nosso País, estão associadas a um estado de permanente conflito. Entre as destinações mais comuns executadas, pode-se citar: canalizações, esgoto, enchentes e ocupações irregulares (SOUZA; MACEDO, 2014). Ainda segundo os autores, a apropriação do território privilegia o desenvolvimento econômico e não a qualidade estética e/ou ambiental e o bem-estar social dos espaços habitados pelo ser humano. Quando a qualidade do espaço é pautada na criação de áreas de recreação alinhadas à preservação ambiental e à manutenção da paisagem natural, estas são criadas em regiões centrais dos aglomerados urbanos, para um público com alto poder aquisitivo. Esse modelo de configuração urbana, que despreza os cursos d'água, repete-se em diversas cidades brasileiras, causando perdas ambientais e paisagem irreparáveis, afetando a cobertura vegetal, ocasionando o assoreamento dos rios e a redução dos mananciais (SOUZA; MACEDO, 2014). “[...] se não mantivermos um padrão mínimo de qualidade da atmosfera, dos solos, dos recursos hídricos, a possibilidade de satisfazer necessidades humanas básicas poderá ficar comprometida” (LENZI, 2006, p. 106).

A cidade tradicional tem sido morta pelo voraz desenvolvimento capitalista, vítima da infinita necessidade de desaguar capital acumulado em direção ao crescimento e à

expansão urbana sem fim, não se importando com suas consequências sociais, ambientais e políticas. A tarefa política seria, segundo Lefebvre, construir uma cidade totalmente nova. Mas isso só será possível com a criação de um vigoroso movimento anticapitalista que tenha como meta a transformação da vida urbana cotidiana (HARVEY, 2012, p. 15).

Os recursos naturais foram considerados pelo ser humano, por muitos anos, como uma fonte inesgotável de matéria-prima para exploração humana, fortalecendo o sistema econômico. Assim, a relação pessoa-natureza passou a ter um viés mercantil e a intensa exploração dos recursos naturais, sem planejamento ou controle de riscos, intensificou os episódios de catástrofes ambientais (HARVEY, 2012). Problema que permanece por séculos e que hoje ganha contornos trágicos, uma vez que a destruição dos recursos e das espécies naturais pode ser um dos precedentes para o desaparecimento do próprio ser humano (DIEGUES, 2010). Sem uma reorientação radical, é o conjunto da biosfera que ficará desequilibrado e que evoluirá para um estado de incompatibilidade total com a vida humana. Essa reorientação implica, com urgência, uma mudança em nossos modos de produção, afetando a industrialização, os meios de transporte, a alimentação, entre outros fatores (MANSANO, 2016).

Segundo Harvey (2005), a sociedade está pautada em processos de produção, de circulação e de realização de mercadorias. Esse processo deve expandir, acumular e reformar constantemente a natureza do trabalho e os relacionamentos sociais, e para que esse ciclo não seja quebrado, o funcionamento do modo de produção capitalista tem como aliado, muitas vezes, o próprio Estado. Este tem papel fundamental na produção do espaço, já que é uma dimensão importante para a reprodução do capital, como garantir a circulação das mercadorias no espaço por infraestruturas públicas. A influência do Estado sobre a configuração da cidade mostra-se em diversas situações na história contemporânea, como na reconstrução da Europa do pós-guerra ou na construção massiva de infraestruturas urbanas desenvolvimentista.

Tal como a guerra com relação à diplomacia, a intervenção do capital financeiro com o apoio do poder do Estado equivale com frequência à acumulação por outros meios. Uma diabólica aliança entre os poderes do Estado e os aspectos predatórios do capital financeiro forma as garras de um capitalismo de rapina que tem tanto de práticas canibais e desvalorizações forçadas quanto tem de alcançar o desenvolvimento global harmonioso. (HARVEY, 2004, p. 114).

Para concluir este capítulo, é interessante relacionar o modo de produção com as afetividades que o presente trabalho se propõe a estudar. Segundo Rolnik (2003), a prática capitalista produz a anestesia sistemática do corpo e dos afetos, que acontece especialmente através do individualismo e da indiferença, passando pela busca cega do acúmulo e da sobrevivência. A variação afetiva, inerente à condição humana, perde-se no contexto de uma

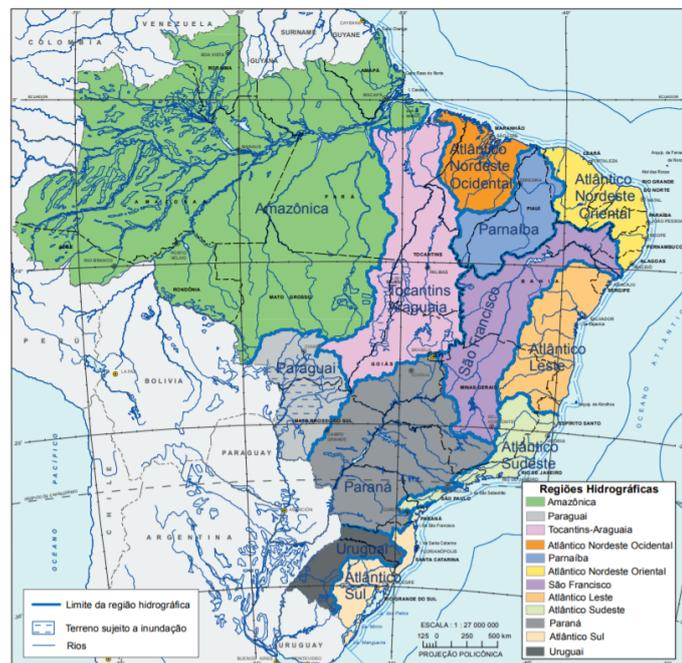
subjetividade capitalista, que seleciona a produtividade e a mão de obra como principais agentes. A própria concepção do que é a vida acaba sendo redefinida em função da hegemonia do capital com o estreitamento das relações intimistas, a regulação do tempo e a segurança financeira individual (MANSANO, 2016). Comumente, tem-se usado o termo sustentabilidade para mascarar o desenvolvimento econômico irrefreável articulado ao capitalismo. Segundo Bonfim (2018), podemos relacionar afetividade com a sustentabilidade de nossas cidades. O verbo “sustentar” vem do latim, *sustentare*, e significa “evitar a queda, manter o equilíbrio de suster (-se); apoiar(-se); manter a resistência a; resistir; aguentar(-se)” (HOUAISS, 2009, p. 2.797). A palavra sustentabilidade aparece conectada ao meio ambiente e à preservação da natureza, e tem se tornado um termo cada vez mais usual quando se menciona a preservação dos recursos naturais do Planeta. Porém, o conceito de sustentabilidade precisa ser ampliado para a emergência de novos paradigmas que fomentem cooperação, afetividade e vida como centro (BOMFIM, 2010). Uma das questões atualmente discutidas nos debates da sustentabilidade seria como conciliar o desenvolvimento econômico com a devida integração entre pessoa-ambiente. A sustentabilidade precisa levar em consideração os fatores sociais, ecológicos, assim como os econômicos (STAKE, 1991). A cidade deveria responder, antes de tudo, às pessoas que moram nela, à comunicação e ao fomento de atividades humanas, expressando sua própria cultura, não se baseando apenas em critérios econômicos e políticos (MANSANO, 2016).

A preocupação com o Planeta evoca não apenas uma atenção à preservação da paisagem natural, mas, também, dos próprios humanos, com seus modos de viver, de sentir e de se relacionar com os outros e com o próprio meio ambiente. O que torna a análise dessa problemática da relação entre pessoa-ambiente complexa é a presença dos mais variados elementos subjetivos e afetivos que nela comparecem e que nem sempre encontram espaço de expressão e de problematização (MANSANO; PEREIRA, 2020). Segundo Godoy (2008), torna-se decisivo tomar em análise também os processos subjetivos que se fazem presentes na construção de práticas ecológicas e sustentáveis. Por exemplo, seria assim em relação ao meio ambiente natural, do qual o humano encontra-se cada vez mais distanciado e do qual ele necessita em questão da subsistência e da afetividade. Para Kahn (2009), nossa relação com o ambiente natural está conectada com nossas lembranças, o autor refere-se como uma amnésia ambiental geracional relacionada à natureza. Cada geração cria uma nova ideia sobre paisagem baseada em suas experiências de infância. A falta de contato com o meio ambiente natural na paisagem de nossas cidades, ainda nos primeiros anos de vida, resulta em um adulto distanciado das causas ambientais e do reconhecimento de sua responsabilidade perante o planeta.

2.1.3 Bacias hidrográficas como unidade de análise da paisagem

A água é caracterizada como um recurso natural e essencial à vida dos seres humanos, revelando a importância do estudo de bacias hidrográficas, diante das ações antrópicas na paisagem para a preservação desse recurso. O território brasileiro foi dividido em regiões hidrográficas, conforme a Resolução nº 32, do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH).

Figura 4: Regiões hidrográficas brasileiras



Fonte: Divisão Hidrográfica Nacional (2003).

Segundo Villela & Mattos (1975), a bacia hidrográfica pode ser entendida como uma área onde a precipitação é coletada e conduzida para seu sistema de drenagem natural, sendo um ecossistema adequado para avaliação dos impactos causados pela atividade humana, que podem acarretar riscos ao equilíbrio e à manutenção da qualidade da água. Segundo Porto e Porto (2008), as bacias hidrográficas compõem-se de um conjunto de superfícies vertentes e de uma rede de drenagem formada por cursos de água que confluem até resultar em um leito único em seu exutório, sendo o palco unitário de interação das águas com o meio físico, biótico, social, econômico e cultural (YASSUDA, 1993). Logo, considera-se como um ente sistêmico permitindo que sejam delineadas bacias e sub-bacias onde ocorre a vida humana (PORTO; PORTO, 2008).

Apesar de uma legislação ambiental e urbana bastante eficiente e a existência de uma Política Nacional dos Recursos Hídricos (Lei nº 9.433/97), a gestão da água no Brasil ainda é ineficaz e fragmentada, e a falta de uma institucionalização administrativa de âmbito regional

também impõe barreiras à construção de um sistema de gestão mais justo (MORAES, 2018). A Lei nº 9.433/97 apresenta uma política de recursos hídricos e organizou o sistema de gestão por bacias hidrográficas em todo o território da União. A legislação define as atribuições dos Comitês de Bacia Hidrográfica, estando entre elas as obrigações de articulação entre os diversos agentes, a atuação em primeira instância em caso de conflito, a aprovação do Plano de Recursos Hídricos e a garantia da sociedade civil como forma de dar legitimidade às decisões tomadas. Em 2001, foi criada a Agência Nacional de Águas (ANA), de forma a complementar a estrutura institucional da gestão de recursos hídricos do País, sendo a entidade operacional do sistema com responsabilidade pela implantação da Política Nacional de Recursos Hídricos e que detém o poder outorgante de fiscalização e de cobrança pelo uso da água.

Nos estudos em planejamento regional, as bacias hidrográficas são utilizadas como unidade de planejamento, endossada pela Política Nacional de Recursos Hídricos e pelo documento *Agenda 21*, que permite a elaboração de instrumentos de gestão capazes de valorizar os ecossistemas naturais existentes, resultando em políticas públicas com uma visão socioambiental em escala regional. Logo, permitindo a organização e a orientação do uso do solo e de outros recursos naturais, para promover o ordenamento territorial em confluência com o meio ambiente nas diversas escalas. Todavia, há dificuldades em se lidar com esse recorte geográfico, uma vez que os recursos hídricos exigem a gestão compartilhada com a administração pública, os órgãos de saneamento e as instituições ligadas à atividade agrícola e de gestão ambiental. Segundo Botelho e da Silva (2004), as bacias hidrográficas podem ser interpretadas como células básicas de análise ambiental, em que a visão sistêmica e integrada do ambiente está implícita. O planejamento ambiental integrado de bacias hidrográficas deve estar associado ao planejamento territorial, de acordo com Rodriguez e Silva (2013), que é a única política pública com enfoque integral, sendo possível avaliar, de forma integrada, as ações humanas sobre paisagem e seus desdobramentos sobre o equilíbrio hidrológico.

Portanto, faz-se necessário a aplicação de leis que garantam a preservação das áreas verdes nos aglomerados urbanos, como forma de preservação dos recursos hídricos (SOUZA; MACEDO, 2014). Além do caráter de proteção do bioma e da fauna nativa, as Áreas de Preservação Permanente (APPs) garantem a manutenção dos ecossistemas existentes locais e podem ser utilizadas para fins recreacionais, paisagísticos e de proteção das bacias hidrográficas.

Área de Preservação Permanente é uma área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas (BRASIL, 2012, não paginado).

A Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) nº 369/06 torna a lei sobre APPs flexível, reconhecendo os casos de utilidade pública e de interesse social, regulando o uso das APPs em áreas verdes públicas e, assim, permitindo a implantação de áreas de lazer nesses locais. Segundo o Código Florestal, a Lei nº 12.651/2012 explicita que a área de preservação deve ser proporcional à secção do rio, quanto maior a dimensão, maior a área de preservação nas margens do curso d'água. A legislação também faz menção a áreas ao redor de nascente com um raio mínimo de 50 metros, garantindo a preservação local e a dos cursos d'água.

As APPs integradas às bacias hidrográficas são protagonistas em um processo, que podem ter seu potencial maximizado e alinhado entre recreação e preservação, através do sistema de espaços livres urbanos para comportar áreas resultantes da aplicação dos instrumentos da política ambiental nas cidades. Encontrar um ponto de equilíbrio entre as variáveis ambientais e urbanas relacionadas às APPs demanda uma abordagem sistêmica das bacias hidrográficas e de suas múltiplas interações com a cidade (SOUZA; MACEDO, 2014). Entende-se que tais áreas são indissociáveis do contexto social e econômico em que estas estão inseridas. Segundo Souza e Macedo (2014), o Sistema de Espaços Livres é um conjunto de espaços no qual estão sobrepostos outros sistemas urbanos com múltiplas funções, tais como: circulação, drenagem, lazer, conservação dos recursos ambientais e, assim, promover o equilíbrio ambiental e hidrológico das bacias hidrográficas. Faz-se necessário entender as bacias e suas margens como elementos do sistema de espaços livres urbanos, de forma a buscar soluções que permitam um diálogo mais adequado entre os corpos hídricos e a cidade, tomando partido das práticas sociais e culturais que ocorrem em suas margens. Assim, resgatando, muitas vezes, o caráter simbólico, cultural e social dessas áreas.

Áreas com características ambientais preservadas propiciam o equilíbrio dinâmico dos sistemas através da biodiversidade presente, a preservação do ciclo ecológico, o controle de águas pluviais e de inundações, a purificação do ar, a diminuição de ilhas de calor, a manutenção da biodiversidade, a resiliência a secas, a redução da demanda de energia, o aumento da qualidade de vida e oferecem oportunidades recreativas (SOUZA; MARCEDO, 2014).

2.2 Relação pessoa-ambiente

Nesta subseção, serão abordados os conceitos da Psicologia Ambiental através da relação pessoa-ambiente, como forma de compressão do tema.

2.2.1 Psicologia Ambiental e afetividade

Cada indivíduo fomenta relações, com pessoas e lugares, em que se permite ter a experiência do espaço, porém a análise dessas relações complexas e afetivas entre ser humano e espaço necessita de uma abordagem interdisciplinar, que inclui a Psicologia Ambiental como disciplina. Compreende-se que tanto o ser humano quanto o meio são elementos fundamentais na construção do espaço com seus lugares, suas paisagens e seus territórios, pois enriquece o entendimento geográfico da realidade (SILVA; BOMFIM, 2019). O ambiente como construção social, física, cultural e temporal, na Psicologia Ambiental, traz impressões em sua subjetividade, que pode impactar em sociedades mais saudáveis, vivas e abertas (BOMFIM, 2018). A Psicologia Ambiental como campo interdisciplinar se volta para o estudo das relações bidirecionais pessoa-ambiente, este inserido em um contexto social (MOSER, 1998). Segundo Moser (1998), a especificidade da Psicologia Ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. As pessoas influenciam o meio, ao mesmo tempo em que são influenciadas por ele, estabelecendo uma relação compartilhada de trocas mútuas que possibilitam encontros que fomentam relações de afeto. Ao transformar seu entorno, o ser humano é também transformado por ele (ITTELSOON *et al.*, 2005).

O diálogo entre as disciplinas que estudam o espaço, como a Geografia, a Arquitetura, o Urbanismo e a Psicologia Ambiental, oferecem suporte para a investigação do efeito dos ambientes sobre o comportamento das pessoas, fomentando a influência ambiental no ser humano em suas relações pessoa-ambiente. Sendo assim, especificamente os estudos direcionadas sobre a vinculação e os laços afetivos com o lugar, emergem diretamente na década de 1990 dentro da Psicologia Ambiental em nosso País (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Segundo Vygotsky (1991), existe uma importância do afeto enquanto organizador interno das ações humanas, logo é reconhecível que toda objetividade parte da subjetividade, em que cada indivíduo tem as suas concepções singulares e coletivas a respeito do espaço. Todo cidadão possui vínculos com a cidade ou com qualquer outro lugar que habite, não sendo algo homogêneo e que varia de indivíduo para indivíduo, e pode ser expressado por sentimentos distintos.

Para aprofundar os estudos na relação pessoa-ambiente, faz-se necessária a compreensão dentro da Psicologia sobre o afeto, que se compreende pelas afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída (SPINOZA, 2007). Para Spinoza (2007), estar no mundo significa se relacionar com ele, logo se afetar. O ser humano está

constantemente em troca com o universo, numa confluência ativa: “ter comércio com outras coisas é ser produzido por outras ou produzir outras” (SPINOZA, 2007, p. 43). Spinoza (2007) relata que a noção de encontro ultrapassa toda existência social, que nos coloca em contato com os afetos e as diferenças inerentes à vida em sociedade. Os encontros são a condição para nos produzirmos como humanos, que refletem na alegria em que o corpo se sente mais forte e aberto para o contato social. Portanto, o corpo é uma porta de contato com o mundo e as variações afetivas experimentadas dão indícios de nossas conexões com aquilo que nos cerca. A afetividade é parte inalienável do sujeito e o modo como ele é afetado pelos outros corpos pode potencializar sua ação, conduzindo-o à alegria e à liberdade, ou despotencializá-lo, gerando tristeza e passividade (SPINOZA, 1983). Os afetos são as afecções do corpo que aumentam ou reduzem a sua potência de ação, bem como as ideias dessas afecções (CHAUÍ, 1983).

Para Vygotsky (1991), a formação de conceitos pelo ser humano é realizada pelo pensamento, pela linguagem e pelas emoções, que são elementos moderadores no processo de relação da pessoa em que ao mesmo tempo que se transforma, modifica o contexto em que vive. Para Bomfim (2003), a afetividade como expressão simbólica do espaço é muito estudada pela Psicologia Ambiental, por ser uma dimensão psicológica, diretamente integrada aos processos cognitivos.

Acreditamos que a análise dos afetos também pode ser estendida ao contexto das relações entre o humano e a natureza. Trata-se da experimentação de afetações recíprocas, em algumas ocasiões quase imperceptíveis, mas que operam mudanças significativas no humano e na natureza, uma vez que cada “corpo é afetado de muitas maneiras” (SPINOZA, 1983, p. 136).

Segundo Santos (2019), a experiência urbana se compõe de corpos trafegando pelos lugares e experimentando espaços desviados de suas funções primeiras. É necessário fazer outros afetos circularem na cidade contemporânea, em que nossos corpos possam experimentar de forma visual ou tátil a cidade, interpretando seus diferentes tempos e significados. É meu corpo, sujeito da experiência, aquele por meio do qual meus pensamentos e meus sentimentos entram em contato com os objetos.

Ainda segundo Vygotsky (2007), a emoção trabalha como uma função psicológica superior, que está relacionada ao nosso pensamento, à memória, à vontade e à linguagem, revelando o caráter social e cultural dos sentimentos e das emoções, além de conectá-los com a experiência do indivíduo. Damásio (2000) relata que embora consciência e emoção sejam fenômenos distintos, ambos estão intimamente ligados, pois quando a consciência está ausente, a emoção também está. O autor considera que assim como a emoção, a consciência relaciona-se com a sobrevivência, a razão e a emoção não podem ser separadas, pois ambas interagem

entre si. Alguns estudos com pacientes que tiveram lesões cerebrais em regiões associadas às emoções demonstraram que como consequência perderam a capacidade de tomar decisões racionais, embora sua memória e seu raciocínio lógico permaneçam intactos. As emoções apoiam o raciocínio, principalmente quanto a questões pessoais e sociais que envolvem conflitos e riscos (DAMÁSIO, 2000). “As lesões neurológicas sugerem simplesmente que a ausência seletiva de emoção é um problema. Emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual a razão não pode operar a contento” (DAMÁSIO, 2000, p. 62). Bomfim (2003) sugere que os afetos não afastam o ser humano da racionalidade, mas propiciam-lhe experimentar uma “racionalidade ético-afetiva na cidade”, a qual possibilita a criação de espaços de ação coletiva.

Por afetividade, entende-se a implicação do sujeito com o outro e com o mundo, sendo uma dimensão inalienável do ser humano (HELLER, 1993). Segundo Sawaia (2011), a afetividade é uma categoria analítica que resguarda a capacidade de desestabilizar o que está predominantemente posto, proporcionando a transformação social e a possibilidade de falar do ser humano em sua totalidade. O autor elege a afetividade como categoria ética e política fundamental na constituição da identidade, busca da felicidade e apropriação dos territórios. Logo, a afetividade não deve ser estudada de forma apartada da ética ou da razão, mas como dimensão fundamental na construção da ação e da subjetividade humana (PONTE, 2010). Em nossa sociedade, comumente, é colocada a racionalidade *versus* a afetividade, como termos opostos, considerando os afetos mais próximos do caráter irracional da condição humana, apesar da importância de se considerar as dimensões, afetiva e cognitiva, como indissociáveis para compreensão das relações estabelecidas pelos seres humanos (SAWAIA, 2011). Sendo assim, os estudos envolvendo o espaço não devem estar desvinculados da esfera afetiva e das relações subjetivas que são compartilhadas neste.

Entende-se a afetividade como categoria fundamental para se compreender as inter-relações pessoa-ambiente. Nesse sentido, Bomfim (2003) acrescenta que, embora associados a conteúdos intelectuais, valores e representações, os sentimentos são configurações afetivas mais estáveis, sendo menos reativos a estímulos passageiros. Ela é também a via pela qual o sujeito identifica-se com o ambiente, de onde derivam os laços afetivos que as pessoas criam com os lugares, necessitando estarem próximas a ele, à medida que esses lugares apresentam recursos físicos, biológicos, emocionais etc., que suprem suas necessidades (GIULIANI, 2004). Em suma, a afetividade é o encontro do indivíduo com a sociedade em que integra aspectos do conhecimento, da percepção e da orientação do espaço, sendo o espelho das relações que

surtem no decorrer das histórias das pessoas. Segundo Sawaia (1995), a afetividade irá produzir emoções, que são reações afetivas momentâneas inconscientes ou conscientes. Entretanto, analisar o significado afetivo do ambiente para o ser humano é uma forma de pensar de que maneira esse significado interfere na sua implicação, física e psicológica, nas reflexões de suas ações nos ambientes experienciados.

2.2.2 Vínculo com o lugar e Resposta Afetiva

Segundo Sime (1986), a diferença de “espaço”, compreendido como apenas ambiente físico e “lugar”, está relacionado ao sentimento entre pessoa-ambiente em relação ao espaço experienciado. Sobretudo entre 1960 e 1970, o termo “lugar” começou a ser estudado e compreendido como espaço no qual é dotado de afeto pelo ser humano (SIME, 1986). O autor afirma que conceito de “lugar” ou de “topo”, descrito também pelo filósofo Aristóteles, não é novo, sendo definido pela dimensão da relação entre a pessoa e o ambiente físico, que emerge o sentimento de pertencimento, somado à importância da conjuntura temporal ao espaço. Tuan (1977) define “lugar” como uma das condições psicológicas mais profundas da existência de cada ser humano, sendo o ponto particular de cada um no tempo e no espaço. De acordo com Tuan (2012), todo o cidadão possui vínculos com a cidade e com o lugar em que habita, logo, temos uma variação para cada indivíduo que pode ser expressada por sentimentos distintos. Como arquitetos, urbanistas e demais pesquisadores que possuem a cidade como objeto de estudo, tendem-se a possuir uma visão romântica do espaço, porém o autor cita que muitas pessoas se sentem totalmente indiferentes em relação aos ambientes que moldam suas vidas, todavia, quando a relação com o espaço é estabelecida, tem o poder de elevar um “lugar” para tornar-se o portador de eventos emocionalmente carregados. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83). O termo “topofilia”, por exemplo, é o que Tuan (1983) caracteriza entre o amor humano pelo lugar, uma espécie de sentimento que liga o ser humano com as raízes de um ambiente. Tuan (1983) diferencia os “espaços” de “lugares”, de maneira que o espaço se relaciona ao não familiar e que pode gerar certo sentimento de insegurança perante o desconhecido. Os lugares, por outro lado, são concebidos como espaços dotados de valor, tornam-se significativos pela vivência do ser humano (CORRALIZA, 1998). Além disso, o apego ao lugar e sua conjunção tem grande amplitude de nomenclatura na bibliográfica específica, como: topofilia, lugar,

territorialidade, identidade de lugar, identidade espacial, identificação com o lugar e sentido de lugar (SPELLER, 2005). Portanto, essa variável de nomenclaturas estipuladas ocasiona uma imprecisão na identificação do fenômeno a ser estudado, o que revela um longo caminho de estudo dentro da Psicologia Ambiental, para que as relações subjetivas sejam cada vez mais aprofundadas e desmistificadas.

O apego ao lugar é considerado uma necessidade humana fundamental, intrínseca ao ser humano. Segundo Relph (1976), uma necessidade que a sociedade contemporânea está cada vez menos capaz de satisfazer devido ao relacionamento meramente funcionalista da arquitetura que visa atender aos interesses capitalistas. O autor propõe a hipótese de que os laços afetivos, abordados neste trabalho, são universais e necessários para um relacionamento autêntico com o ambiente. Segundo Giuliani (1991), o apego é definido como o laço afetivo entre um indivíduo e um lugar, acompanhado do desejo de estar próximo a esse local, sendo atrelado à avaliação positiva da qualidade do local, diante das necessidades do indivíduo e do significado que tem para a sua identidade social. A permanência prolongada de um indivíduo a um lugar é reconhecida como uma das características do apego a um local (STOKOLS; SHUMAKER, 1981). Segundo Giuliani *et al.* (2000), o local de maior afeição é o de nascimento do indivíduo, sendo os lugares conectados à infância.

Segundo Elali e Medeiros (2010), o apego ao lugar enfatiza três dimensões para o entendimento do fenômeno: funcional, simbólica e relacional. A dimensão funcional diz respeito ao espaço físico como elemento que interfere nos comportamentos. A dimensão simbólica como conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual. Por último, a dimensão relacional, que corresponde à interação dinâmica entre o envolvimento social. Para a criação do vínculo, o fenômeno desenvolve-se gradualmente e exige tempo para consolidar-se, tendo como influência as seguintes características: contínua avaliação da qualidade ambiental perante as necessidades do indivíduo; significado do lugar para a sua própria identidade, tempo de residência e familiaridade com o local (GIULIANI *et al.*, 2000). Segundo Bonfim (2010), aspectos como a segurança, o conforto e a acessibilidade são fatores que influenciam diretamente a relação da pessoa com seu entorno, interferindo em suas relações sociais e na forma como utilizará o espaço, alterando, assim, sua qualidade de vida e criando respostas afetivas ao local.

Fried (1963) relata a importância das estruturas sociais para que os indivíduos caracterizem o espaço como um lugar, sendo a ruptura desses laços sociais responsáveis pela configuração ou não de “lugar” para cada indivíduo e a uma resposta afetiva sobre o espaço. O autor cita que a importância histórica e as memórias no espaço são importantes aspectos para a

relação afetiva pessoa-ambiente. Segundo Milligan (1998), o laço emocional entre indivíduo e espaço emerge a partir da interação das memórias experienciadas e das expectativas criadas do que será vivenciado no lugar. Graumann (1983) relata que existe uma necessidade do ser humano de estabelecer vínculos com o ambiente, para que o lugar se torne passível de identificação, pode-se basear em três pontos: identificar o ambiente, ser identificado e identificar-se com o ambiente. Segundo o autor, não há identidade social que não tenha relação com o lugar. Logo, a identidade social é um importante aspecto sobre a resposta afetiva do ser humano ao lugar.

O lugar é um fenômeno total composto por três elementos interligados de uma paisagem específica, quer construídos, quer naturais; um padrão de atividades sociais que deviam ser adaptadas as vantagens ou virtudes de um local particular e a um conjunto de significados pessoais compartilhados (RELPH, 1985, p. 15).

Segundo Bonfim (2010), as cidades não são formadas apenas por sua estrutura física, mas sim pelas histórias individuais e coletivas que estão condensadas em suas paisagens, nas quais as memórias estão guardadas. Sawaia (1995) declara que a cidade, como os elementos que a constituem, portam em si histórias, desejos, carências e conflitos. Portanto, esses elementos perpassam diferentes entidades: corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura etc. Dessa forma, os espaços construídos estabelecem relações e impulsos cognitivos e afetivos próprios (SAWAIA, 1995). Sawaia (1995) declara que cidade e ser humano compartilham a mesma subjetividade e a mesma materialidade, pois os processos vitais de ambos se entrecruzam rompendo as barreiras entre subjetividade e objetividade.

Já para Low e Altman (1992), o sentimento de vinculação ao lugar estabelecido pelo ser humano envolve os seguintes agentes: lugares, atores, relações sociais e aspectos temporais. A identificação com um lugar é concebida em termos teóricos como um conglomerado de cognições a respeito dos contextos físicos com experiências positivas e negativas (PROSHANKY, 1987). Sendo a relação de vinculação ao lugar apenas emergida a partir das cognições positivas (GIULIANI *et al.*, 2000). A vinculação ao lugar refere-se ao sentimento de posse que o indivíduo desenvolve em relação a um território específico (BROWER, 1980).

A superfície da terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e a abundância de formas de vida, muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura - uma possível perspectiva entre muitas (TUAN, 1980, p. 27).

As mudanças de localidades são recorrentes na vida das pessoas e fazem parte do desenvolvimento humano, como a saída do campo para cidade ou a ida para uma capital em busca de novas oportunidades no mercado de trabalho. Embora para algumas pessoas essas mudanças possam ser positivas, para outras é difícil serem consumadas, sem ruptura ou desestabilização dos sentimentos internos (FISHER; COOPER, 1990). Segundo os autores, três eixos devem ser analisados quando falamos de mudanças envolvendo a vinculação afetiva, a saber: tempo, escala e localização. Esses três fatores influenciam o vínculo afetivo, o que a “resposta afetiva” do ser humano ao ambiente em que possui o laço de afeto. As mudanças de cidade fazem as pessoas questionarem a sua identidade social, além de reconsiderarem suas expectativas a respeito do futuro em suas esferas sociais e territoriais, abalando o sentimento com o lugar em que vivem. As mudanças de grande escala, como desapropriações ou residências atingidas por desastres naturais, representam perdas significativas ao ser humano em suas questões afetivas com o local e consigo mesmo (MANSANO, 2016). Da mesma forma que mudanças graduais no local de afeto vivenciados pelo indivíduo tendem a ser melhor aceitas quando acontecem através de uma extensa duração ao longo do tempo, para que, assim, o indivíduo se acostume com a nova conformação espacial e possa criar novos laços afetivos. Pequenas mudanças no modo de vida do ser humano podem ser assimiladas e acomodadas, sem haver um reajustamento dramático dos sentimentos, no entanto mudanças profundas no nosso espaço de vida que sejam duradouras nos seus efeitos e que sejam realizadas durante um período de tempo, relativamente curto, não são facilmente assimiladas, afetando a identidade social dos envolvidos, estabelecendo uma nova resposta afetiva (EPSTEIN, 1971).

Sobre esse argumento, Fried (1953) insiste que os impactos psicológicos e sociais a respeito da ruptura da pessoa com o ambiente em que vive podem-se ser comparáveis as características do luto pela perda de uma pessoa. O autor explica que a perda influencia a identidade social e espacial do ser humano que se reconhece naquele lugar. Já no estudo desenvolvido por Morris (1958), o sentimento de descrença, de raiva e de depressão surgem como resposta afetiva quanto maior o envolvimento com a área de origem, após uma grande mudança ou uma desvinculação do lugar. Por muitas vezes, até mesmo a mudança de vizinhos para uma nova área acaba destruindo o sentido de identidade de grupo de muitos indivíduos que permanecem vivendo no local. Cooper (1972) também afirma que a casa, o lar, é uma extensão do seu ocupante e faz parte da sua identidade social. Os estudos de Siebra e Bomfim (2006) também mostram que a desapropriação e a expulsão da casa e do local de moradia afetam profundamente a saúde mental e física de habitantes sujeitos a esse tipo de pressão psicológica.

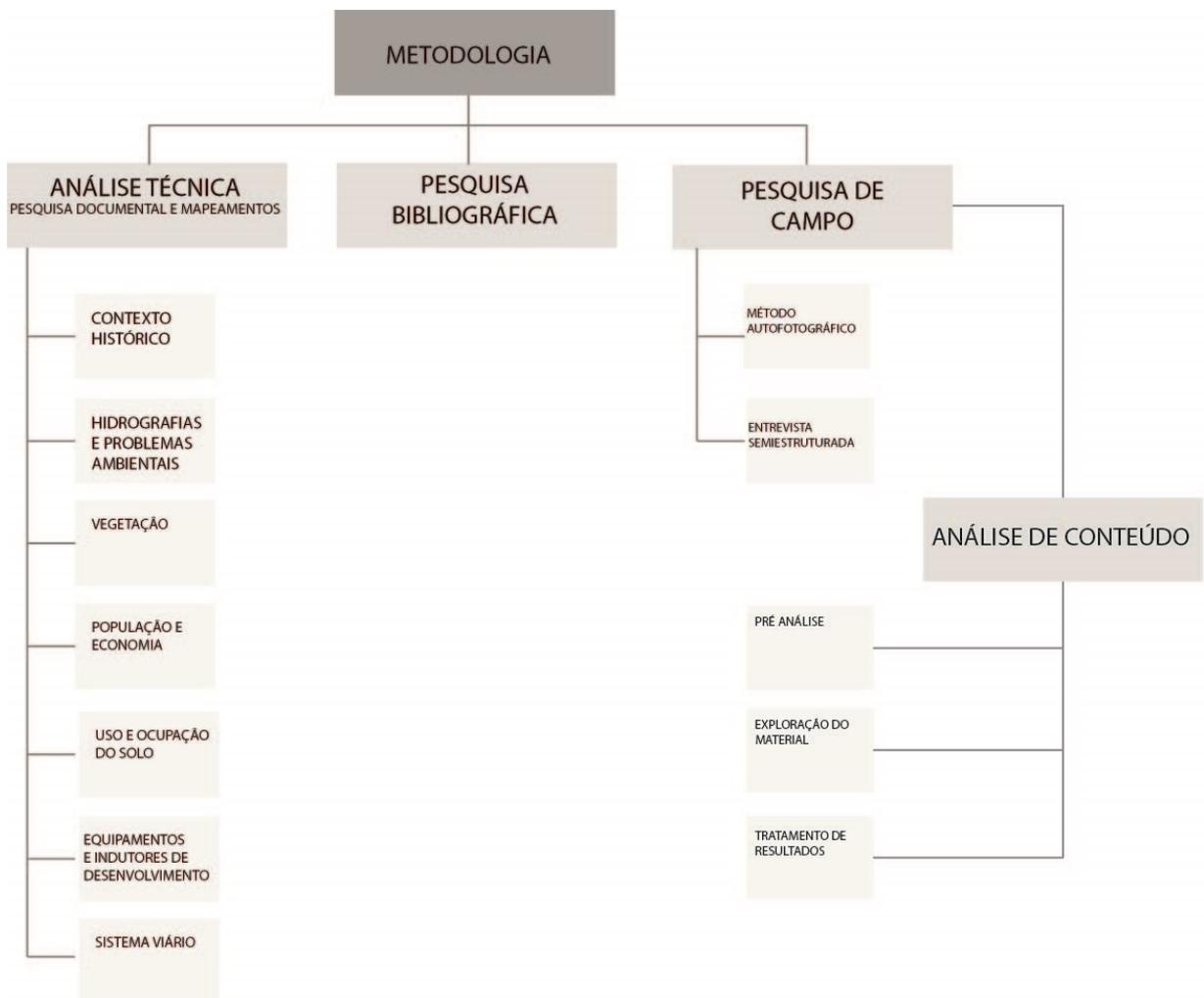
A construção de uma “nova vida”, como resposta afetiva com o lugar, com a criação de novos territórios, a partir de uma mudança de moradia, no momento que os vínculos com o local são forçados a serem finalizados, pode afetar diretamente o ser humano. O espaço relacional e o espaço vivido demandam tempo para serem reconfigurados, o que significa que a criação de novos territórios não ocorre imediatamente. Isso é corroborado por Proshansky *et al.* (1983), que indicam que a relação pessoa-ambiente está sempre em um processo dinâmico, logo em constante transformação.

Segundo Mansano (2016) e Mansano e Pereira (2020), existe uma relação de nosso corpo exposto a outros corpos, humanos ou não humanos, com o poder de afetarem e serem afetados. Tal concepção possibilita compreender como é frágil e inconsistente a separação entre pessoa-ambiente. Assim, até mesmo nossa condição de corpos individuados acaba sendo definida pela situação relacional, pelas conexões que, visíveis ou não, estabelecem-se entre os mesmos corpos.

3. Metodologia

A metodologia aplicada neste trabalho foi de origem qualitativa, logo foi separada em duas fases para conseguir atingir o objetivo proposto neste estudo. Quanto à natureza de seu objetivo, apresenta-se como descritiva e de caráter exploratório, em que os principais procedimentos adotados são uma análise técnica da área e a pesquisa de campo, com a investigação do estudo de caso, aprofundando pelo recorte da área. Na Fase 01, como forma de compreender as transformações da paisagem através de um olhar técnico, foi realizado um diagnóstico urbano de análise da área com levantamento de dados para compreensão do fenômeno ocorrido ao longo dos anos. Na Fase 02, para interpretar as relações entre pessoa-ambiente, foi empregado o método autofotográfico (ZILLER, 1990), seguido de uma entrevista semiestruturada aplicada aos participantes.

Figura 5: Estrutura metodológica da pesquisa



Elaboração própria (2022).

3.1 Pesquisa bibliográfica

O referencial teórico foi pautado em publicações de cunho científico, nacionais e internacionais, aprofundando os conceitos pela visão de diversos autores. Através da pesquisa bibliográfica, procurou-se adquirir conhecimentos sobre a motivação e o objeto de pesquisa, e a transformação da paisagem da área de estudo, a partir da busca de informações advindas de estudos e de levantamentos já realizados. A aquisição de conhecimentos através da pesquisa bibliográfica caracteriza parte da pesquisa como teórica, que visa ao levantamento de dados secundários, já catalogados, como forma de construir relações entre os autores abordados para elaborar a pesquisa com maior clareza. Além de artigos e de documentos indicados por outros pesquisadores ou extraídos das referências de outros artigos.

O referencial teórico foi constituído através dos principais autores nas referidas áreas de atuação e das pesquisas nos bancos de dados nacionais e internacionais para compreensão dos temas, a partir de uma revisão sistemática da literatura. Essa busca sistemática foi de caráter mais restritivo e teve por objetivo procurar estudos similares ao proposto neste trabalho. A busca de textos científicos revisados por pares foi efetuada no dia 2 de fevereiro de 2021, sendo trabalhos publicados nos últimos 20 anos. Os descritores aplicados foram: (affectivity) AND (architecture OR urbanism). A consulta em bases de dados foi realizada na Scopus®, na Web of Science® e na Scielo®, nos idiomas: português e inglês. Após a análise dos textos encontrados pela similaridade com o tema ou a relevância para a pesquisa, 18 artigos foram analisados. A partir desse ponto, os demais autores foram encontrados através do efeito conhecido como “bola de neve”, em que a partir do material estudado foram sendo conectados com demais autores sobre os referidos temas. O referencial teórico foi construído com base nos temas que permitissem dar subsídio à pesquisa e à compreensão para a análise dos resultados.

Para a caracterização e a análise da paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim, a referência metodológica consistiu na análise do contexto histórico da transformação, com o objetivo de comparar os elementos existentes com os do passado. Logo, foram consultados estudos de cunho científico, análise de dados e fotos de satélite para desenvolver o tema e realizar a comparação entre os anos analisados.

3.2 Pesquisa documental e mapeamentos

Os dados sobre a Bacia Hidrográfica do Maruim foram levantados através do estudo de sua história e de suas características socioambientais, através de mapas e de levantamentos fotográficos do território, com imagens de satélite, comparando o passado e o presente. Foram analisados a conformação da malha urbana, a evolução populacional, os investimentos públicos, a alteração no uso e na ocupação do solo e os recursos naturais através dos mapeamentos existentes da área e os que foram elaborados pelo autor deste trabalho. Além destes, foram consultadas as fontes de dados secundários disponíveis na internet, tais como:

- Secretaria da Agricultura de Santa Catarina
- Secretaria Estadual do Meio Ambiente
- Prefeituras Municipais de São José, de Palhoça e de São Pedro de Alcântara
- Comitês de Bacias Hidrográficas de Santa Catarina

- Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
- Legislação Federal, Estadual e Municipal referente às políticas urbanas e ambientais.

Como forma complementar, foram utilizados documentos, jornais e relatórios técnicos expedidos por órgãos governamentais. Referente ao levantamento do processo histórico, foi executada uma pesquisa bibliográfica sobre estudos que já abordaram a supracitada área. Incluirá, também, uma abordagem imagética, através da análise e da interpretação de imagens, fazendo um comparativo do antes e do depois da transformação do território, analisado através de *softwares* para elaboração dos dados geográficos.

3.3 Método autofotográfico e entrevista semiestruturada

A etapa desenvolvida neste subcapítulo referiu-se ao momento da pesquisa que envolve a interrogação direta das pessoas, cuja percepção do processo histórico se deseja conhecer através do olhar dos moradores da área delimitada, relacionado à afetividade com o local, no processo de transformação da paisagem. Entende-se que os dados coletados nas entrevistas são subjetivos, por estarem relacionados aos valores, às atitudes, às opiniões e aos sentimentos dos sujeitos entrevistados, sendo este justamente o objetivo da proposta.

A entrevista se desenvolveu a partir da aplicação do método autofotográfico (ZILLER, 1990). A utilização desse método foi uma estratégia para acessar os afetos dos participantes em relação à paisagem, pois, antes que a pessoa seja entrevistada, esta foi convidada a manifestar-se de modo mais espontâneo, seguindo da entrevista semiestruturada. Os participantes foram convidados a realizar três registros fotográficos no início da entrevista, através de um aparelho *smartphone* com câmera digital disponibilizado pelo pesquisador, ou com a utilização do *smartphone* próprio, caso solicitado. As fotografias foram registradas em locais que expressem o vínculo afetivo do morador com o local, para que se possa acessar os sentimentos e as emoções do sujeito em relação à paisagem e suas transformações. Após o registro fotográfico acompanhado pelo pesquisador, as entrevistas foram conduzidas por um roteiro preestabelecido, abordando a transformação local, para conseguir compreender o impacto no cotidiano dos entrevistados com as alterações ocorridas no lugar. A entrevista é caracterizada como semiestruturada, apresentada no Anexo A deste trabalho, por combinar perguntas abertas e fechadas, em que o participante discorre sobre o tema proposto e o pesquisador segue um conjunto de questões previamente definido. Esse formato permite uma abordagem informal

para que o participante se sinta confortável em expressar sua opinião. Logo, consiga-se obter respostas espontâneas e, com isso, possibilitando uma maior proximidade entre ambos, colaborando para a investigação dos aspectos afetivos entre ser humano e a paisagem.

Selecionou-se dentro da área de estudo da Bacia Hidrográfica do Maruim o local que passou por maior alteração na paisagem, como forma de aprofundar os estudos na relação pessoa-paisagem. Para isso, foi analisado o diagnóstico técnico da área e determinado a Vila Koerich, em São José (SC), como a área de aprofundamento, devido às suas transformações históricas, sociais, econômicas e visuais com as justificativas para o aprofundamento nessa área; além de sua importância no crescimento da região de estudo. Os participantes foram abordados, inicialmente, na rua para participação e depois foi empregado o efeito de bola de neve para atingir o número total de participantes da pesquisa. O método consiste em solicitar ao último respondente uma indicação, até a saturação teórica dos dados definida pelo pesquisador.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: (a) ter idade superior a 18 anos; e (b) residir na região no mínimo dez anos. O critério estabelecido de moradores de, no mínimo, dez anos é para que se obtenha uma análise comparativa entre o passado e o presente mais clara, garantindo que os entrevistados tenham claro as transformações ocorridas entre o período de 2010-2020, período este que foram identificadas as principais e mais intensas transformações na paisagem dessa área. Contudo, o critério estabelecido não elimina as observações realizadas pelos entrevistados além desse período, compreendidas também como resultado desta pesquisa. Conclui-se, no capítulo 5, que a região passou por diversas transformações ao longo das últimas décadas, que se intensificaram nos últimos dez anos. Portanto, definiu-se esse período como recorte temporal de análise, para também nortear o entrevistado em sua participação.

Segundo Guerra (2006), o número razoável para uma compreensão aprofundada em pesquisas em ciências humanas seria entre 15 e 20 entrevistas, baseando numa análise comparativa através da construção de tipologias, de categorias e de análises temática. No presente estudo, para a determinação da quantidade final de participantes, foi utilizado também o critério da amostragem por saturação (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Observou-se que, a partir das 12 primeiras entrevistas, não houve um acréscimo de novas informações. Por fim, para determinação do número de participantes, foi estipulado o critério correspondente a 10% dos moradores do recorte da área de estudo, totalizando, aproximadamente, 15 participantes.

Ao abordar o participante, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob o número de parecer 5.239.354. Aos

entrevistados, foram assegurados o sigilo e o anonimato, em virtude disso, no decorrer da apresentação dos resultados dessas entrevistas, os participantes serão identificados pela letra “E”, somado a um número de 1 a 15. No primeiro contato, foi exposto o objetivo da pesquisa e esclareceu-se algumas dúvidas, diante do aceite, foram fornecidas instruções acerca da utilização do uso do *smartphone* para o registro fotográfico. A cada participante foi solicitado que realizasse três fotografias, cada qual tirada individualmente, indagados através do seguinte questionamento: “Expresse, através de três fotografias, lugares que expressem o seu vínculo afetivo com o local”. O pesquisador acompanhava o participante até o local escolhido para a primeira fotografia e as demais, por seguinte. Salienta-se que a maioria dos participantes tinha pleno domínio do aparelho utilizado para os registros, dispensando auxílio do pesquisador e diminuindo a interferências na escolha e no tempo de registro da foto. Inicialmente, foi solicitado o registro sobre os lugares com maiores vínculos afetivos para serem registrados, para que, de tal forma, os participantes conseguissem compreender sua relação com o espaço e, assim, o pesquisador ser capaz de indagar sobre as transformações locais.

Segundo Dollinger e Clancy (1993), o método autofotográfico é constituído na grande maioria dos estudos por 12 fotos. Logo, foram realizados testes com 12, nove e seis fotografias, até chegar o número de três imagens, compreendeu-se que, devido à delimitação da área e à escassez de elementos visuais denotados de significado afetivo pelos participantes abordados, a resultante fosse de três imagens por participantes sem que haja saturação de informações⁴.

Após a realização dos registros fotográficos, os participantes foram abordados através de uma entrevista semiestruturada a respeito das fotografias capturadas. Em seguida dos registros efetuados, as fotografias foram visualizadas pela própria tela do *smartphone*, em que se começava a indagação acerca das imagens. Na entrevista, o participante, inicialmente, foi questionado sobre as dificuldades da experiência e, posteriormente, o roteiro semiestruturado.

A primeira pergunta do roteiro, apresentada no Anexo A, teve como objetivo entender a motivação para o registro fotográfico para interpretar a relação com o lugar registrado:

(a) “Qual motivo você registrou/escolheu as fotos/lugares um, dois e três?” A pergunta tem como objetivo limitar a interpretação livre do pesquisador a respeito das imagens registradas pelo participante.

⁴ Conforme o estudo de Rorer & Ziller (1982), que também utilizou três fotografias para obter os dados, alcançando resultados satisfatórios.

(b) “Identifique uma palavra, entre as apresentadas na lista, para descrever o local a partir das transformações ocorridas nos últimos dez anos”. Logo, as palavras foram categorizadas na Lista de Estado de Ânimo Reduzida (LEA-RI) (VOLP, 2000) apresentada aos entrevistados, que consiste em uma lista de 14 adjetivos para avaliar os estados afetivos: feliz, ativo, calmo, leve, agradável, tímido, cheio de energia, triste, espiritual, agitado, pesado, desagradável, com medo e inútil. A LEA-RI foi desenvolvida para determinar os estados de ânimo em diferentes populações e sua validade concorrente confirmada em diversas faixas etárias (VOLP, 2000). Segundo Bonfim (2010), quando falamos de sentimento, entramos em uma área mais subjetiva do ser humano e difícil de ser abordada, variando conforme as experiências de cada indivíduo, por isso permitiu-se que os entrevistados expressassem em uma única palavra seus afetos em relação aos lugares que possuem vínculo afetivo e como foram transformados ao longo dos anos, e, após, foi realizada a categorização através dos estados de ânimo, agrupando em termos de mesma ordem semântica. Os estados de ânimo são respostas afetivas que se apresentam de maneira suave para as interações cognitivas e comportamentais em função de uma diversidade de objetivos. Para Deutsch (1997), o estado de ânimo possui características que se alteram de acordo com cada indivíduo, permitindo aos envolvidos uma ação autorreguladora, mantendo os estados de ânimo positivos ou favorecendo a eliminação dos negativos. Segundo Dalgalarondo (2000), o estado de ânimo pode ser definido como o tônus afetivo do indivíduo, que modifica a forma de percepção das experiências reais, variando de acordo com as circunstâncias encontradas no meio externo.

(c) “Quais as qualidades positivas e negativas desse lugar?” Como forma de compreender as fotografias e a motivação dos afetos de cada participante, a pergunta procurou buscar as características, físicas ou não, que podem gerar vínculo do ser humano com o local e sua resposta afetiva. Segundo Giuliani (1991), o apego é definido como o laço afetivo entre um indivíduo e um lugar, sendo atrelado à avaliação positiva da qualidade do local perante as necessidades deste.

(d) “Sobre o lugar fotografado, você lembra como era anos atrás? O que mais mudou? As mudanças foram boas ou ruins na sua opinião? Elas influenciaram na sua vida?” Como forma de fomentar a discussão sobre as alterações na paisagem, a pergunta foi apresentada ao entrevistado não apenas abordando os registros fotográficos, porém em um contexto mais amplo de alterações que vão além da fotografia, permitindo que possa expressar suas concepções livremente.

(e) “Coloque em ordem as fotos, sendo a primeira foto que registra o local com as maiores

alterações nos últimos anos e a que menos apresenta mudanças.” Para essa pergunta, foi utilizada a técnica de fotografia de investigação denominada de ordenamento de fotografias (CAVALCANTE; MACIEL, 2008), para que o participante observasse os locais registrados que mais representam o seu vínculo afetivo com o local de estudo, relacionando com as transformações ocorridas, para assim mensurar a resposta afetiva. A técnica de ordenamento de fotografias consiste em solicitar aos participantes que disponham em ordem crescente ou decrescente as imagens apresentadas, segundo um critério determinado, com o objetivo de avaliar a relação que os respondentes estabelecem entre as imagens.

(f) “Você participa ou já participou de algum grupo ou associação do local?” Compreendendo a importância das relações sociais para a relação de vínculo com o lugar, a última pergunta procurou entender que tipo de relações os moradores estabelecem entre si a partir de grupos sociais estabelecidos e como influenciam em seu apego pelo lugar.

Na segunda etapa da entrevista semiestruturada, foram realizadas perguntas mais objetivas em relação aos dados socioeconômicos dos entrevistados. Como são questionamentos a respeito da vida pessoal, optou-se por efetuar as perguntas no final das entrevistas como forma de não estabelecer barreiras ou intimidar o entrevistado. Os questionamentos foram feitos com objetivo de compreender as respostas e realizar o cruzamento com as perguntas da primeira etapa, para assim conseguir observar um padrão de comportamento e de respostas através de informações como: gênero, idade, formação escolar, tempo de moradia, naturalidade, profissão e renda domiciliar.

3.3.1 Fotografia como método

Segundo Donaldson (1890), o primeiro registro de uso da fotografia em pesquisa psicológica seria da última década do século XIX, sendo nesse período o reconhecimento da Psicologia como disciplina científica. A fotografia surge como possibilidades metodológicas, que estão além das mensagens numéricas e escritas utilizadas nas ciências sociais e humanas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). O emprego de fotografias se mostra importante para estudos que envolvem participantes com maior dificuldade de expressão, porque independe de habilidade escrita ou verbal (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Assim, para pessoas com dificuldade em expressar verbalmente determinados temas, como a afetividade, o uso da fotografia se revela interessante ao auxiliar na comunicação desses significados, permitindo uma melhor compreensão e interpretação desses conteúdos por parte do pesquisador. Segundo os autores, o

principal objetivo ao se trabalhar com a fotografia com a Psicologia é a atribuição de significado à imagem, maximizando os resultados ao utilizar o método com entrevistas e assegurando o procedimento metodológico como técnica de análise (ZILLER, 1990). Além disso, a fotografia se revelou instrumento de linguagem acessível para diferentes faixas etárias através do fácil manuseio e os recentes avanços tecnológicos de aparelhos que permitam registros fotográficos, como os *smartphones*. A aplicação da fotografia como método apresenta potencial para provocar novos modos de olhar a realidade. Enquanto método, a fotografia permite uma expressão do objeto estudado, assim como explora e expande os dados obtidos visando a melhor e mais completa forma de análise dos dados. “Observa-se na foto um grande facilitador do discurso, que é enriquecido com os elementos visuais.” (FELIPPE *et al.*, 2017, p. 4).

Segundo Justo e Vasconcelos (2009), a fotografia como procedimento metodológico consegue representar a realidade estudada, além de produzir e de representar um vínculo entre o autor da fotografia e o conteúdo registrado. Além de potencializar depoimentos para além da imagem observada, fazendo comunicar as representações que os participantes-entrevistados fazem do objeto de estudo em análise (JUSTO; VASCONCELOS, 2009; MAURENTE; TITTONI, 2007). Segundo Neiva-Silva e Koller (2002), podemos categorizar em quatro funções principais a utilização do uso de fotografias como procedimento metodológico, que são elas: função de registro, função de modelo, função de *feedback* e função autofotográfica.

Através do método autofotográfico, aplicado neste trabalho, cada participante recebe um equipamento que permita realizar registros fotográficos. Posteriormente, é solicitado a efetuar determinado número de fotos na tentativa de responder a uma questão específica, sendo após analisado o conteúdo destas. Somado ao método autofotográfico, são também desenvolvidas entrevistas com os participantes, com o intuito de se levantar as percepções a respeito das suas próprias fotografias, possibilitando o aprofundamento do pesquisador com o objeto de estudo. Segundo Neiva-Silva e Koller (2002), a literatura aponta que o desenvolvimento do método autofotográfico na pesquisa psicológica se deu principalmente pelos trabalhos de dois pesquisadores, sendo eles: Robert C. Ziller e Stephen J. Dollinger. Segundo Neiva-Silva e Koller (2002), o método permite que os indivíduos recriem através das fotos suas relações com o mundo, uma vez que as fotografias produzidas já não são mais apenas cópia da realidade, mas uma elaboração realizada através do olhar do indivíduo, através dos seus sentimentos. “Tal elaboração é uma construção individual produzida a partir de estímulos externos, que são processados, identificados e estão sujeitos às influências contextuais e experienciais da pessoa” (CAVALCANTE; MACIEL, 2008, p. 151). Ainda de acordo com

Neiva-Silva e Koller (2002), a relação entre o indivíduo que registra a fotografia é uma construção e seus significados são como uma representação, fruto da ação e da relação do sujeito com o meio, através das quais ele “constrói tanto o mundo quanto a si próprio” (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 151). Os autores afirmam que o método autofotográfico se revela adequado devido sua simplicidade, sua riqueza de conteúdo trazida pelas fotografias e sua superação de barreiras sociais e culturais normalmente trazidas pela linguagem verbal (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Segundo Ziller e Smith (1977), afirmam que o método autofotográfico apresenta a característica de não depender da habilidade verbal ou escrita, o que implica uma maior possibilidade da expressão do *self* sem as usuais limitações impostas pela linguagem verbal. Os autores apontam a vantagem da fotografia documentar a percepção do participante, com um mínimo de treino, evitando as desvantagens usuais das técnicas de relato verbal. É ressaltada, ainda, vantagem de não ser o pesquisador quem direciona ou induz o olhar do participante para determinada categoria de resposta. É o próprio participante quem seleciona os estímulos. Existe uma mínima interferência do pesquisador na forma do participante perceber o mundo, evitando assim o viés das expectativas sociais, bastante comuns em entrevistas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, p. 242).

Segundo Neiva-Silva e Koller (2002), quando uma pessoa direciona a câmera fotográfica para determinada cena em resposta ao ser indagado por uma pergunta, naquele instante, ela passa a mostrar algo de si. O ato de fotografar constitui-se um importante evento social que pode afetar aqueles que estão diante da câmera e ser utilizado como elemento de expressão (BURGESS; ENZLE; MORRY, 2000). Dollinger e Clancy (1993) afirmam que o pesquisador passa a ver o objeto de estudo através dos olhos dos participantes, melhor do que veria pelos seus próprios olhos e gerando novas reflexões. Segundo Amerikaner *et al.* (1980), o método autofotográfico também pode gerar resultados pela análise do aspecto temporal, ou seja, o nível em que as imagens se relacionam com o passado, o presente ou o futuro da vida da pessoa. Essa perspectiva de tempo pode fornecer importantes subsídios aos estudos de comparação temporal e de alteração da paisagem em nossas cidades.

Nesta pesquisa, as fotografias foram os recursos imagéticos para conseguir atingir os afetos dos participantes e sua vinculação afetiva com o local, com objetivo de entender a alteração das afetividades a partir das mudanças ocorridas na paisagem. No encontro da metodologia aplicada neste trabalho para elaboração do questionário complementar ao método autofotográfico, foi analisado o método de mapas afetivos como forma de uma apreensão dos afetos, desenvolvido por Bonfim (2003), para analisar a relação entre o espaço e o afeto nas cidades com base na vivência das pessoas.

[...] são imagens ou representações assentadas e sinais emotivos ou expressivos,

elaborados a partir de recursos imagéticos (desenhos, fotos, objetos de arte). Afirmamos que eles são reveladores da implicação do indivíduo a determinado ambiente... São orientadores das estratégias de ação e avaliação em níveis de apropriação (pertencer ou não a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar), identidade social urbana (conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar) (BOMFIM, 2003, p. 212).

O método autofotográfico é comparado a outros métodos de pesquisa que buscam a compreensão da linguagem não verbal, por exemplo, o desenho (ZILLER *et al.*, 1988). O desenho apresenta como vantagem a experiência lúdica aos participantes. Contudo, exige um nível de habilidade motora e gráfica que pode inibir ou limitar os resultados apresentados inicialmente, gerando uma preocupação maior com a representação em si por parte do participante, do que o conteúdo representado. Assim, foi optado, nesta pesquisa, por utilizar a fotografia como linguagem de mapa afetivo e de recurso imagético para compreensão da afetividade, devido aos pontos já destacados anteriormente.

De acordo com o proposto, todas as fotografias utilizadas se restringem unicamente à produção de conhecimento científico, como um dado de pesquisa. Nas fotografias, dessa forma, deve-se recair sobre elas todas as prerrogativas referentes à coleta de dados de qualquer outra pesquisa, como a confidencialidade, a não identificação dos participantes e o uso específico na ciência.

3.4 Análise de resultados

Os dados obtidos foram registrados pelo pesquisador, no momento da entrevista, em uma planilha de anotações. Todas as entrevistas foram gravadas por meio de aparelho de áudio digital e foram transcritas também em meio digital, e analisadas segundo a análise de conteúdo temático categorial, como proposto por Bardin (1979). Segundo a autora, a análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados através da categorização temática do conteúdo das entrevistas. Em termos qualitativos, buscou-se, na fala dos participantes, exemplos que descrevessem o teor de determinada categoria, de maneira a explicitá-la ao leitor. Já no método quantitativo, realizou-se um levantamento de frequência e de porcentagens da ocorrência de cada uma das categorias.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 47).

Depois de ouvidos, os registros dos encontros presenciais foram transcritos. Entende-se a transcrição não apenas como uma etapa de reprodução do conteúdo, mas uma busca por interpretar o material além das palavras dos participantes. “A descrição minudente, cuidadosa e atilada é muito importante; uma vez que deve captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes em seu contexto” (CHIZZOTTI, 1991, p. 82).

Segundo Godoy (1995), a análise de conteúdo, segundo a perspectiva de Bardin, consiste em uma técnica metodológica que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza. Nessa análise, o pesquisador buscou compreender as características, as estruturas ou os modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens analisadas. Para Franco (2008, p. 12), a mensagem pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental possuindo sempre a preocupação para não ser realizado”, segundo Bardin (1979), uma “compreensão espontânea” dos dados.

Na etapa de pré-análise, foram realizadas a leitura “flutuante” e a elaboração dos indicadores que orientaram a interpretação e a preparação formal do material. Os temas que se repetem com muita frequência são recortados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (BARDIN, 1979, p. 100). Para tanto, é preciso obedecer às regras de exaustividade, de representatividade, de homogeneidade, de pertinência e de exclusividade (um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria). Seguiu-se os critérios de codificação (que compreende a escolha de unidades de registro) e a classificação por temas através de palavras com mesmo significado semântico e, por fim, a categorização, que permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e, assim, agrupar as categorias estipuladas.

Já os dados oriundos da técnica de ordenamento de fotografias foram anotados em uma planilha, logo sendo tabulados e submetidos à análise de dados.

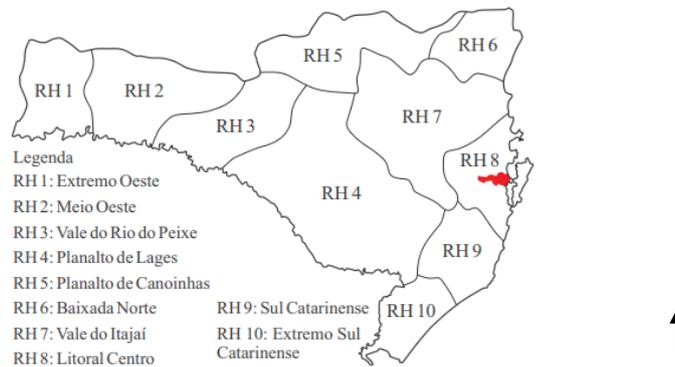
4. A Bacia Hidrográfica do Maruim

Neste capítulo, serão evidenciados a caracterização do objeto de estudo e o contexto histórico da área.

4.1 Localização

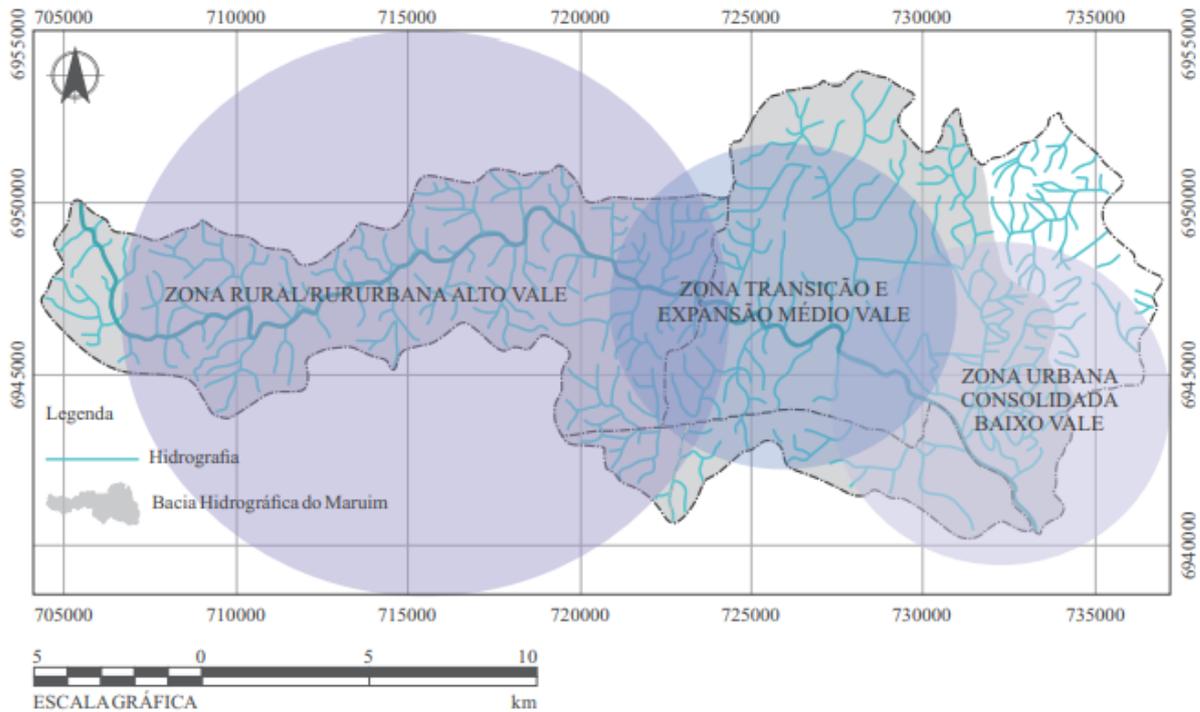
A Bacia Hidrográfica do Maruim faz parte da vertente do Atlântico Sul e está dentro da Região Hidrográfica 08, do estado de Santa Catarina, entre as bacias hidrográficas do Rio Tijucas (ao Norte) e do Rio Cubatão (ao Sul), conforme exposto na Figura 7. Ela é responsável por drenar a maior parte do município de São José, totalizando uma área de 190,342 km² ou 0,20% da área total do estado de Santa Catarina, abrangendo os seguintes municípios: São Pedro de Alcântara, São José e Palhoça. Atualmente, não possui comitê de gestão de suas águas, sendo parte integrante da Bacia do Cubatão Sul.

Figura 6: Regiões Hidrográficas do estado de Santa Catarina e localização da Bacia Hidrográfica do Maruim



Elaboração própria (2021).

Figura 7: Divisão da Bacia Hidrográfica do Maruim



Fonte: Ferreira (1994). Elaboração própria (2021).

Segundo os estudos de Ferreira (1994), pode-se dividir a Bacia Hidrográfica do Maruim em Alto, Médio e Baixo Vale. O autor classifica a área de estudo conforme a atenuação do relevo que reflete em sua ocupação. O Alto Vale concentra em seu território características rurais, no município de São Pedro de Alcântara, onde está localizada a nascente do Rio Maruim. Já o Baixo Vale é o ponto mais baixo da bacia, até seu encontro com o mar, entre os municípios de São José e de Palhoça.

4.2 Caracterização histórica

A característica tradicional de imigração açoriana e germânica aparece como um dos fatores determinantes para o povoamento na região conhecida como Vale do Rio Maruim. Todavia, já haviam, por toda a região, grupos indígenas habitando esse setor, com predomínio dos Guaranis e dos Xoklengs, que sofreram com a chegada dos imigrantes por volta de 1748 (FERNANDES, 2012). Porém, os imigrantes se depararam com muitos problemas em relação à morfologia do terreno, pela mata fechada e pela presença dos grupos Xoklengs, que ali já habitavam. Entretanto, a ocupação do litoral do estado era de grande importância para a coroa portuguesa, para garantir o domínio contra os espanhóis. Devido ao aumento da agricultura e

para facilitar a comunicação entre o Planalto e a capital, no século XIX, o governo resolveu estabelecer uma conexão viária. Muitos produtos feitos pelos imigrantes açorianos em São José começaram a ser comercializados com o Planalto, sendo a principal rota durante muitos anos, através da Região do Rio Maruim (FERREIRA, 1994).

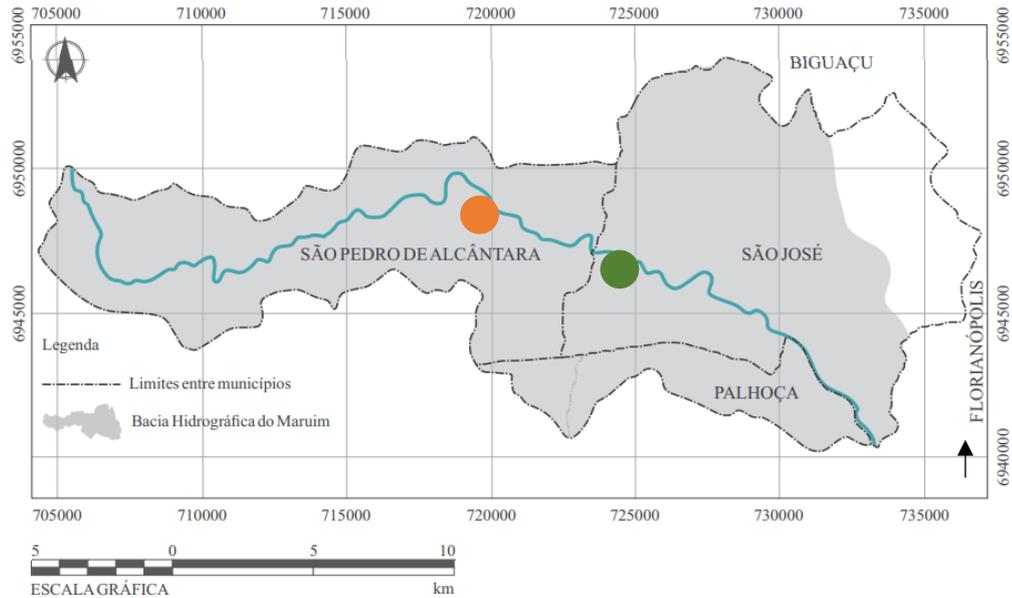
Figura 8: Linha do tempo referente à ocupação da BHM



Elaboração própria (2022).

Em 1829, a Colônia de São Pedro de Alcântara surgiu junto ao caminho que margeava o Rio Maruim e que levava ao Planalto catarinense, como forma de interiorizar a ocupação, sendo a primeira Colônia Alemã do estado. Os motivos da imigração se davam pela carência de oportunidades relacionadas ao trabalho no país de origem, motivando a vinda para o Brasil e, assim, adquirirem uma propriedade agrícola para tornarem-se economicamente independentes. Outros vieram decepcionados com a política repressiva a que estavam submetidos e com a recessão econômica alemã. Logo, foi proposta a instalação de duas povoações, São Pedro de Alcântara e Angelina, nas margens do caminho das tropas até Lages, aberto em 1797, para fazer a ligação do Planalto com o litoral. Essas colônias precisaram da atuação de agenciadores de colonos, que tiveram um importante papel nessa fase da história catarinense. Terras nas margens do Rio Maruim foram distribuídas para os imigrantes europeus, com o objetivo de delimitar os caminhos até a cidade de Lages. Os imigrantes alemães aperfeiçoaram a pequena produção mercantil, já que estavam descontentes com as terras e sua dificuldade para o plantio devido à topografia acentuada. Portanto, começaram a abandonar a Colônia de São Pedro de Alcântara (figuras 10 e 11), indo para os atuais municípios de Antônio Carlos e de Praia Comprida, no litoral de São José, o que justifica o tardio desenvolvimento da região (JOCHEM, 1992).

Figura 9: Bacia Hidrográfica do Maruim (SC)



Legenda

- Primeiras ocupações alemãs e açorianas
- Colônia Santana

Fonte: Epagri (2012). Elaboração própria (2022).

Figura 10: Praça Central e Igreja em São Pedro de Alcântara

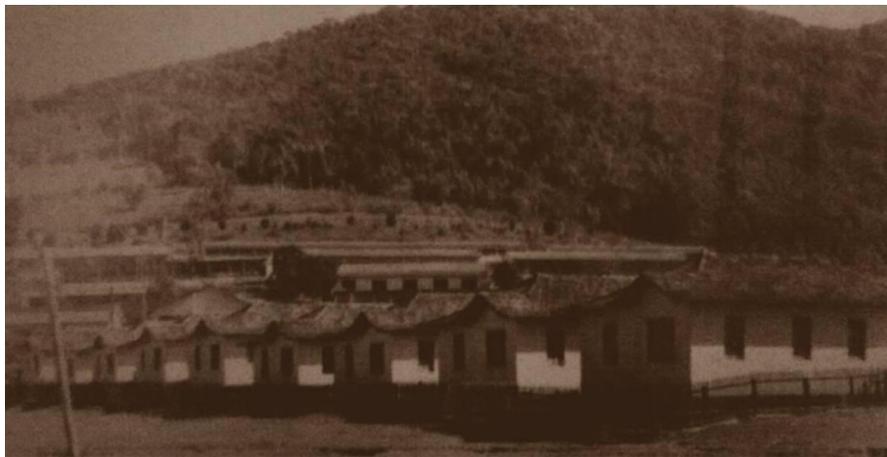


Fonte: Jochem (1992).

Atualmente, ao longo da atual Rodovia SC-281, que parte segue o antigo trajeto que levava ao planalto lageano, ainda são encontradas edificações de grande porte em estilo germânico ou mesclado com a arquitetura luso-brasileira, que eram utilizadas como importantes entrepostos comerciais e hospedarias. O atual bairro Colônia Santana foi uma dessas vilas que

se desenvolveu por causa dos pontos onde se dava a passagem dos tropeiros em direção ao Planalto. Apesar da morfologia do terreno não contribuir para as construções de casas e, por consequência, de vilas, já existia uma pequena população morando na localidade. Essa ocupação, iniciada em meados de 1930, foi originada pela família Koerich, descendentes de imigrantes alemães que se estabeleceram na localidade com seu comércio de secos e de molhados, fazendas e um depósito de estalagem para atender aos tropeiros que por ali passavam. Além de trabalhar no ramo agropastoril, que fornecia o Mercado Público em Florianópolis, construíram um abatedouro em 1934, fazendo a família conhecida no entorno, que se tornaria, em 1973, a empresa Macedo Koerich (FERREIRA, 1994).

Figura 11: Vila Koerich, no bairro Colônia Santana – São José (SC)



Fonte: Acervo do Museu Koerich (2020).

Figura 12: Entorno da Vila Koerich



Fonte: Acervo do Museu Koerich (2020).

Figura 13: Fachada da casa e atual Museu da família Koerich



Fonte: Acervo do Museu Koerich (2020).

No contexto nacional, a construção civil foi também amplamente incentivada nos governos militares, sendo ressaltada a sua ampla capacidade de absorção de mão de obra, devido à falta de qualificação nas grandes cidades (FERREIRA, 1994). Fator este que atraiu a mão de obra do interior do estado para a capital catarinense, por exemplo, na construção da Ponte Hercílio Luz, e após com as obras das pontes Pedro Ivo e Colombo Salles. O rápido crescimento da capital catarinense, aliado com as melhorias ocorridas no sistema rodoviário, após a década de 1970, com o asfaltamento da BR-101 e da BR-470, ajudou no escoamento dos produtos fabricados nessas regiões para Florianópolis. O que prejudicou todo o Vale do Rio Maruim, pois este deixou de ser um ponto estratégico de conexão até o Planalto, porque toda circulação para o interior do estado começou a ser realizada pela BR-101.

No início do século XX, ocorreram transformações mais acentuadas na paisagem local com a implantação da Usina Hidrelétrica do Maruim (Figura 15), obtendo grande importância para o desenvolvimento do município de São José e da capital. Todavia, a energia só era fornecida para os lugares mais densamente ocupados e, durante quatro décadas, foi a única fonte de energia para as cidades próximas. A usina foi inaugurada em 1910 pelo governo de Gustavo Richard e representou um avanço para Santa Catarina, porém não pode se dizer o mesmo para o desenvolvimento do bairro local. Quando inaugurada, foi a terceira usina hidrelétrica do País, uma arquitetura inglesa do início do século 20, fabricada pela empresa Simmonds & Saldanha, responsável pela obra em 1910, com todo o maquinário vindo de navio para a vila de Colônia Santana, em São José. Em 1950, inaugura-se a Usina Termoeletrica Jorge Lacerda, no sul do estado, o que fez a usina do Maruim perder sua força como impulsionadora do desenvolvimento local, sendo desativada anos mais tarde (SILVA, 2000). Em 2005, houve o

tombamento da edificação pelo patrimônio histórico de São José por meio do Decreto Municipal nº 17.707 (PMSJ, 2005).

Figura 14: Usina Hidrelétrica do Maruim



Fonte: Acervo do Museu Koerich (2020).

Figura 15: Barco navegando no Rio Maruim



Fonte: Acervo pessoal de Calcida Lima (2020).

Em 1940, ocorreu a implantação do Hospital Colônia Santana, atualmente conhecido como Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (Figura 17), principal promotor de desenvolvimento e de ocupação das terras no interior de São José. Segundo Silva (2001), a instalação do hospital estava conectada ao assistencialismo do governo estadual de Nereu de Oliveira Ramos, que realizou uma ampla campanha sanitária com serviços de saúde e de higiene na capital catarinense. O objetivo era ordenar o crescimento das cidades e das populações no centro, atendendo aos interesses da classe dominante, que pretendiam o afastamento do público

que esse tipo de equipamento poderia atrair. Logo, o Instituto Psiquiátrico foi locado isolado da capital, assim como o Hospital Santa Tereza, localizado em São Pedro de Alcântara, especializado em doenças dermatológicas.

Figura 16: Fachada do Instituto de Psiquiatria, antigo Hospital Colônia Santana



Fonte: Costa (2010).

Como justificativa para a implantação nessa localidade, foi utilizada a concepção da psiquiatria francesa na construção dos hospícios, até meados do século XX, no Brasil. Segundo Sugai (2015), a elite da capital tinha interesse em garantir a proximidade e a acessibilidade aos hospitais de atendimento, devido aos investimentos e ao desenvolvimento da região que o equipamento poderia atrair. Todavia, outras especialidades estigmatizadas como colônias para tratamento mental, dependência química e de doenças transmissíveis não surtiriam o mesmo efeito caso implementadas em Florianópolis, pelo contrário.

[...] hospitais colônias, distante das cidades e destinados a grandes hospícios, cuja finalidade era manter os internos agrupados, segregados, ‘trabalhando e produzindo, grande parte do que consumiam, para que o Estado tivesse o menor ônus possível com a manutenção destes doentes e dos respectivos hospitais (BORENSTEIN, 2003, p. 65).

O Estado usou como justificativa o afastamento geográfico, o meio rural aliando à agricultura para o tratamento e a cura dos pacientes, condicionantes favoráveis para se ter uma sociedade na área urbana mais organizada e higiênica, segundo o governador. Todavia, a distância desse equipamento urbano originou vários problemas para os trabalhadores do hospital e para os familiares. O trabalho no Hospital Colônia Santana começou a ser almejado pelos moradores locais, apesar do salário baixo, existia a possibilidade de uma vida tranquila na localidade. Todos os gastos com alimentação, aluguel e energia foram realizados pelo

Estado. Como o trajeto era dificultado por causa das más condições do sistema viário, os funcionários passaram a ganhar terrenos para a construção de suas casas. Essa prática de ceder terras do Estado através do diretor do hospital faz parte da raiz do povoamento da localidade, o que faz, atualmente, diversas construções não possuírem documentação sobre a propriedade da terra (FERNANDES, 2012). Os trabalhadores foram ocupando a localidade ao longo da história, o que resulta na malha urbana irregular presente no Vale do Rio Maruim, oriunda da ausência do ordenamento territorial. Segundo Ferreira (1994), a partir de 1970, o Vale do Maruim começa a receber um número significativo de pessoas oriundas do interior do estado para trabalhar nos setores de construção civil, de serviços em lares e na administração municipal, gerando ocupações informais e de baixa qualidade construtiva. Além dos investimentos efetuados na capital, como a penitenciária, o aterro sanitário e o cemitério no atual bairro do Itacorubi e arredores na cidade de Florianópolis (SUGAI, 2015). No contexto nacional, o desenvolvimentismo, a inauguração de Brasília em 1960 e o intenso incentivo à industrialização do País também tiveram influência nos direcionamentos de expansão das cidades litorâneas. Ferreira (1994) relata que, na área em estudo, o aumento do contingente urbano, mais precisamente no Baixo Vale do Rio Maruim, durante a década de 1980, foi associado ao incentivo do setor secundário, com oferta de empregos, além de contar com o incremento da indústria têxtil, cerâmica e de alimentos. Logo, iniciou-se um processo de conurbação entre os municípios de São José, de Biguaçu e de Palhoça, com a tendência de concentrar estabelecimentos públicos e indústrias de grande porte, em São José, devido à sua conexão territorial direta com a capital.

Como consequência, foi criado um Distrito Industrial no município de São José, em 1975, para atender à Região Metropolitana. Segundo Isopo (2005), alguns dos motivos para a implantação do Distrito Industrial, em sentido ao interior do município de São José, porém próximo à BR-101, foram a concentração de mão de obra operária e a falta de controle rígido de poluição. Já entre 1994 e 2001, foram aprovadas duas ampliações do Distrito Industrial, em uma área de 115.000 m² na SC-281, em direção a São Pedro de Alcântara.

A instalação do distrito industrial às suas margens, houve uma diversificação e dinamização da economia, contribuindo para incrementar a atividade comercial, promover o loteamento de várias áreas e edificar grande parte do município. São José torna-se lugar de passagem e lugar de complementação das atividades urbanas não oferecidas em Florianópolis, indicando uma fluidez do espaço e uma aceleração do tempo (ISOPO, 2005, p. 1).

Figura 17: Ponte na Foz do Rio Maruim, entre São José e Palhoça (SC)



Fonte: Costa (2010).

No final século XX e no início do século XXI, começou uma intensificação das transformações na paisagem da área de estudo, que logo assumiu um caráter rururbano, principalmente com a criação das pontes que conectavam o continente com a Ilha de Santa Catarina. Como resultado, vários tipos de loteamentos foram construídos para atender às mais variadas classes sociais na região metropolitana (ISOPO *et al.*, 2005). Entretanto, ao analisarmos fotos aéreas, mapas e a história de planejamento urbano de São José, nota-se, claramente, que não houve nenhuma espécie de planejamento urbano por parte do poder municipal, resultando em uma malha urbana desarticulada entre as vias públicas. O município de São José tem uma dinâmica marcada pelo mercado consumidor central que é Florianópolis. Todavia, a capital catarinense apresenta um maior custo de vida e maiores restrições ambientais, tanto para a construção de residências quanto para a instalação de novas empresas. Esses fatores, somados ao rápido crescimento econômico do município de São José, obteve como consequência a desigualdade social e a degradação ambiental (FARIAS, 1999).

A grande maioria dos loteamentos cresce ao longo de uma única rua, formando assim apenas um lado de saída – um tipo de estrutura conhecido como “espinha de peixe”, que atrapalha a circulação no interior do loteamento, assim como o isola de outros setores da cidade. Outro fator de destaque é falta de infraestrutura em vários loteamentos, como áreas de lazer, escolas, postos de saúde, etc. É claramente notada a preferência da prefeitura em construir grandes obras, como as recentes vias expressas, deixando de lado infraestruturas básicas como saneamento, educação e transporte, não atendendo, assim, às necessidades mais urgentes dos habitantes. Foram construídos inúmeros loteamentos no interior do município, em bairros como Forquilhas, Forquilha, Serraria e Potecas, que não têm qualquer ordenamento viário entre e si e nem mesmo para com a cidade, agravando essa segregação (ISOPO *et al.*, 2015, p. 18).

O capítulo 5 irá abordar os diversos empreendimentos que surgiram ao longo do início do século XXI, na Bacia Hidrográfica, como a implantação do *campus* da Universidade do Sul de Santa Catarina e a Cidade Pedra Branca, no município de Palhoça, como forma de induzir e de desenvolver economicamente a região. Além dos diversos empreendimentos em São José, liderados pelo mercado mobiliário contando com a flexibilização do poder municipal para sua implementação.

5. Resultados e Discussões

Este capítulo irá apresentar os resultados a partir de dois subcapítulos, a análise do espaço urbano ao longo dos anos e os dados analisados através da pesquisa de campo.

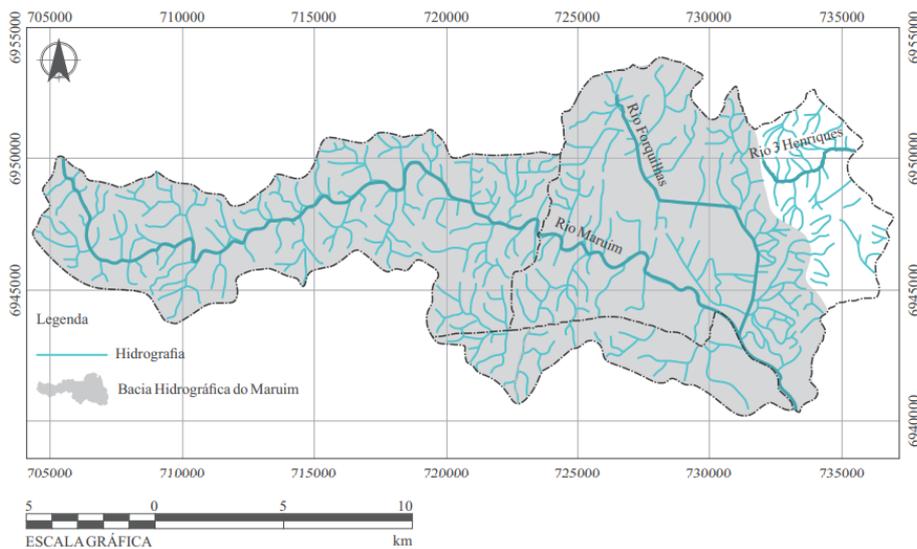
5.1 Análise do espaço urbano

Nesse subcapítulo serão evidenciadas as transformações socioespaciais ocorridas no objeto de estudo.

5.1.1 Hidrografia e problemas ambientais

O Rio Maruim nasce, aproximadamente, a 740 metros de altura (Figura 19), no município de São Pedro de Alcântara, e tem como seus principais afluentes os rios: Rocinha, Mariquita e Ribeirão Forquilha.

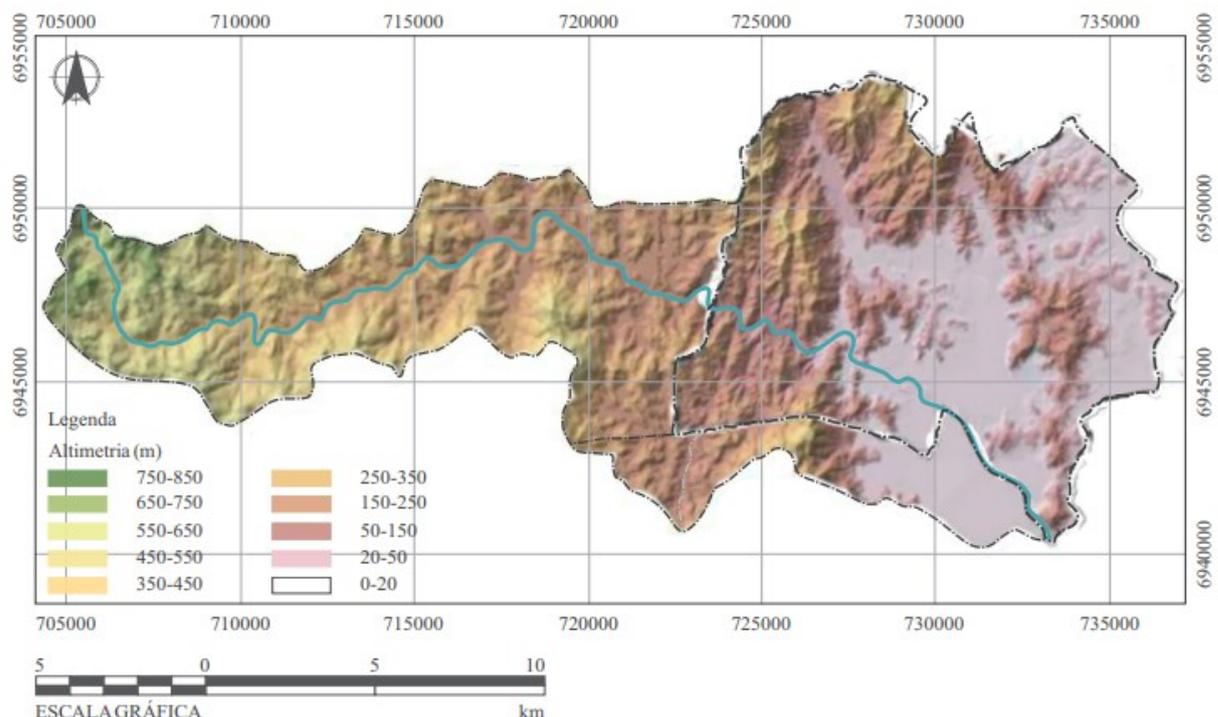
Figura 18: Hidrografia da BHM



Elaboração própria (2021).

Segundo Cardozo (2006), no início do Alto Vale, o rio tem boas condições sanitárias, apesar de atravessar algumas propriedades rurais, e possui corredeiras que mantêm em bons níveis o oxigênio dissolvido nas águas. A partir do Médio Vale até sua foz, a água já está contaminada com esgotos domésticos, devido ao fenômeno da maré alta. Portanto, a água é imprópria até mesmo para o banho. De modo geral, pode-se evidenciar que o Rio Maruim possui grande poder de autodepuração até a divisa entre os municípios de São José e de São Pedro de Alcântara. A partir desse ponto, em virtude da falta de corredeiras e do aumento da concentração urbana, o curso d'água é incapaz de se autodepurar. Todavia, desde São Pedro de Alcântara, o Rio Maruim já possui algum tipo de degradação da qualidade de suas águas, com destaque para: coliformes fecais, fósforo e nitrogênio (CARDOZO, 2006). Esses dados estão relacionados à ausência de saneamento básico na bacia hidrográfica, relato dos próprios moradores que possuem seu esgoto despejado diretamente nas águas do Rio Maruim, fator visto em 2.1.3, do referencial teórico deste trabalho, refletido em diversas cidades brasileiras que possuem o esgoto despejado nos cursos d'água. Os resultados das análises da água realizadas em 2016 por Ferreira constataram que apenas o ponto próximo à nascente possuía condições dentro dos limites permitidos pela legislação do Conama. Já metais pesados foram analisados apenas nos pontos do Distrito Industrial de São José e da foz do Rio Maruim. Segundo Ferreira (1994), nas duas últimas décadas, houve um avanço na contaminação da água do Rio.

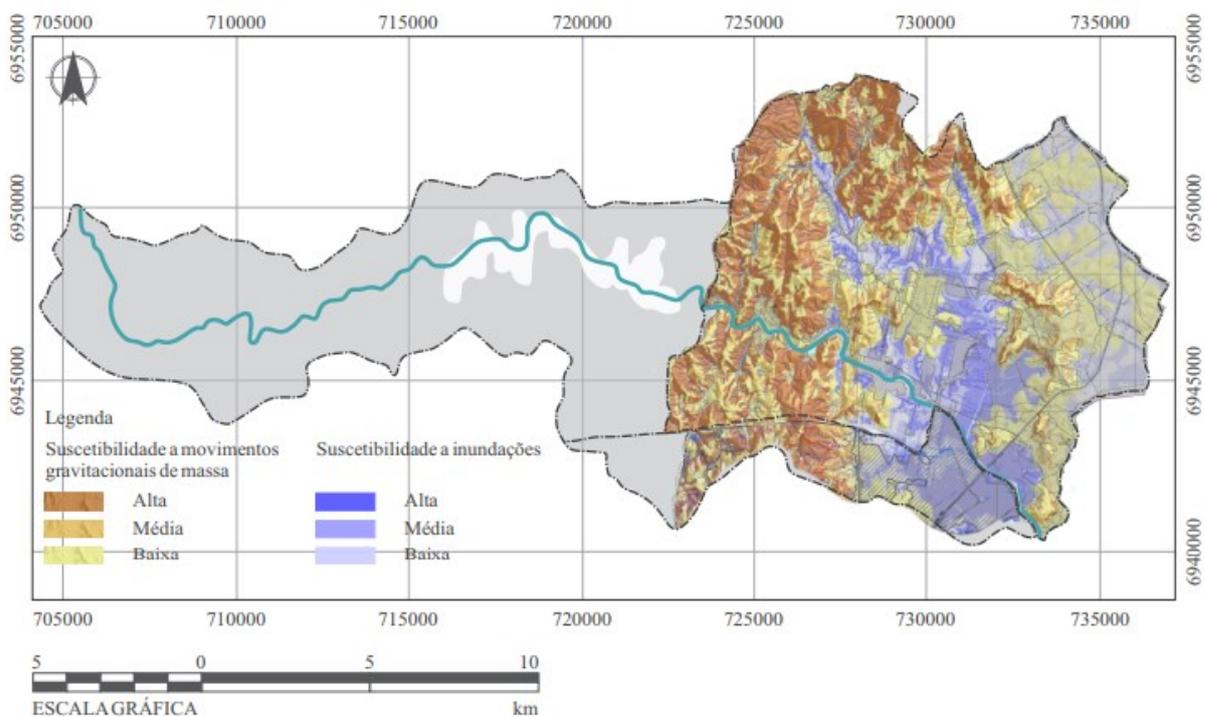
Figura 19: Altimetria da Bacia Hidrográfica do Maruim



Fonte: GRANFPOLIS (2014). Elaboração própria (2022).

No Médio e no Baixo Vale, a topografia possui áreas de planície (Figura 20), sujeitas a enchentes periódicas, somando ao fato de as áreas de preservação ambiental não serem respeitadas, com a presença de ocupações irregulares. O relevo impacta diretamente no processo das enxurradas na área de estudo. O Alto Vale é caracterizado por um relevo acentuado e não uniforme, o que dificultou a ocupação e o desenvolvimento da região, sendo comum a ocupação em topos de morros e em áreas suscetíveis a desastres naturais.

Figura 20: Mapa de Suscetibilidade a Desastres Naturais da Bacia Hidrográfica



Fonte: GRANFPOLIS (2014). Elaboração própria (2022).

Figura 21: Habitações atingidas pelas enxurradas



Fonte: MPB Engenharia (2013).

Figura 22: Habitações atingidas pelas enxurradas



Fonte: MPB Engenharia (2013).

Durante os últimos anos, a região vem sofrendo constantes problemas com enchentes. Estudos realizados por Herrmann, Mendonça e Campos (1994) constataram que as obras de canalização no Rio Maruim foram realizadas subestimando a intensidade das chuvas excepcionais. Segundo os moradores, estes observaram que a cada enchente as águas estão atingindo níveis mais elevados. Isso pode ser constatado nas marcas deixadas nas paredes das residências, conforme exposto na Figura 23. As razões dos níveis cada vez mais elevados estão associadas ao desmatamento sem critério e à impermeabilização do solo. Ao deixar de existir a infiltração natural das águas pluviais, estas passaram a se concentrar na forma de enxurradas, provocando desbarrancamentos nas margens e erosão, carregando sedimentos para os rios, conforme abordado no capítulo 2.1.3.

A possibilidade de ocorrência de enchentes continua sendo uma das preocupações mais importantes, considerando os avanços da urbanização em direção às várzeas, potencialmente sujeitas à inundação, principalmente no baixo curso do Rio Maruim, em terrenos planos em cotas inferiores a 4,5 m de altitude. Durante os levantamentos de campo foram ouvidos relatos de moradores que residem às margens do Rio Maruim sobre as enchentes ocorridas, bem como observados grandes focos de erosão nos segmentos do rio desprovidos de mata ciliar, fatos que em muito potencializam a ocorrência de enchentes, uma vez que os sedimentos depositados no fundo reduzem a profundidade do canal causando assoreamento do mesmo. (MPB ENGENHARIA, 2013, p. 110).

A falta de saneamento básico na região, a ocupação em Áreas de Preservação Permanente (APPs) e a ausência de planejamento ambiental regional, que envolva os municípios em um planejamento integrado na bacia hidrográfica para aplicação de uma

legislação urbana e ambiental eficiente, são alguns dos motivos para a paisagem natural da área de estudo está em constante degradação.

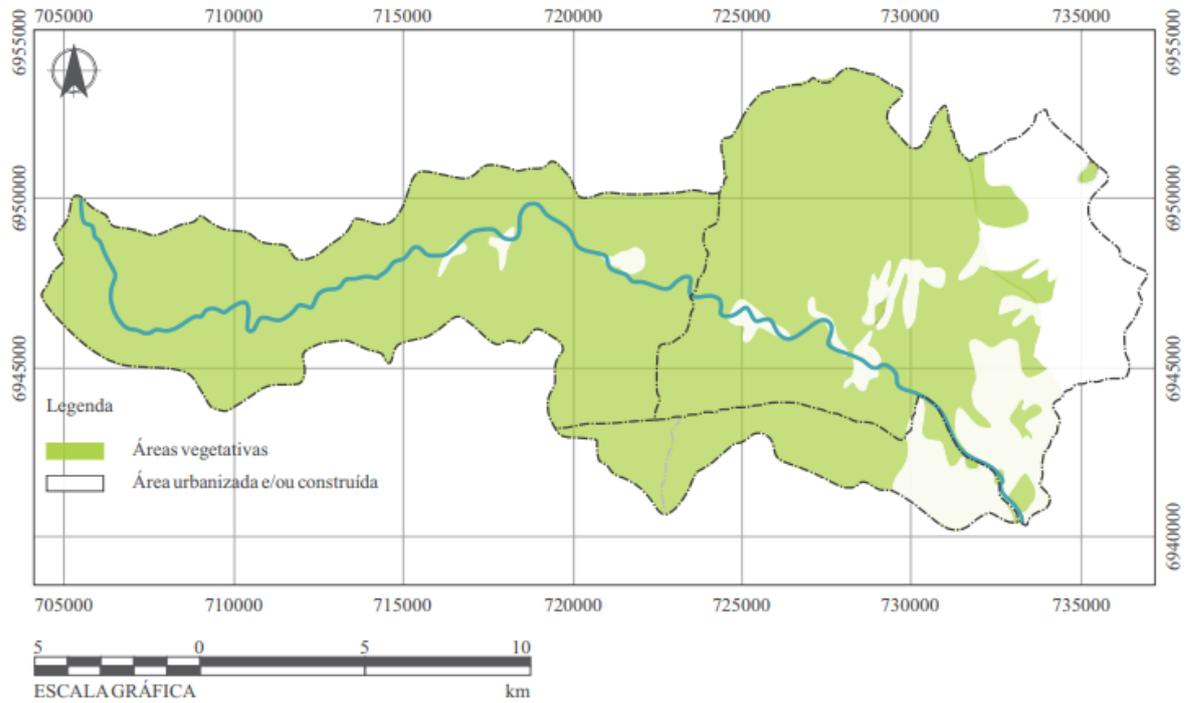
5.1.2 Vegetação

A vegetação original da área em estudo, em sua maior parte, foi descaracterizada pela ação antrópica, que desde a colonização vem sendo realizada através da exploração das florestas para a extração de madeiras e para a implantação de culturas cíclicas, além de formação de pastagens para criação de gado bovino, com os frigoríficos citados na caracterização histórica deste trabalho. Segundo Klein (1978), os últimos 60 anos foram marcantes na modificação dos aspectos da vegetação primária no estado de Santa Catarina, logo a área sendo totalmente descaracterizada pela ação antrópica através da exploração das florestas para a extração de madeiras e plantação de culturas cíclicas e pastagem para criação de gado bovino.

De acordo com Ferreira (1994), há quase total ausência de uma mata ciliar no curso do Rio Maruim, com a retirada do manto vegetal, a ação antrópica facilita o fenômeno periódico das cheias nas áreas ribeirinhas. A vegetação foi agredida devido ao reflorestamento, à agricultura, à pecuária, à extração de madeiras e de minerais, entre outras atividades ao longo do processo de ocupação da região e com o crescimento da capital.

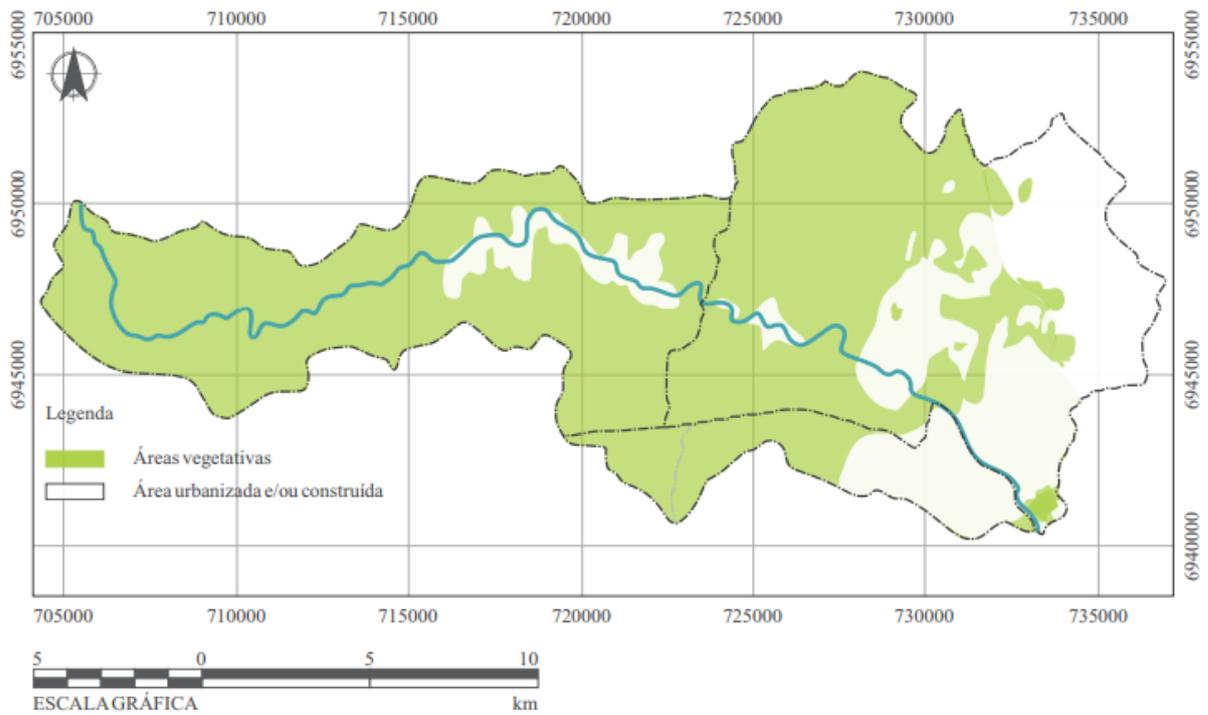
Conforme evidenciado em 2.1.2, há uma falta de fiscalização em APPs em todo o Brasil. Além de desmatada, a área de estudo está sendo ocupada por novas moradias. Houve uma desfiguração total da paisagem natural, com desmontes dos morros para que o material servisse para a duplicação da BR-101 (FERREIRA, 1994).

Figura 23: Sistema Verde, no ano 2000



Elaboração própria (2021).

Figura 24: Sistema Verde, no ano de 2020



Elaboração própria (2021).

Os mapas revelam a devastação da vegetação perante o crescimento urbano nos municípios de São José e de São Pedro de Alcântara, diante da necessidade de receber o

excedente populacional da Região Metropolitana. Até os anos 2000, o mapa revela a mancha urbana concentrada, principalmente, próxima à capital e à costa, possuindo a BR-101 como elemento limitador da expansão urbana.

Na situação atual, percebe-se uma atenuação na ocupação urbana no Centro Geográfico de São José e no Centro Comercial de São Pedro de Alcântara. As áreas na margem do Rio Maruim possuem diversas moradias irregulares que acentuam o desmatamento da mata ciliar. Como consequência, a fauna e a flora local são afetadas, forçando espécies de capivaras andarem nas ruas em conflito com os carros, já que o hábitat natural foi invadido pela ação antrópica.

Figura 25: Ocupação nas bordas do Rio Maruim e nas encostas de morro no bairro Colônia Santana, São José

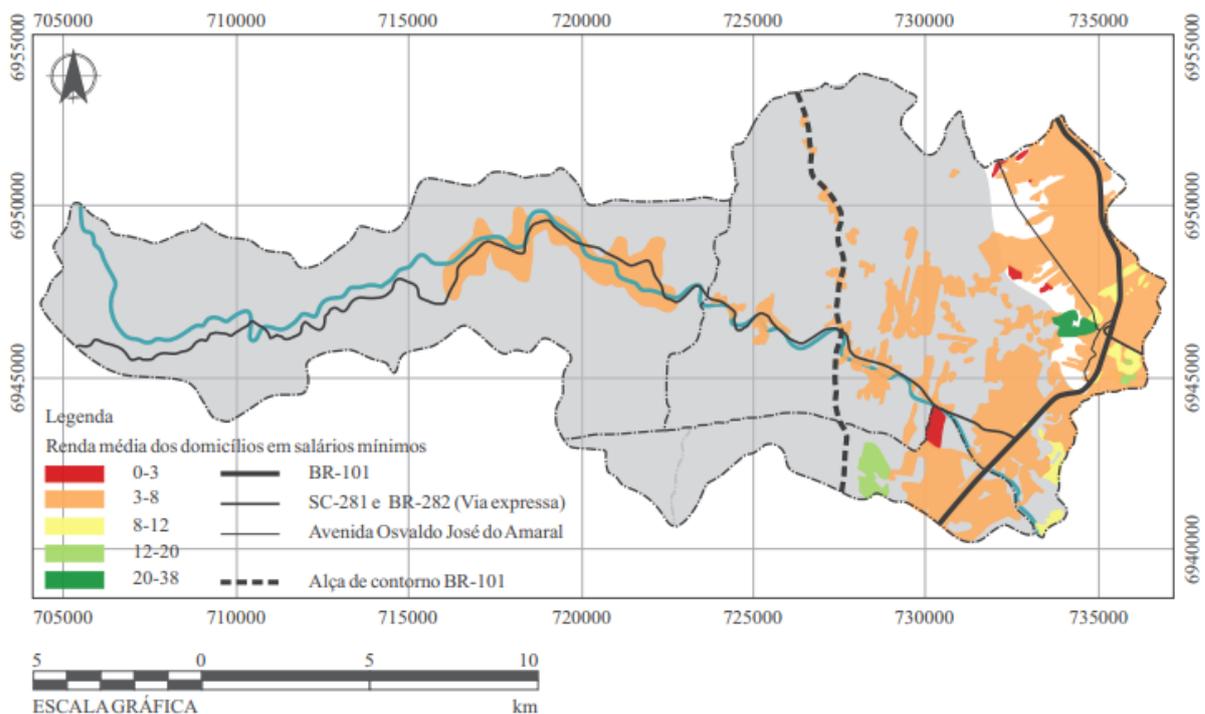


Fonte: Acervo pessoal (2020).

5.1.3 População e economia

Na maior parte da área de estudo, a renda média por domicílio se revela homogênea, entre três e oito salários mínimos. Observa-se que parte da faixa de renda está localizada próxima à costa, na divisa com a cidade de Florianópolis. As principais manchas verdes correspondem aos condomínios e aos empreendimentos habitacionais (Bosque das Mansões e Cidade Pedra Branca), que tiveram seu desenvolvimento incentivado pelo mercado imobiliário, destinado para um público com alto poder aquisitivo. Destaca-se, também, o bairro Kobrasol, que foi o primeiro grande loteamento em São José, realizado pelas empresas Koerich, Brasilpinho e Cassol para atender às famílias de classe média e, atualmente, se configura como centro comercial do município, mesclado com edifícios residenciais (ISOPO *et al.*, 2005).

Figura 26: Renda média dos domicílios, em salários mínimos



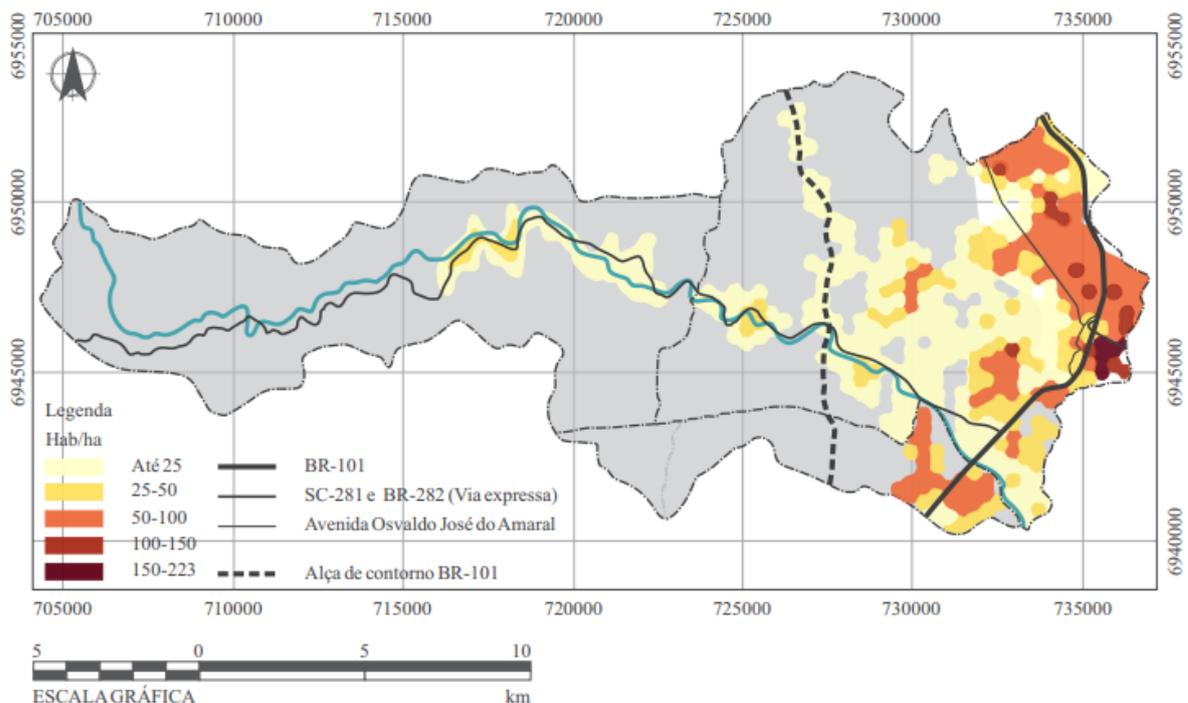
Fonte: GRANFPOLIS (2015). Elaboração própria (2021).

No interior de São José, em direção ao município de São Pedro de Alcântara, tem-se uma população classificada entre três a oito salários mínimos, majoritariamente. Moradores esses que têm suas habitações no interior desses municípios e seus trabalhos localizados nos centros de São José e de Florianópolis, o que revela uma característica de “bairros dormitórios” para essa região, resultando no movimento pendular de deslocamento, refletindo na mobilidade

urbana da área conurbada. A ocupação dessas regiões é mais afastada do Centro de Florianópolis, logo com um valor de terra mais baixo, o que justifica a ocupação apresentada no mapa em comparação com a renda média por domicílio.

De zero até três salários mínimos, destaca-se a comunidade Brejaru, no município de Palhoça, caracterizada pelas ocupações irregulares. Observa-se, nessa área, o maior contraste entre rendas, com o bairro Pedra Branca ao lado da comunidade, o que revela a desigualdade social presente nesse território, conforme abordado em 2.1.2 deste trabalho, como uma forte característica das cidades brasileiras.

Figura 27: Densidade populacional



Fonte: GRANFPOLIS (2015). Elaboração própria (2022).

As regiões próximas à capital do estado possuem uma maior densidade, devido à quantidade de serviços locados em Florianópolis e à proximidade com o mercado de trabalho. Além da alta concentração populacional ao longo do trajeto da BR-101, por se tratar do principal eixo viário que articula todo o território de estudo. Da mesma forma que a BR-101 induziu o desenvolvimento urbano da região, pode-se observar uma dinâmica semelhante no entorno da obra do contorno viário, em uma região pouco explorada até então, mas que segue como um indutor de desenvolvimento urbano, conforme o fenômeno ocorrido com a BR-101, apesar de serem vias com classificações distintas (Figura 28).

Observa-se a expansão e a densidade no Centro Geográfico de São José em direção a São Pedro de Alcântara, onde a malha urbana é mais dispersa por se tratar de um município com fortes traços rurais. A densidade populacional dessas áreas é menor devido a sua distância da capital, a seu relevo acentuado e à limitação física que a BR-101 propunha para o crescimento populacional, conforme abordado no capítulo anterior. É comum pessoas com casas no Centro de Florianópolis procurarem os municípios mais afastados para terem uma casa de campo, o que ocasiona uma variação na densidade populacional de municípios como São Pedro de Alcântara.

Segundo o Quadro 2, São José se destaca com a maior participação no Produto Interno Bruto (PIB) e na renda média entre os municípios que abrangem a bacia hidrográfica, devido sua população, seu território, sua localização estratégica com a capital e seu caráter histórico. Em contrapartida, o município de Palhoça tem uma maior participação na agropecuária que os demais, o que revela os traços ainda rurais em alguns pontos da cidade, apesar de seu desenvolvimento urbano acelerado nos últimos anos. São Pedro de Alcântara, em virtude de sua área e de sua população, apresenta uma menor participação entre os pontos analisados.

Sobre a legislação vigente, tem-se o *Plano Diretor de São José* como o mais antigo ainda em vigor entre os municípios estudados, apesar das tentativas em 2004 e 2015, de aprovações de uma nova legislação urbana para o município. Fator interessante, já que é o município de maior representatividade econômica e populacional da Região Metropolitana, após a capital Florianópolis. Isso revela o descompasso da legislação urbana com as práticas de construção da cidade de São José, refletindo em seu crescimento urbano.

Quadro 2: Comparativo entre municípios abrangidos pela supracitada bacia

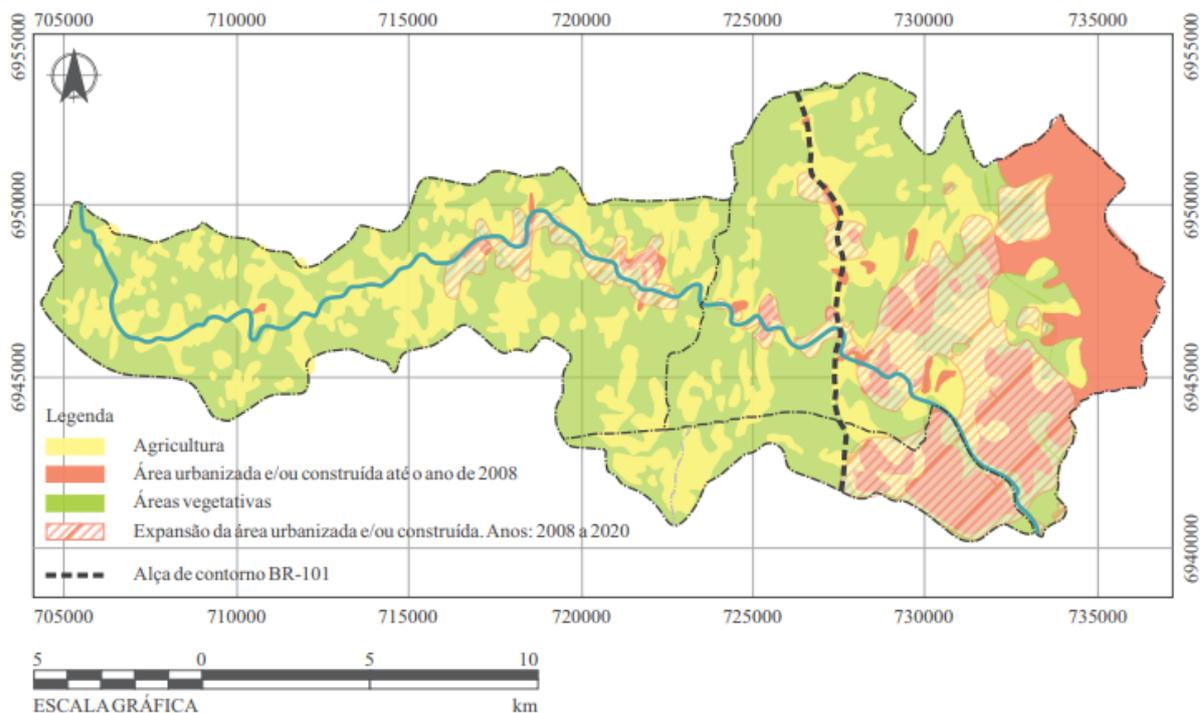
	São Pedro de Alcântara	São José	Palhoça	Unidade de análise
Ano de criação	1997	1833	1894	Anos
População	4.704	209.804	137.334	Habitantes
Densidade demográfica	33,77	1.376,78	347,56	Hab./km ²
Território	140,067	150,45	394,12	Km ²
Rendimento médio	2,2	2,4	2,3	Salários mínimos
PIB	1.962,10	42.261,21	29.298,08	Reais
Esgoto sanitário	79	93,2	83,2	%
Arborização de vias públicas	18,6	11,4	11,3	%
Urbanização de vias	26,9	76,3	45,2	%
IDH	0,73	0,809	0,757	-
Aprovação do Plano Diretor Vigente	2010	1984	1993	-

Fonte: IBGE (2010). Elaboração própria (2021).

5.1.4 Uso e ocupação do solo

Segundo Bertrand e Bertrand (2007), é possível analisar as transformações da paisagem a partir da análise de uso da terra, conforme exposto no capítulo 2.1.1 sobre paisagem. Através da classificação da Bacia Hidrográfica do Maruim, elaborada por Ferreira (1994), no Alto e no Médio Vale, ainda se observa a pecuária extensiva, com a criação de gado bovino para corte. Consequência da instalação de grandes frigoríficos catarinenses, como Macedo Koerich e demais empresas menores, instaladas nessa região nas décadas anteriores. O crescimento das áreas comerciais e industriais, baseadas nas atividades agrárias que se instalaram na região do Baixo Vale, e a proximidade com a capital fizeram com que a estrutura agrária dessa parte da bacia se diferenciasse da estrutura do Alto e do Médio Vale. Todavia, com o crescimento da região do Baixo Vale não se limitando à região entre a costa e a BR-101, ocasionou o aumento da mancha urbana em sentido ao Alto Vale. Pode-se citar alguns agentes responsáveis pelo crescimento da mancha urbana para o interior de São José, tais como: a pavimentação da SC-281, a ampliação do Distrito Industrial de São José, a partir da década de 70, e a implantação da cidade Pedra Branca, no início da década de 90, no município de Palhoça.

Figura 28: Crescimento da mancha urbana entre 2000 e 2020



Fonte: Fatma (2008). Elaboração própria (2021).

Com o crescimento urbano, a limitação física imposta pela BR-101 para o crescimento das áreas costeiras foi rompida, ocasionando a ampliação da área conurbada da Grande Florianópolis, além da “barreira” viária. O maior crescimento populacional localiza-se nas áreas de planícies, até o encontro do trajeto do contorno viário da BR-101. No sentido ao município de São Pedro de Alcântara, o relevo dificulta a ocupação para moradia e a distância da capital obrigada o município a criar seus comércios e seus serviços independentes de Florianópolis, o que resulta no crescimento da mancha urbana no centro do município.

Quadro 3: Urbanização dos municípios

Municípios	População urbana		População rural		Taxa de urbanização	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
São Pedro de Alcântara	2.096	3.729	1.488	975	58,48	79,27
São José	171.230	207.312	2.329	2.492	98,65	98,81
Palhoça	97.914	135.311	4.828	2.023	95,30	98,52

Fonte: IBGE (2000, 2010). Elaboração própria (2021).

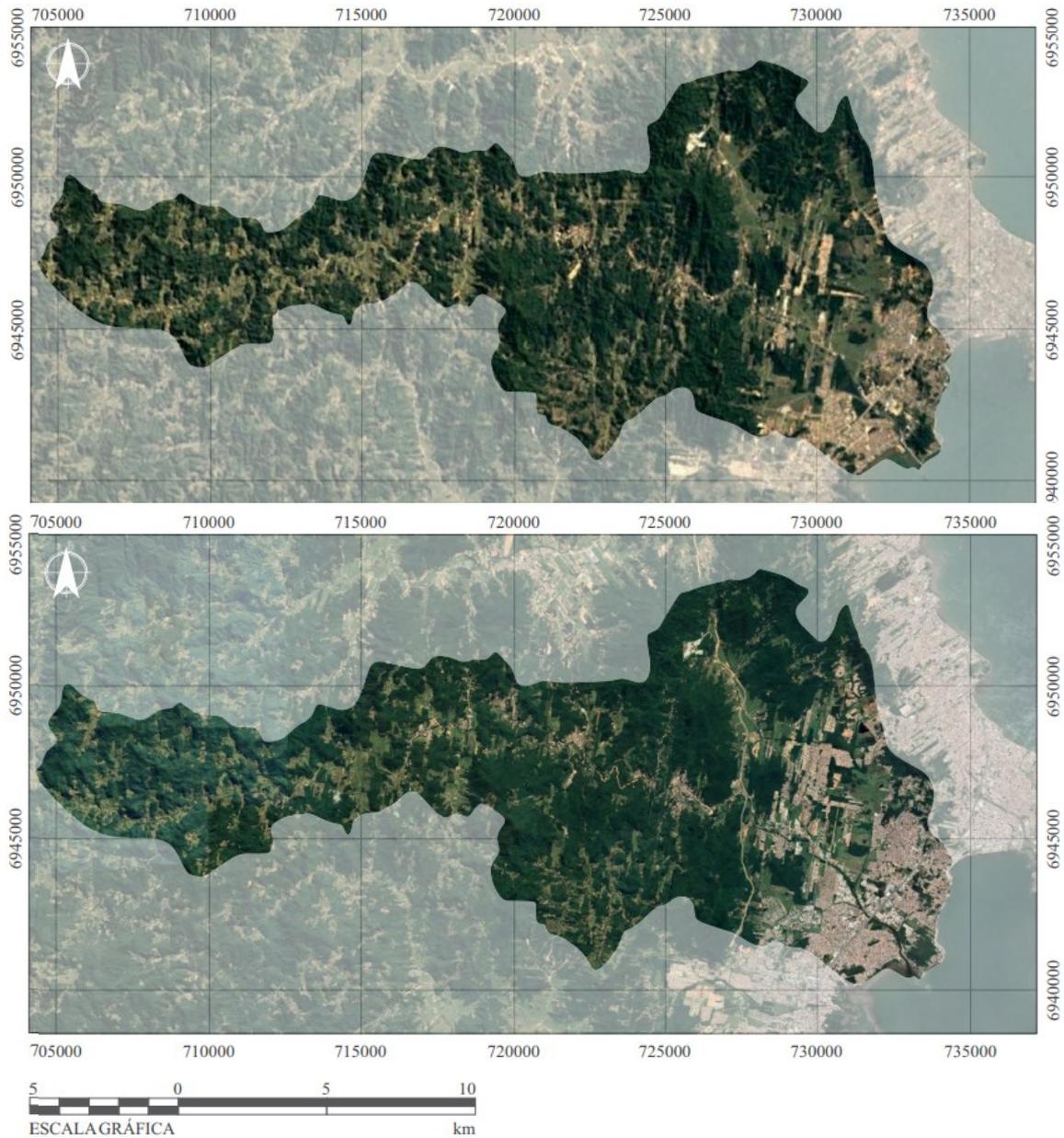
Segundo Napolini (2017), a área de estudo acompanha o processo de urbanização das cidades latino-americanas que seguem com o movimento do êxodo rural. Entre as cidades analisadas, São José possui a maior taxa de urbanização em 2010, com 98,81%, semelhante ao ano 2000. Segundo o IBGE (2010), o município de São Pedro de Alcântara apresentou uma mudança significativa entre os anos 2000 e 2010, com grande parte de sua população saindo do campo, apesar de ser um município com características rururbanas. Apesar de Florianópolis não estar inserida dentro da região de estudo, entende-se que possui forte influência na urbanização dos municípios abrangidos pela Bacia Hidrográfica. Segundo dados do IBGE (2010), em 1960, Florianópolis representava 66,38% da população total da região metropolitana, mas seu crescimento demográfico tem sido superado pelo de São José e de Palhoça, que possuíam em 2010, respectivamente, 25,38% e 16,61% da população da Grande Florianópolis, ficando a capital com 50,92%. Enquanto São José teve um crescimento entre 1959 e 1980, com uma taxa de 6,92%, Palhoça apresentou dois picos, o primeiro entre 1970 e 1991, quando cresceu 5,87% anualmente, e, depois, de 1996 a 2000, quando cresceu 6,16% ao ano e, dessa vez, junto com Florianópolis (6,24%). Esses índices revelam o crescimento da região durante décadas evidenciados pelo êxodo rural do interior de Santa Catarina em direção às áreas litorâneas,

através da oferta de mão de obra para trabalhar nos órgãos e nas empresas públicas, implantados a partir dos anos 60 (NASPOLINI, 2017). Por consequência, a população da grande Florianópolis tem crescido a taxas acima da média brasileira desde os anos 1970, intensificando-se a partir dos anos 1990 (IBGE, 2010).

O rápido crescimento urbano dessa região vem resultando em diversos problemas para a área, como as ocupações irregulares em áreas suscetíveis a desastres naturais, conforme evidenciado nos capítulos anteriores. Segundo Boeira (2004), as regiões metropolitanas sofrem o processo de desintegrações sociais ou descapitalização social, nas quais se destaca a favelização, a especulação imobiliária, os aspectos de rurbanização e de conurbação (com convergência de problemas socioambientais, concentração demográfica, congestionamento no trânsito) e de desterritorialização.

Observa-se o crescimento da malha urbana ao longo do trajeto em obras do contorno viário de Florianópolis, na Figura 30, analisando a tendência de expansão dessa região, tem-se a interiorização da mancha urbana acompanhando o trajeto do Rio Maruim e da SC-281, ao longo do século XX, revelando a importância do sistema viário na conformação do espaço urbano e da interferência do Estado na malha local, a partir dos investimentos públicos e sua capacidade de conduzir o desenvolvimento, através da implementação de infraestruturas públicas. Logo, conforme comentado no capítulo 2.1.2, o Estado possui influência direta na construção das dinâmicas da cidade. Uma obra como o contorno viário reflete diretamente na interiorização e no desenvolvimento local, todavia, é necessário que o Estado possua diretrizes e estratégias para a preservação do meio natural e ações regulamentadoras da urbanização. O que se põe em contraponto é uma das principais áreas atingida, o município de São José, que tem seu *Plano Diretor Vigente* aprovado em 1984. Portanto, faz-se necessário um planejamento urbano na escala da bacia hidrográfica, conforme exposto no capítulo 2.1.3 do referencial teórico deste trabalho.

Figura 29: Imagem de Satélite da Bacia Hidrográfica, no ano 2000 e no ano 2020



Fonte: Google Earth (2021).

5.1.5 Equipamentos e indutores de desenvolvimento

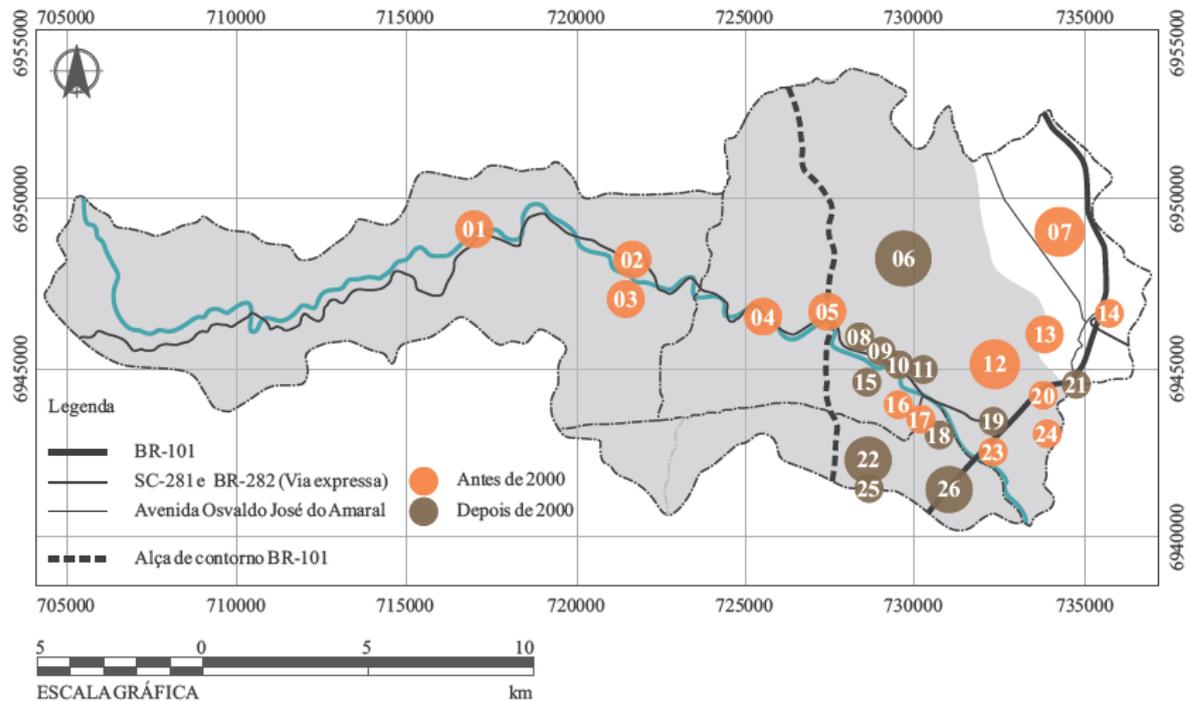
Conforme o capítulo 4, referente à caracterização histórica, grandes equipamentos urbanos, como o hospital para doenças dermatológicas e o complexo penitenciário, em São Pedro de Alcântara, assim como o Instituto de Psiquiatria, no bairro Colônia Santana, foram implantados nessas regiões pelo distanciamento territorial dos aglomerados urbanos. Todavia, a mancha de expansão urbana acabou ao longo dos anos atingindo esses equipamentos,

implantados distante da cidade formal, que, entretanto, foram os agentes urbanos desenvolvedores dessas localidades responsáveis pelo povoamento inicial.

A maioria dos investimentos realizados a partir dos anos 2000 estão entre a área do contorno viário e a BR-101, conforme pode ser visualizado na Figura 31, a área de planície em São José apresenta o maior crescimento da mancha urbana entre o intervalo de tempo analisado.

O processo de elaboração do *Plano Diretor Participativo de São José (2015)*, que teve seu andamento rompido, considera a região do interior do município de São José como a zona de expansão da cidade, o que motiva o número de investimento após os anos 2000, atraídos pelo baixo custo das terras. Essa tendência de ocupação urbana ficou explicitada na Figura 29. O Centro Geográfico do município de São José recebeu diversos investimentos do mercado imobiliário, voltados ao programa do Governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”, ao longo do mandato do Partido dos Trabalhadores (PT). As áreas ocupadas por esses empreendimentos não possuíam a infraestrutura municipal para moradia, o que exigiu investimento do Poder Público na localidade, tais como: creches, escolas, Unidades Básicas de Saúde (UBS), pavimentação, entre outros, que parcialmente foram atendidos. Interessante ressaltar que o processo de implantação desses empreendimentos habitacionais populares em zonas afastadas dos centros e a necessidade por infraestrutura se repetiram em diversas cidades brasileiras, umas das críticas regidas ao programa habitacional do Governo Federal realizada pelos pesquisadores das questões habitacionais em nosso País. Logo, o mercado percebendo essa nova conformação e ampliação da mancha urbana em uma área até então com ocupação rarefeita iniciou a criação de novos serviços, entre eles: *shopping center*, supermercados, casa de eventos, entre outros. Investimentos esses como o Continente Park Shopping, do Grupo Almeida Junior, que é o maior *shopping center* do estado. Além da Hard Rock Arena, maior complexo de eventos da Grande Florianópolis com investimentos internacionais do Grupo Hard Rock.

Figura 30: Equipamentos e agentes indutores de desenvolvimento



Legenda: 1) Praça Central de São Pedro De Alcântara, 2) Hospital Dermatologia Santa Tereza, 3) Complexo Presidiário Santa Tereza, 4) Hospital Psiquiátrico Colônia Santana, 5) Vila Koerich, Usina Hidrelétrica Maruim e JBS Frigorífico, 6) Empreendimentos “Minha Casa Minha Vida”, 7) Bairro Barreiros, 8) Condomínio fechado, 9) Arena Petry Eventos, 10) Brasil Atacadista, 11) Loteamento Nova São José, 12) Forquilha, 13) Condomínio fechado; 14) *Shopping center*, 15) Habitações “Minha Casa, Minha Vida”, 16) Comunidade Brejaru, 17) Aeroclube, 18) Ampliação da Área Industrial de São José, 19) *Shopping center*, 20) Kobrasol, 21) Beira Mar de São José, 22) Cidade Pedra Branca, 23) Área Industrial, 24) Centro Histórico de São José, 25) Universidade Privada, 26) Área Industrial Palhoça.

Elaboração própria (2021).

5.1.6 Sistema viário

O principal eixo viário da bacia hidrográfica é a SC-281, que acaba fazendo a integração de toda a área de estudo e tendo seu traçado acompanhando o Rio Maruim, e conecta-se ao principal Sistema Viário da Região Sul, a BR-101, que facilita o escoamento da produção e da circulação dos moradores na Região Metropolitana de Florianópolis. A BR-101 é a rodovia longitudinal mais extensa do País, com 3.000 km, sendo o primeiro trecho inaugurado em 1957.

A SC-281, apesar de ser uma via arterial, em diversos momentos, apresenta características de uma via local, pelo acesso dos lotes estarem voltados diretamente para ela. O conflito se agrava a partir do momento que a rodovia não possui passeio público, possuindo comércios e serviços voltados para esta. Até 2005, a rodovia era constituída de paralelepípedos

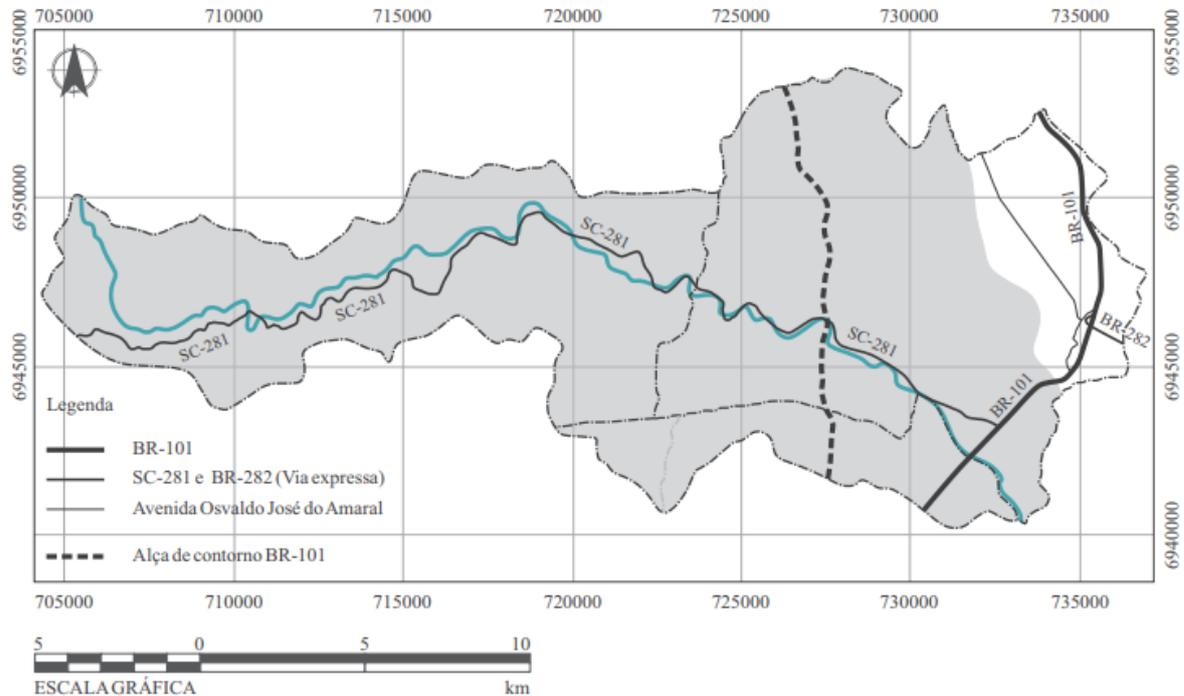
e, por luta das comunidades locais, a pavimentação e a duplicação foram executadas, acelerando e intensificando o processo de ocupação da região.

Figura 31: Habitações ao longo da SC-281



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Figura 32: Sistema viário da BHM



Elaboração própria (2021).

O Contorno Rodoviário de Florianópolis é uma nova rodovia, em pista dupla, Classe 1, iniciado nas proximidades do quilômetro 180 da BR-101, com término no quilômetro 220, da mesma rodovia, com 49,8 quilômetros de extensão, com o objetivo de desviar 20% do tráfego da BR-101 (MPB ENGENHARIA, 2013). A obra, após concluída, deverá direcionar o tráfego de passagem e de carga (sem origem e destino na Região Metropolitana de Florianópolis) para fora da Região Metropolitana composta pelos municípios de Biguaçu, de São José e de Palhoça, além da própria capital, de modo a garantir a fluidez desse tráfego (MPB ENGENHARIA, 2013). O empreendimento pertence ao Programa de Exploração de Rodovias e Ampliação de Capacidade, definido pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), para a concessionária Autopista Litoral Sul. Segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT, 2002), um contorno rodoviário consiste em um trecho de rodovia destinado à circulação de veículos na periferia das áreas urbanas, de modo a evitar ou minimizar o tráfego em seu interior, sem circundar completamente a localidade.

O *Relatório de Impacto Ambiental*, elaborado pela empresa MPB Engenharia (2013), descreve os motivos para implementação da obra, a saber:

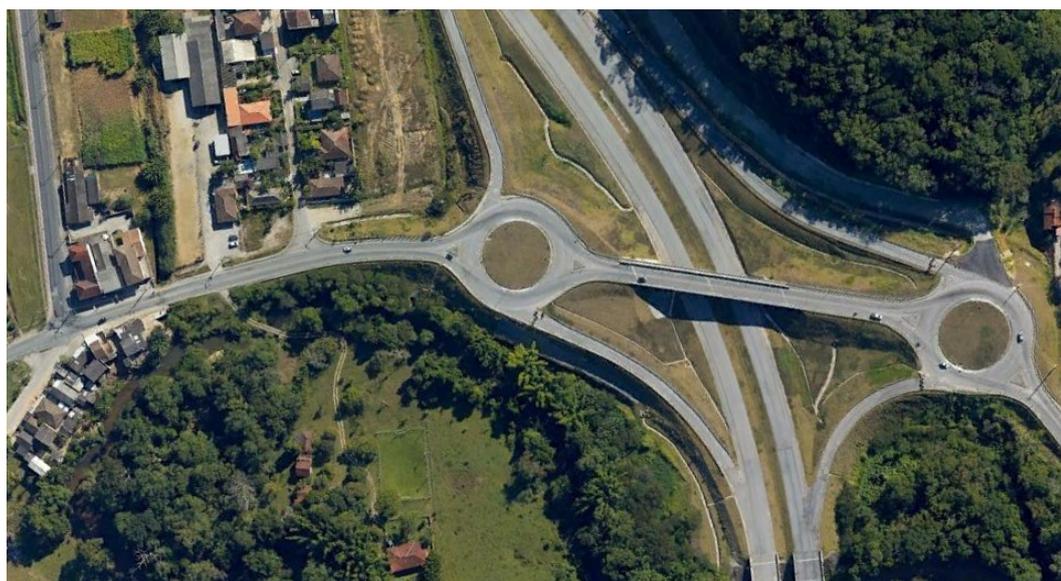
- Intensos congestionamentos observados diariamente, principalmente nos horários de pico durante a semana.
- Forte tendência e desejo do tráfego urbano utilizar-se da BR-101, tanto para tráfego urbano quanto para o tráfego rodoviário.
- Inúmeras manifestações da população, cobrando soluções para eliminar os desconfortos do transporte na Rodovia BR-101, na região da Grande Florianópolis.
- Geração de poluentes em grande escala, devido ao acentuado tráfego, propiciando uma baixa qualidade de vida para os moradores no entorno do corredor.

Segundo o *Relatório de Impacto Ambiental*, o empreendimento deve se enquadrar nas premissas do desenvolvimento sustentável. O traçado prevê a implantação de interseções nas principais vias de ligação, federais, estaduais e municipais. Foram previstas passagens inferiores para atender às estradas municipais e aos acessos, mantendo, assim, as ligações entre as comunidades que ficarão no entorno da rodovia. Segundo o RIMA, O Plano Básico Ambiental (PBA) do Contorno Viário de Florianópolis abrange 13 programas ambientais e sociais, que consistem em um conjunto de ações destinadas a monitorar, controlar e reduzir os possíveis impactos ambientais sobre o meio físico, biótico e socioeconômico da região de implantação da rodovia. Todavia, as relações subjetivas com a paisagem, que é o foco deste trabalho, não são levadas em consideração pelo documento. Entende-se a dificuldade de quantificar e de qualificar a relação do ser humano com a paisagem, mas obras com tamanho impacto tendem a cortar vínculos, sociais e ambientais, em prol unicamente do desenvolvimento econômico. Porém, a palavra desenvolvimento está naturalmente atrelada com a economia, não buscando seu significado mais amplo acerca das demais dimensões inerentes ao ser humano; conforme o impacto ocasionado mostrado na Figura 34.

Figura 33: Comparativo da Vila Koerich em São José (SC), em 2010 (a) e em 2020 (b), com a obra do contorno viário



(a)



(b)

Fonte: Google Earth (2021).

As imagens acima são o encontro entre o Rio Maruim e o Contorno Viário de Florianópolis, na área conhecida como Vila Koerich, localidade de importância histórica da Bacia Hidrográfica do Maruim e precursora no processo de ocupação da região, conforme exposto no subcapítulo 4.1. Observam-se o impacto e a mudança radical do entorno com a obra, além das diversas famílias que tiveram suas rotinas afetadas, havendo a desapropriação do local.

Figura 34: Supressão da área verde para as obras do contono viário



Fonte: Acervo pessoal de Arão de Souza (2016).

No diagnóstico do patrimônio histórico e cultural realizado pela MPB Engenharia (2013), não foram identificados patrimônios tombados na área diretamente afetada pelo Contorno Rodoviário no recorte de estudo. Contudo, uma edificação com características históricas da região terá de ser demolida para a instalação da nova rodovia. A data de construção desse patrimônio é da primeira metade do século XX. O imóvel era ocupado por uma senhora de 76 anos, que morava há quase cinco décadas na Vila Koerich, em São José (SC). Segundo um morador local, a casa é um verdadeiro patrimônio cultural, que faz parte da paisagem e da história do bairro.

Figura 35: Edificação demolida



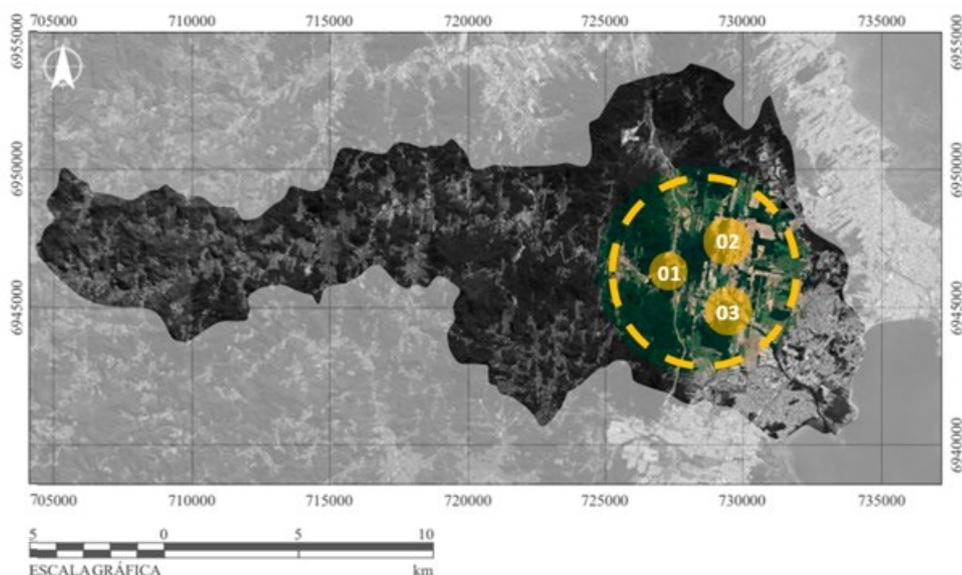
Fonte: MPB Engenharia (2013).

5.1.7 Definição do recorte de estudo

Pretendeu-se investigar através do olhar dos moradores da área de estudo como forma de compreender as relações afetivas que foram criadas ou desvinculadas a partir da nova relação com o território, diante das mudanças provocadas ao longo dos últimos anos na paisagem da Bacia Hidrográfica. Para isso, foram identificadas, a partir da análise técnica do território, possíveis áreas e comunidades para o estudo avançar, apresentadas na Figura 37, para, assim, realizar uma aproximação e uma leitura através dos usuários, do método autofotográfico.

Nos mapeamentos, foram identificadas as áreas que sofreram o maior impacto na transformação de sua paisagem e que seriam de interesse do autor em continuar os estudos, para assim identificar a análise dos usuários. Foi escolhido o Centro Geográfico do município de São José para avançar na segunda etapa da pesquisa, visto ser o principal município abrangido pela Bacia Hidrográfica e sua história está diretamente conectada com o manancial. Observou-se que o Centro Geográfico de São José foi a área com maiores transformações, devido a alguns fatores, sendo eles: áreas de planície que favorecem a ocupação, proximidade com a capital do estado e a BR-101, baixos valores das terras, conexão direta com a BR-101 através da SC-281 e a construção do contorno viário.

Figura 36: Áreas identificadas para recorte de estudo



Legenda: 1) Vila Koerich – Colônia Santana/São José, 2) Novos Loteamentos “Minha Casa, Minha Vida”, 3) Ampliação da Área Industrial de São José.

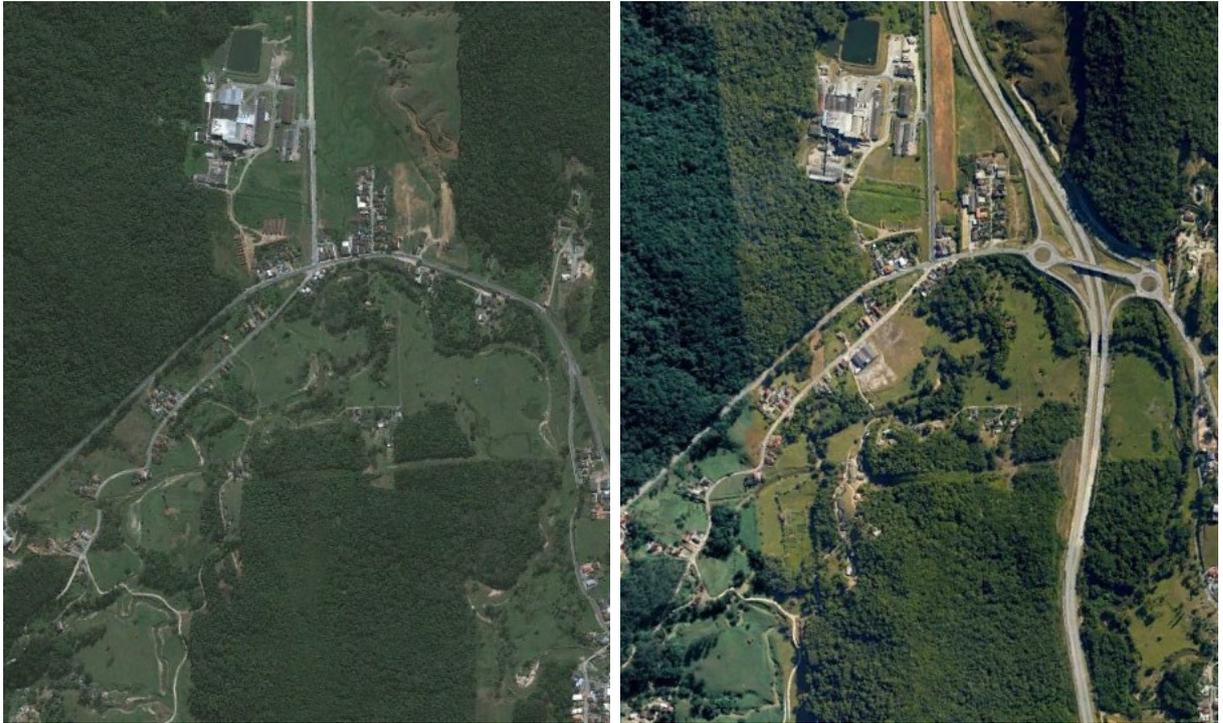
Elaboração própria (2021).

Abaixo, segue a análise das três potenciais áreas identificadas para serem efetuadas o aprofundamento da pesquisa:

- 01 – **Vila Koerich**: localizada no bairro Colônia Santana, em São José. Conforme comentado na caracterização histórica da bacia hidrográfica, o local apresenta caráter fundamental no processo de povoamento da região, devido à instalação do frigorífico, pela casa da Família Koerich e possuir a primeira usina hidrelétrica de Santa Catarina. O local é o ponto de intersecção entre o Rio Maruim e o contorno viário da BR-101. Diversas famílias passaram pelo processo de desapropriação para a implementação da obra viário no local, o que ocasionou uma profunda alteração na região.
- 02 – **Novos Loteamentos**: localizados nos bairros Forquilha, Forquilha e Sertão do Maruim, em São José. A região é identificada pelo processo do *Plano Diretor Participativo* de São José como a área de expansão do município, devido a sua aproximação com a capital e a área de planície. Nos últimos anos, diversos loteamentos surgiram na região fomentados pelo programa do Governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”. Logo, a dinâmica territorial do local sofreu drásticas transformações, além da própria ação antrópica ter alterado a paisagem local com a atração dos novos investimentos imobiliários e comerciais. A área, no início do século XXI, apresentava fortes traços rurais, que foram descaracterizados pelos empreendimentos atraídos pelo baixo valor da terra.
- 03 – **Área Industrial de São José**: em expansão nos últimos anos devido à proximidade com a capital e com a BR-101, o que torna a área um facilitador do escoamento da produção realizada no local. A região vem crescendo às margens do Rio Maruim e a SC-281 como sede de novas indústrias.

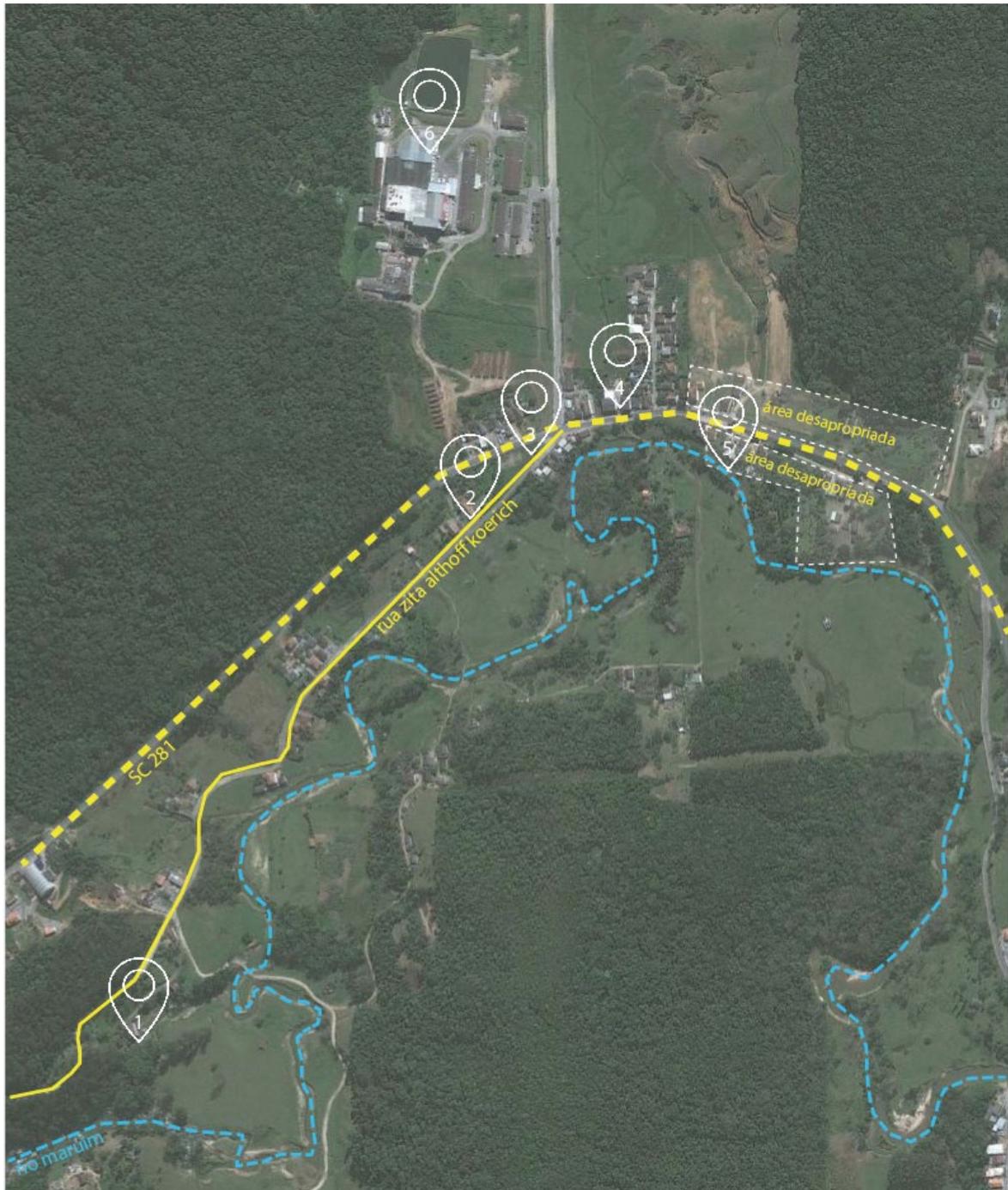
A partir do estudo dessas três possibilidades, entende-se que a Vila Koerich, no município de São José (SC), seria a melhor opção para aprofundar os estudos na área, uma vez que esse local tem uma complexidade que engloba o caráter histórico, econômico e social, que ajudaria entender a relação ser humano e paisagem, perante alterações ao longo dos últimos anos. Assim, foi realizado a aproximação com os moradores perante alterações ao longo dos últimos dez anos, já que a partir do ano de 2010 a obra do contorno viário foi iniciada na localidade deixando impactos mais marcantes para serem analisados.

Figura 37: Imagem de satélite da Vila Koerich (2010 e 2020)



Fonte: Google Earth (2022). Elaboração própria (2022).

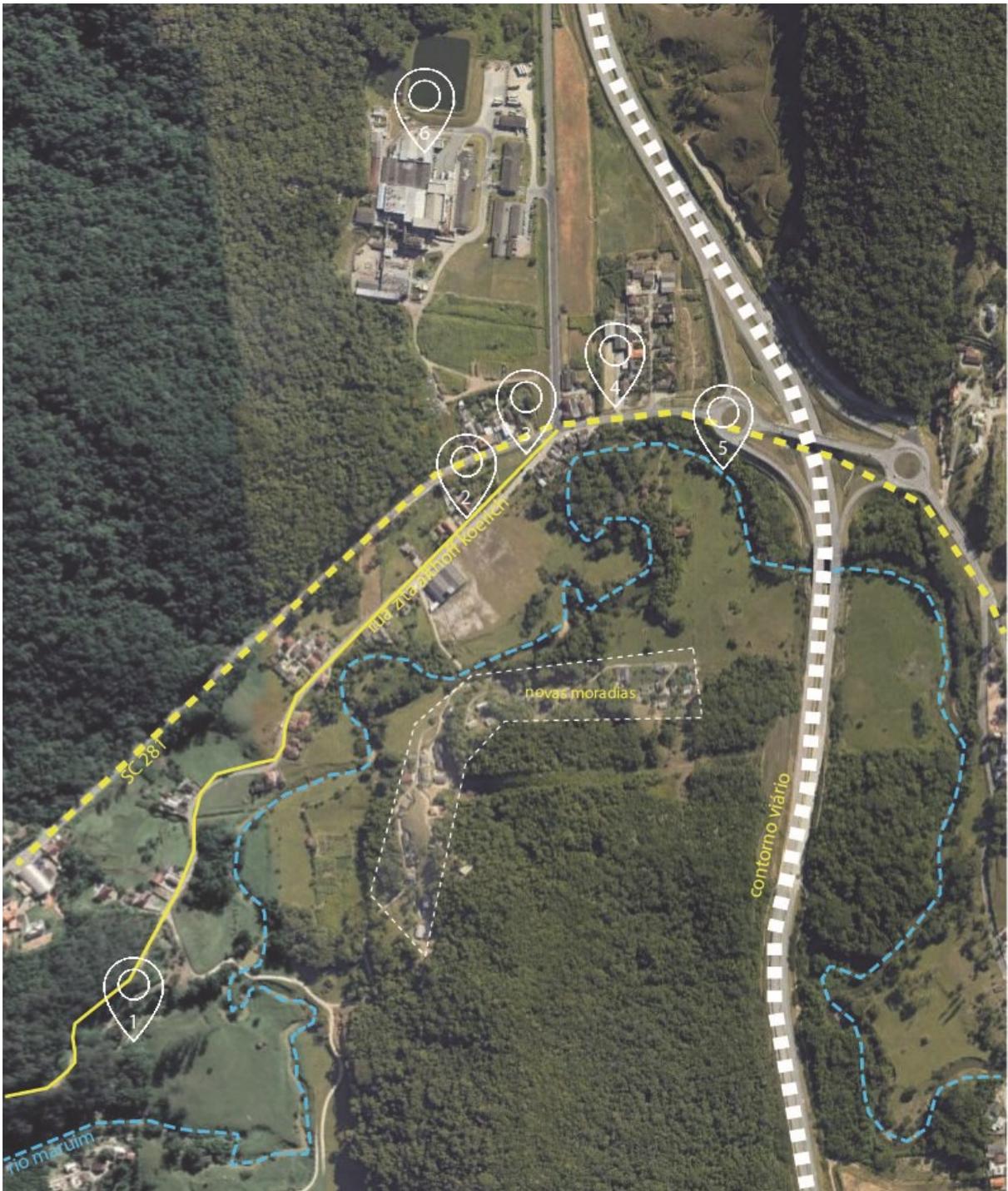
Figura 38: Mapa com imagem de satélite (2010)



Legenda: 1) Usina Hidrelétrica do Maruim, 2) Museu Koerich, 3) Praça da Vila Koerich, 4) Mercado Monica, 5) Mercado Beira Rio (Demolido) e 6) Frigorífico.

Fonte: Google Earth (2021). Elaboração própria (2021).

Figura 39: Mapa com imagem de satélite (2020)



Legenda: 1) Usina Hidrelétrica do Maruim, 2) Museu Koerich, 3) Praça da Vila Koerich, 4) Mercado Monica, 5) Mercado Beira Rio (Demolido) e 6) Frigorífico.

Fonte: Google Earth (2021). Elaboração própria (2021).

O contorno viário da BR-101 se apresentou como agente direto de indução e de interiorização do desenvolvimento urbano para as áreas do entorno, como a Vila Koerich. Para a obra, 15 residências foram demolidas na localidade do recorte de estudo, além de um estabelecimento comercial (um minimercado), havendo a necessidade de desapropriação de todos os imóveis (MPB ENGENHARIA, 2013). Logo, revela-se o papel do Estado como indutor do processo de urbanização e principal agente responsável pela transformação do local atingindo a vegetação, o sistema viário, as residências e as relações sociais e afetivas do local. Conforme abordado no contexto histórico, o local é protagonista no desenvolvimento da história da Bacia Hidrográfica. Atualmente, a Vila possui, aproximadamente, 150 moradores, segundo levantamento efetuado pelo autor, número que vem aumentando de acordo com os moradores da região.

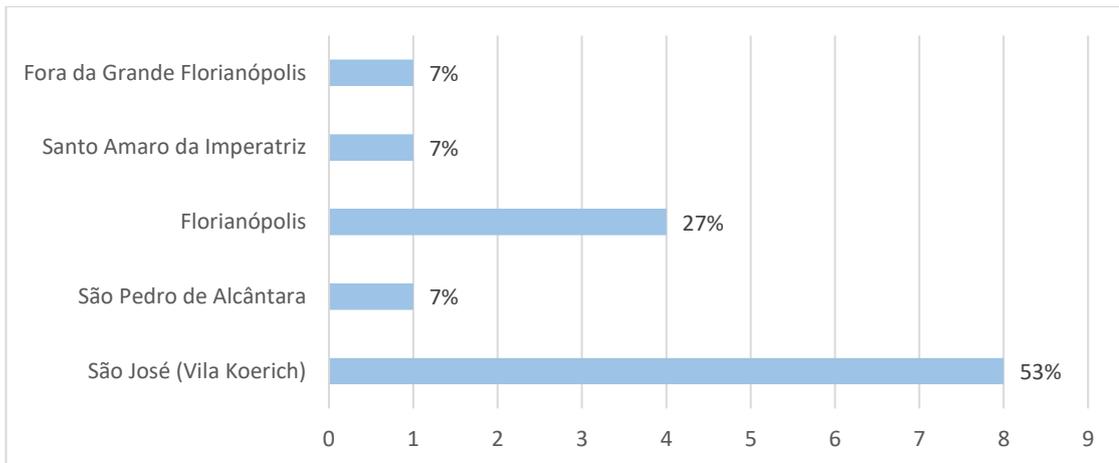
5.2 Pesquisa de Campo

Neste subcapítulo, serão expostos os resultados e a respectiva discussão sobre os dados obtidos com o método autofotográfico e as entrevistas semiestruturadas desenvolvidas com os participantes. Foram evidenciados os dados através de um levantamento de frequência e de porcentagem de ocorrência referentes ao perfil dos participantes, para, posteriormente, analisar as respostas em relação à paisagem da área de estudo, através da metodologia de análise de conteúdo. Logo, serão exibidos os resultados e a discussão do método autofotográfico, interligando os dados encontrados a partir das fotografias. Em termos qualitativos, buscou-se, na fala dos participantes, extrair e interpretar as informações de maneira a explicitá-las ao leitor.

5.2.1 Perfil dos entrevistados

Os gráficos a seguir apresentam o perfil dos entrevistados abordados para a entrevista semiestruturada e participação no método autográfico. Entre os dados obtidos, 73,3% são do gênero feminino e 26,7% são do gênero masculino. Observasse-se que 53% dos participantes são oriundos da área de estudo, que é revelado ao analisar os dados por tempo de moradia (figuras 41 e 42), uma baixa evasão por parte dos moradores na região. Além disso, a maioria dos demais entrevistados nasceram em cidades incluídas na Região Metropolitana de Florianópolis, principalmente na capital catarinense, por até 1987 ter o único hospital da região.

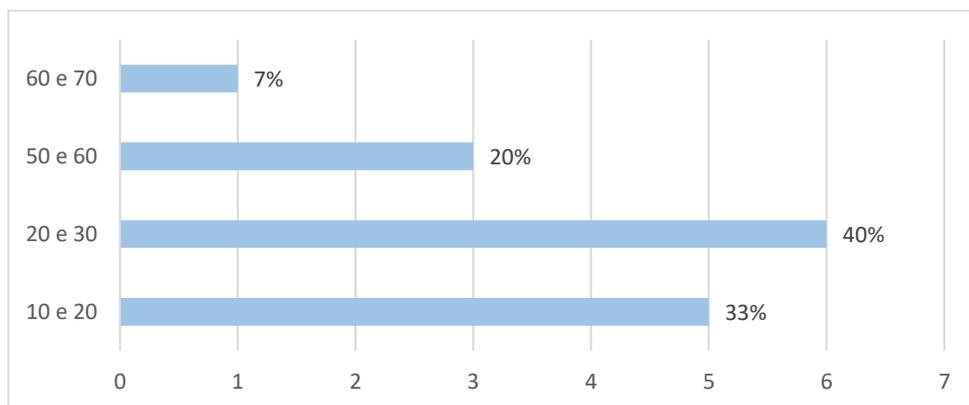
Figura 40: Naturalidade



Elaboração própria (2022).

Em relação aos dados obtidos referentes ao tempo de moradia, é notado que todos os participantes moram, no mínimo, 15 anos no local. A permanência prolongada de um indivíduo a um lugar é reconhecida como uma das características do apego a um local (STOKOLS; SHUMAKER, 1981). Apesar de ser uma área distante do Centro Comercial de São José, a maioria dos entrevistados cita que a tranquilidade e os vínculos afetivos criados no local fortalecem seu desejo de permanência na região, conforme demonstrado nos itens a seguir. Logo, os dados apresentados garantem melhor veracidade nas informações levantadas para que se possa analisar com mais solidez os dados em relação ao objeto de estudo e à afetividade com o local, visto o tempo ser uma das variáveis consideradas em relação ao vínculo com o lugar. Ressalta-se o dado expressivo que 40% dos participantes residem no local entre 20 e 30 anos. Segundo Fisher e Cooper (1990), o tempo é um dos eixos que devem ser analisados quando falamos de mudanças envolvendo a vinculação afetiva.

Figura 41: Tempo de moradia

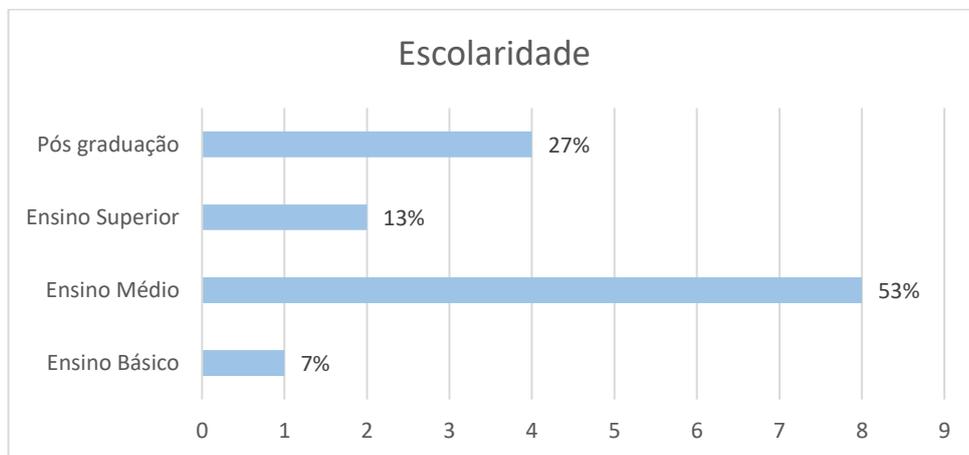


Elaboração própria (2022).

Sobre a escolaridade, 53% apresenta ensino médio completo e uma renda média predominante entre dois e cinco salários mínimos⁵, conforme pode ser evidenciado na Figura 44. Em um País com desigualdades socioeconômicas tão extremas, é interessante cruzarmos os dados de escolaridade e de renda média, visto que a educação é uma questão de oportunidade ainda no Brasil. Segundo o IBGE (2010), a renda média domiciliar na Região Sul é de R\$2,300.00, o que enquadra os valores respondidos entre os participantes com a média regional.

Todos os entrevistados possuem algum grau de formação escolar, o número de participantes com o ensino médio completo representa mais da metade dos abordados. Concluiu-se que a forte presença da escola pública estadual, mesmo que fora do recorte de estudo, tenha contribuído de tal maneira com a formação dos entrevistados, conforme relatado durante as entrevistas semiestruturadas. Foi observado que os participantes com ensino superior completo e curso de pós-graduação abordavam em seus discursos mais comumente a preocupação com as causas ambientais e o crescimento urbano da área. Já os com ensino básico e médio completo abordavam aspectos mais relacionais às memórias afetivas do local e aos aspectos mais cotidianos, como os motivos da sua vinculação ao lugar.

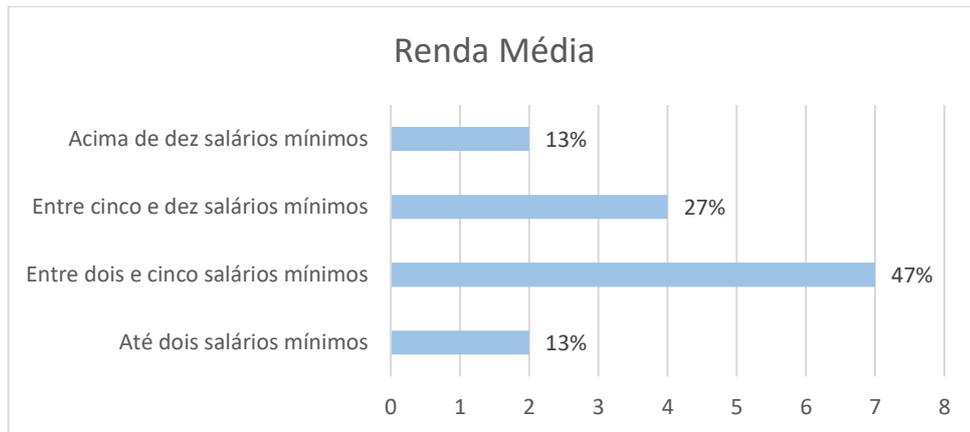
Figura 42: Escolaridade



Elaboração própria (2022).

⁵ Levado em consideração o salário mínimo brasileiro de R\$ 1.212,00. Fonte: Governo Federal (2022).

Figura 43: Renda média



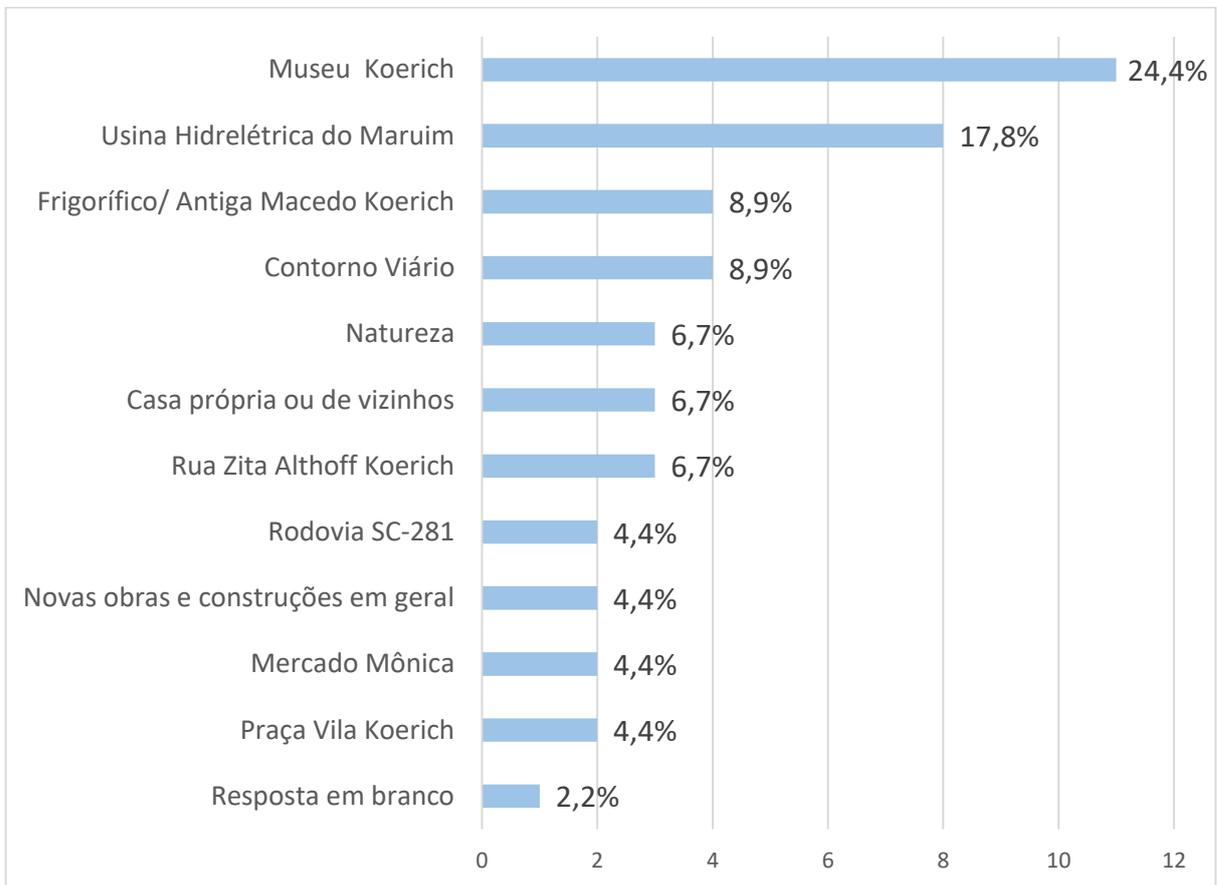
Elaboração própria (2022).

5.2.2 Análise de dados

Através do método autofotográfico abordado como metodologia, com as entrevistas semiestruturadas, foi solicitado o registro dos locais que os entrevistados consideraram possuir maior vínculo afetivo no recorte de estudo e assim conseguir obter os dados sobre a resposta afetiva as transformações.

As edificações históricas como o Museu da Família Koerich (24,4%) e a Usina Hidrelétrica do Maruim (17,8%) foram as principais respostas citadas dentro dos dados coletados. Segundo os participantes, a importância histórica das edificações revela a memória do local e a preservação da identidade cultural da área. Os relatos reforçam a importância da arquitetura na preservação da história e dos vínculos afetivos na relação pessoa-ambiente. Com os depoimentos, as histórias pessoais se cruzam com a paisagem, tendo a arquitetura como pano de fundo para a vida. A paisagem incorpora histórias, relações, símbolos e valores inerentes à cultura dos grupos sociais, e que pode ser também permeada pela subjetividade do observador. Diante disso, os símbolos relacionados a uma determinada paisagem imprimem nesse espaço suas características culturais (NOR, 2013). Edificações com caráter histórico e que venham a ser reconhecidas como patrimônio cultural são imbuídas de valores, os quais foram conservados no decorrer do tempo mantendo a memória viva e materializada. Essa memória materializada é deixada pelos indivíduos que vivem em um determinado lugar, deixando marcas nesses locais a sua identidade, sua história, suas características e seus costumes (JOHN, 2012).

Figura 44: Locais apresentados nas fotografias pelo método autofotográfico como representação do vínculo afetivo entre pessoa-ambiente



Elaboração própria (2022).

O próprio nome da vila e do museu fazem referência à família Koerich, que possui uma forte presença econômica em toda a Região Metropolitana de Florianópolis. A família está viva nas memórias dos moradores, que em seus relatos revelam sentimento de gratidão pela família devido aos inúmeros empregos gerados no local e ao orgulho pelo sucesso das respectivas empresas. A arquitetura do museu ainda preservada pela família, após todos esses anos, faz com que a memória permaneça ativa na comunidade. A edificação e como foi conservada se destaca perante o entorno, fazendo parte da paisagem e sendo reconhecida como patrimônio histórico do município de São José. No conteúdo das fotos registradas referente ao museu, a fachada principal foi a que apareceu com mais destaque. Os participantes, independente do local de abordagem, dirigiram-se a entrada principal da edificação para realizar o registro.

Figura 45: Imagens registradas pelos participantes



Fonte: Fotos registradas pelos participantes através do método autofotográfico (2021).

Elaboração própria (2022).

Figura 46: Registro através do método autofotográfico do Museu Koerich



Fonte: Participante da pesquisa (E11).

[...] representa não somente as memórias registradas na história da Vila que minha família morou por anos, mas um local em que eu, quando criança, passava horas aos domingos conversando com os meus primos (E4).

Registrei a fotografia do Museu da Família Koerich, porque ele representa um ponto turístico da região [...] chamando a atenção pela arquitetura. O local é um marco da história de uma família muito antiga e que possui força econômica na Grande Florianópolis como um todo, através das Lojas Koerich, sendo motivo de orgulho para quem é da região (E6).

Despertava a curiosidade dentro de mim, o lugar que me fazia sentir vontade de saber como aquilo tudo funcionava... de querer conhecer cada pedacinho (E3).

A Usina Hidrelétrica do Maruim, mesmo estando desativada há anos, não estando aberta para visitação e estar geograficamente afastada das moradias do recorte de estudo, foi relatada em 17,8% das respostas. Os participantes citaram como motivos para o registro: o símbolo de desenvolvimento econômico para a localidade imediata no início do século XX e para Grande Florianópolis, e a arquitetura da edificação e a paisagem do entorno, apesar do imóvel estar abandonado pela Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc). Os entrevistados relataram que mesmo desativada é comum visitantes frequentarem o local ou é utilizada por usuários de drogas ilícitas. Sobre o conteúdo das fotos registradas referente à Usina, devido à dificuldade de acesso ao imóvel, muitos preferiram realizar o registro mais distante. A fachada da edificação foi o item que mais foi registrado, destacando a paisagem natural do entorno que é predominante.

A usina é muito perto da casa de meus pais [...] passava todo dia por ela (E5).

Remete lembranças históricas da região, principalmente por ter sido a primeira usina hidrelétrica da Grande Florianópolis. No entanto, apesar de não a conhecer em atividade, é um local histórico e referência nas contações de histórias de todo o bairro (E4).

Figura 47: Registro através do método autofotográfico da Usina Hidrelétrica do Maruim



Fonte: Participante da pesquisa (E6).

O Frigorífico, atual Seara Alimentos, foi responsável por 8,9% dos relatos. A edificação possui um enorme impacto na paisagem e é responsável diretamente e indiretamente pela geração de empregos na localidade. Durante as entrevistas, foi observado que os próprios moradores não reconhecem a atual empresa que está gerindo o local. As fotos foram identificadas pelos participantes como: Macedo Koerich, Tyson Alimentos, JBS e Seara alimentos. A falta de conhecimento da população local é reflexo das diversas empresas que já estiveram à frente do empreendimento. Ao associar o motivo que levou a registrar a fotografia, os participantes revelam que foi devido à geração de emprego e à renda ao local e por possuir memórias pessoais atreladas à localidade. Todavia, ao serem questionados pelas características ruins que a localidade apresenta, foi relatado o mau odor gerado pelo empreendimento como um dos aspectos negativos da Vila, atrapalhando em seu cotidiano. As fotografias registradas foram sempre efetuadas na via pública em direção à edificação, por ser uma propriedade privada. Não houve uma diferença significativa no conteúdo das fotos registradas referente ao empreendimento.

O contorno viário foi citado em 8,9% das fotos, na maioria dos casos não fazendo referência à rodovia como vínculo afetivo, mas sim pelo que ali existia e foi demolido para a

execução da obra. Percebeu-se um grande apego às famílias que ali moravam e ao minimercado Beira Rio, demolido para execução da obra viária. Tanto o mercado Beira Rio quanto o Mercado Mônica (4,4%) apareceram nos registros fotográficos. Os empreendimentos eram/são de propriedade de famílias da localidade, onde acompanharam o crescimento da família e seus filhos. Esses pequenos comércios estimulavam também as relações sociais entre a vizinhança, proporcionando encontros casuais.

Interessante observar que 6,7% relatam a natureza como representante do seu vínculo afetivo com o local, revelando o meio natural também como importante vínculo entre pessoa-ambiente. Segundo Heller (2021), a cor verde dentro da Psicologia Ambiental remete à natureza, sendo a cor preferida de 15% dos entrevistados na pesquisa realizada pela autora, ficando apenas atrás da cor azul (45%). A cor é considerada como tranquilizadora. Segundo Godoy (2008), torna-se decisivo tomar em análise também os processos subjetivos que se fazem presentes na construção de práticas ecológicas e sustentáveis. Para Kahn (2009), nossa relação com o ambiente natural está conectada com nossas lembranças, o autor refere-se como uma amnésia ambiental geracional relacionada à natureza, devido à ausência desta em nossas cidades. No conteúdo das fotografias dessa categoria, foram registrados a paisagem natural do entorno, como árvores, arbusto e demais elementos naturais, assim como o Rio Maruim. Observou-se que para realizar os registros os participantes permaneciam no local de abordagem e com facilidade executavam o registro da paisagem natural, pela predominância dos elementos naturais no local.

Registrei a foto do Rio Maruim, pois ele conecta diversas cidades, além de ter suma importância ecológica e de desenvolvimento urbano [...] visto que serviu por décadas no abastecimento de energia (E6).

Foco no meio ambiente [...] O verde é algo presente e ainda temos uma grande preservação (E9).

Figura 48: Registro através do método autofotográfico do Rio Maruim



Fonte: Participante da pesquisa (E6).

Figura 49: Registro através do método autofotográfico da paisagem natural



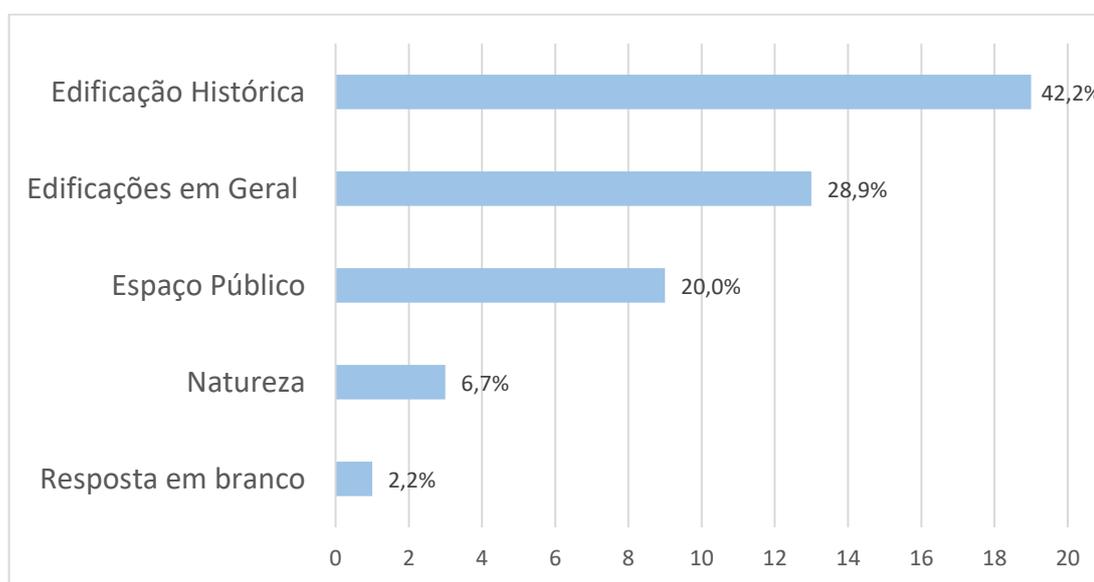
Fonte: Participante da pesquisa (E9).

Conforme proposto por Bardin (1979), através da análise de conteúdo, as fotografias e as entrevistas foram analisadas e agrupadas em categorias com mesmo tema semântico, para que, assim, se consiga observar as categorias mais significativas entre o material analisado.

Segundo Dollinger e Clancy (1993), através do método autofotográfico, as categorias de análise já estão implícitas nas próprias fotos.

O item “edificações históricas” (42,2%) representa grande parte dos registros. Essas arquiteturas contribuem para a preservação de culturas e de tradições importantes para a população, contribuindo com a formação da identidade da sociedade. Do mesmo modo que as edificações, como as casas próprias, os vizinhos ou os pequenos comércios, foram agrupadas na categoria “edificações em geral” com (28,9%). Na categoria “espaço público”, foram consideradas as vias públicas e as praças (20%). Por último, os elementos naturais, apesar de serem visualmente significativos na paisagem, como o Rio Maruim e a vegetação do entorno, foram registrados em apenas 2,2%, comparada às demais categorias, como locais que demonstram o vínculo afetivo dos moradores com o lugar. Segundo Bertrand (2004), o significado de cada paisagem representa uma forma de percepção e de sentimento para cada ser humano, que a observa e a sente, através das percepções e das sensações de mundo expressas de maneira individual. Portanto, a paisagem não se refere unicamente aos que os olhos conseguem enxergar, mas a todos os outros sentidos e imaginário que concerne à capacidade da mente humana.

Figura 50: Conteúdo das fotos registradas por categorias



Elaboração própria (2022).

A partir do referencial teórico citado, foram identificados, na fala dos participantes, os eixos temáticos e agrupados por temas de mesma origem semântica, para gerar as categorias de

análise dos motivos dos registros que expressam o vínculo afetivo, conforme pode ser observado no Quadro 4.

Quadro 4: Categorias de análise por motivo de registro fotográfico através da bibliografia

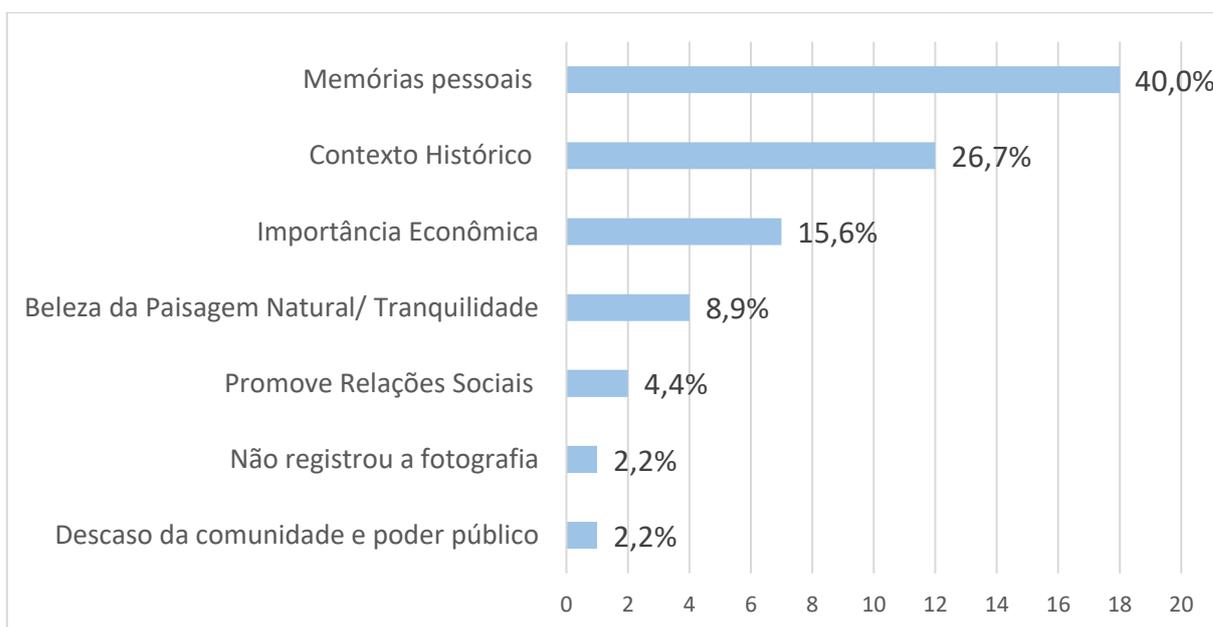
Categoria/motivo	Referencial teórico
Memórias pessoais	O local de maior afeição é o local de nascimento do indivíduo, sendo os lugares conectados a nossa infância e adolescência através de memórias pessoais (FERRARA; BARABOTTI, 2000). Segundo Milligan (1998), o laço emocional entre indivíduo e espaço emerge a partir da interação das memórias e das expectativas criadas do que será vivenciado no lugar.
Contexto histórico	Edificações com caráter histórico são imbuídas de valores que, no decorrer do tempo, preservam a memória viva e materializada. Essa memória materializada é deixada pelos indivíduos que vivem em um determinado lugar, deixando marcadas nesses locais em sua identidade, sua história, suas características e seus costumes (JOHN, 2012).
Importância econômica	O surgimento do vínculo afetivo desenvolve-se gradualmente e exige algum tempo para consolidar-se e um dos aspectos é a contínua avaliação da qualidade ambiental perante as necessidades do indivíduo em questão (GIULIANI <i>et al.</i> , 2000).
Beleza da paisagem natural/tranquilidade	Segundo Sant-Anna (2010), aspectos como a segurança, o conforto, a acessibilidade e a tranquilidade são fatores que influenciam diretamente a relação da pessoa com seu entorno.
Promove relações sociais	Segundo Bonfim (2010), a importância das relações pessoais dentro dos estudos entre pessoa-ambiente reflete no vínculo afetivo com o lugar.
Descaso da comunidade e do Poder Público	Sawaia (2009) define a noção de sofrimento ético -político, a partir da dialética inclusão/exclusão social, que tanto pode levar o sujeito a uma potência de ação ou a uma potência de

Categoria/motivo	Referencial teórico
	padecimento diante das situações de opressão, de desigualdade e de exclusão social.

Elaboração própria (2022).

Através da Figura 52, foi observado que as memórias pessoais, principalmente conectadas à infância e à adolescência, foram os motivadores pela maioria dos registros fotográficos (40%). Entretanto, o contexto histórico dos locais, conforme já comentado anteriormente, da sua importância para a história local, foi refletido também nos dados analisados (26,7%). A importância econômica, como promotora de renda e de emprego, refletiu em 15,6% das respostas. Observa-se o estabelecimento de um vínculo afetivo em relação ao local de trabalho, no qual garante a subsistência de suas famílias e cria memórias pessoais através das experiências vivenciadas no local de trabalho.

Figura 51: Motivo da escolha das fotografias por categorias

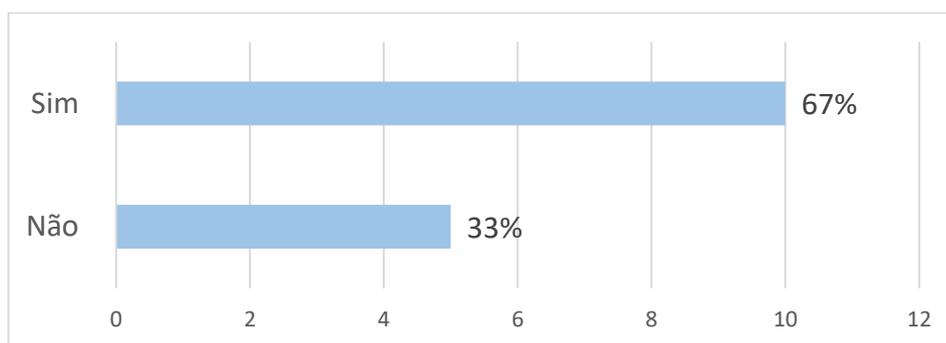


Elaboração própria (2022).

Segundo Bonfim (2010), a importância das relações pessoais dentro dos estudos entre pessoa-ambiente reflete no vínculo afetivo também com o lugar. Portanto, 67% dos entrevistados revela participar de alguma associação ou de algum grupo no local, o que estimula o laço afetivo com o lugar, conforme observado na Figura 53. Segundo Elali e Medeiros (2011),

existe uma dependência na formação de amizade em vizinhanças com base na localização de casas. As pessoas que vivem perto uma das outras tornam-se amigáveis uma com as outras, diferente dos vizinhos mais afastados. Sendo a amizade originada de um contato passivo, como caminhada pela rua ou um encontro não planejado, que fortalece o vínculo com o lugar. Os participantes relatam que o principal grupo que participam são conectados à Igreja Católica, como grupo de leitura e de canto.

Figura 52: Participação em grupo social ou associações



Elaboração própria (2022).

[...]Toda a minha vida estive aqui, dificilmente sairei, conheço todas as pessoas ao redor o que aumenta meu vínculo com esse lugar (E15).

A Vila Koerich para mim sempre teve muitas coisas boas e sempre foi um aconchego morar aqui... cresci ao lado dos meus amigos, para mim sempre foi um lugar seguro, onde todo mundo conhecia todo mundo (E3).

O que tem de bom são os encontros com os familiares e vizinhos (E13).

Os registros remetem boas lembranças e, portanto, um bom sentimento. Mas apesar disso, sinto que a Vila e toda a história que ela conta é deixada de lado até mesmo pela população que habita o local... talvez por não entenderem a importância de preservar locais históricos como este (E4).

Segundo Ziller e Smith (1977), pessoas com mais idade e que moram mais tempo em seus bairros registram mais fotos de pessoas do que os mais novos, através do método autofotográfico, que se relacionam mais às paisagens. Os resultados sugerem que ocorre uma mudança na percepção do ambiente ao longo do tempo. As pessoas com menos tempo de moradia tendem a se orientar mais pelos edifícios e pelas paisagens, e aquelas mais antigas tendem a prestar mais atenção a outras pessoas. No presente estudo, os participantes ao registrarem as fotografias pouco incluíram pessoas em seus registros e as que apareceram não foram propositais, segundo os participantes ao serem indagados. No relato dos motivos das fotografias, os participantes com mais idade e tempo de moradia constantemente apresentavam

em seu discurso as memórias pessoais envolvendo outras pessoas. Todavia, os participantes mais jovens e/ou com menor tempo de moradia faziam referência às edificações ou à natureza. Diante disso, confirmando os resultados de Ziller e Smith (1977).

[...] Importantes momentos vividos em família nesse local (E2) (Participante com 59 anos de idade e 29 anos de moradia na região).

Registrei a foto da Hidrelétrica Rio Maruim... porque a considero como um grande marco de autossuficiência do bairro. Embora a hidrelétrica ainda não tenha retornado às atividades, a importância histórica dela, como sendo a 2ª usina elétrica de Santa Catarina, também revela o potencial energético da região (E6). (Participante com 28 anos de idade e 16 anos de moradia na região).

Segundo um dos entrevistados (E3), é a segunda mudança que a Vila Koerich sofre em função do sistema viário, o próprio surgimento da SC-281 já ocasionou um impacto na paisagem local, desconfigurando a paisagem natural, mesmo a rodovia seguindo o traçado do caminho dos tropeiros, conforme comentado no capítulo de contexto histórico deste trabalho. Segundo Souza e Macedo (2014), a apropriação do território em nossas cidades privilegia o desenvolvimento econômico e não a qualidade estética e/ou ambiental e o bem-estar social dos espaços habitados pelo ser humano. Segundo Rolnik (2003), a prática capitalista produz a anestesia sistemática do corpo e dos afetos, que acontece especialmente através do individualismo e da indiferença. A variação afetiva, inerente à condição humana, perde-se no contexto de uma subjetividade capitalista que seleciona a produtividade e a mão de obra como principais agentes. A própria concepção do que é a vida acaba sendo redefinida em função da hegemonia do capital com o estreitamento das relações intimistas, a regulação do tempo e a segurança financeira individual (MANSANO, 2016).

Muitos lugares foram abandonados e demolidos ao longo do tempo, a história se perdeu (E10).

Os lugares fotografados mudaram muito, as intervenções estruturais, em função do anel viário o desfigurou, de como era antes, uma vila. Antes disso, a própria SC-281, que já antiga, fez seu papel de desfiguração (E02).

As muitas mudanças que tiveram no local que descaracterizam a história (E08).

Figura 53: Registro através do método autofotográfico das obras no local



Fonte: Participante da pesquisa (E6).

Através das entrevistas, foram categorizadas as principais mudanças que ocorreram no objeto de estudo pela percepção dos participantes, agrupadas com temas de mesma ordem semântica, para que assim fosse verificada a resposta afetiva através das modificações. Os participantes observaram que o contorno viário da BR-101 foi o elemento responsável pela principal alteração ocorrida na paisagem e que teve consequências diretas em suas vidas (53%), influenciando na relação pessoa-ambiente e em seu vínculo afetivo com o lugar. Esse dado foi seguido dos demais itens: reparo das edificações históricas e espaços públicos (20%) e crescimento e urbanização (13%). A categoria crescimento e urbanização englobou as repostas que relatam o surgimento de novas obras ou de vizinhos no local como fator de crescimento da área. Interessante ressaltar que a partir da análise técnica elaborada neste trabalho, no capítulo de análise da Bacia Hidrográfica do Maruim, fica evidente os impactos diretos na paisagem ocasionados através da urbanização e do contorno viário na área de estudo influenciando na resposta afetiva dos moradores. Todavia, 13% dos participantes revelaram que não houveram mudanças significativas na paisagem local. Segundo Besse (2014), a apreensão da paisagem se torna individual e efêmera, estando em um processo de transformação que é ininterrupto e que varia de acordo com o indivíduo ao qual observa. Percebida por um sistema complexo, a paisagem é interna, por isso cabe perguntar para as pessoas o que significa para cada um. Observou-se que os participantes que comumente falavam do contorno viário estavam em um raio de moradia de 500 metros da obra, já os que apresentavam suas residências mais distantes evidenciavam outras motivações para os impactos na paisagem e em suas vidas. Para a categoria “Reparo nas edificações históricas”, foi analisado que eram sempre moradores próximos às edificações citadas, revelando o fator escala importante para a percepção dessas alterações.

Segundo Fisher e Cooper (1990), três eixos devem ser analisados quando falamos de mudanças envolvendo a vinculação afetiva: tempo, escala e localização.

Alguns entrevistados reconhecem a obra do contorno viário como necessária para auxiliar no desvio do trânsito da BR-101, mesmo entendendo seu impacto na paisagem.

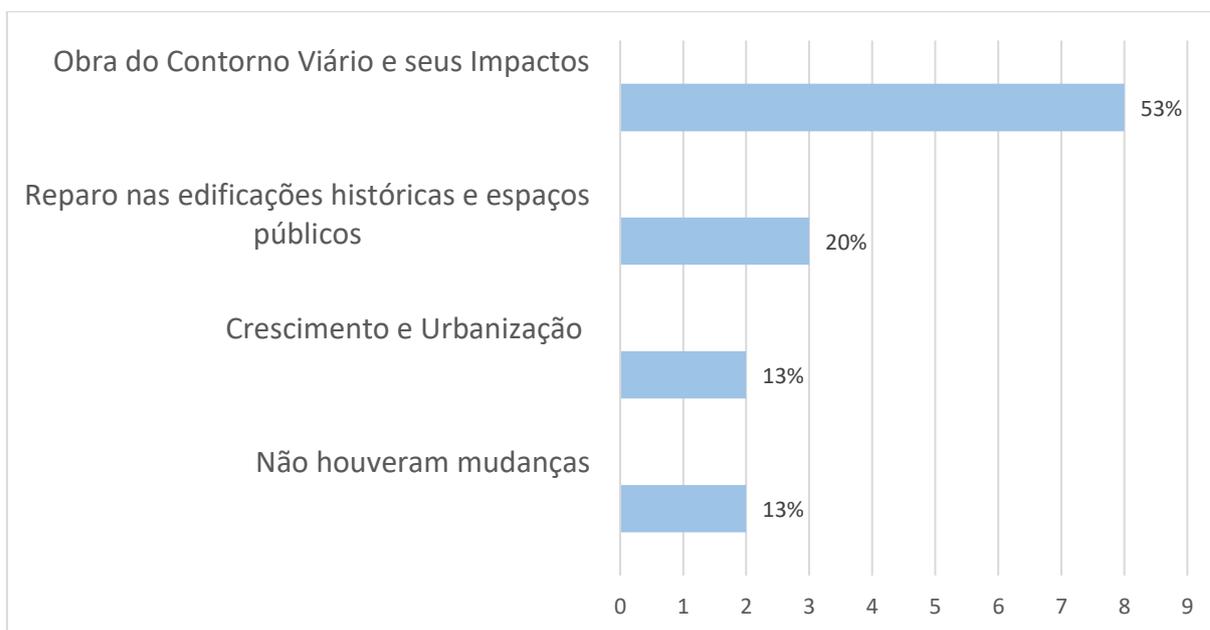
A rodovia causou muito desmatamento, mas será bom para o trânsito e vai desafogar a BR-101 (E12).

Acho que toda a Vila mudou, no sentido de se tornar mais urbanizada. A urbanização acompanha o crescimento da população humana, mas gera diversos impactos no ambiente. Então sim, houveram mudanças e creio que elas foram ruins pelo impacto que causaram ao longo da Vila, inclusive por torná-la mais urbanizada, mas deixa de lado a valorização de patrimônios histórico (E04).

Diversas obras em andamento desconfiguram a natureza (E09).

Logo, mudanças graduais no local de afeto vivenciadas pela pessoa tendem a ser melhor aceitas quando são ocorridas através de uma longa duração do tempo, para que assim o indivíduo se acostume com a nova conformação espacial e possa recriar novos laços afetivos como resultante afetiva das transformações. Pequenas mudanças no modo de vida do ser humano podem ser assimiladas e acomodadas, sem haver um reajustamento dramático dos sentimentos, no entanto mudanças profundas no nosso espaço de vida, como a obra do contorno viário, com consequências nas relações sociais e nos aspectos visuais e econômicos, que serão duradouras nos seus efeitos e que são realizadas durante um período de tempo, relativamente curto, não são facilmente assimiladas, afetando a identidade social dos envolvidos (EPSTEIN, 1971). As mudanças de grande escala, como desapropriações ou residências, representam perdas significativas ao ser humano em suas questões afetivas, como local e consigo mesmo, para quem é desapropriado e também para quem permanece no local. Conforme comentando anteriormente, 15 imóveis residenciais e um comercial foram demolidos no processo de construção da obra viária no local de estudo.

Figura 54: Principais alterações na paisagem nos últimos dez anos



Elaboração própria (2022).

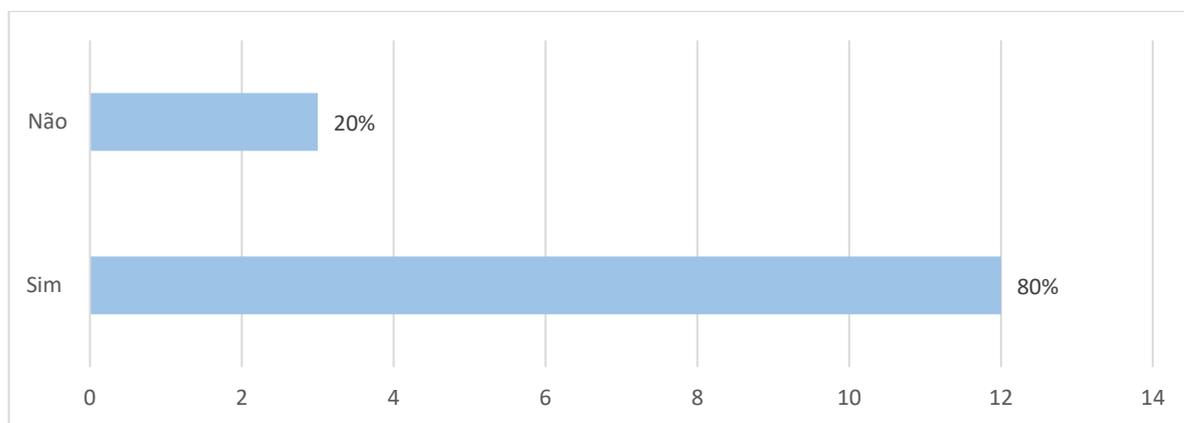
Em relação ao impacto na vida dos entrevistados, 80% revelam que as transformações que ocorreram na paisagem influenciaram em suas vidas e na sua relação com o local. Com o processo de urbanização, intensificou-se a vinda de novos moradores para a região, principalmente pelo valor mais baixo da terra em comparação aos demais bairros próximos da capital. Ao transformar seu entorno, o ser humano é, também, transformado por ele (ITTELSON *et al.*, 2005). Para Spinoza (1983), estar no mundo significa se relacionar com ele, logo se afetar. O ser humano está constantemente em troca com o universo, numa confluência ativa: “ter comércio com outras coisas é ser produzido por outras ou produzir outras” (SPINOZA; TIE, 2007, p. 43). Como resposta afetiva, entre as principais mudanças na paisagem que afetaram a relação pessoa-ambiente, as relações sociais foram rompidas, segundo os entrevistados. Além do aumento do processo de urbanização que fez o senso de comunidade se diluir com as novas dinâmicas presentes, como o trânsito mais intenso, devido às novas conexões que o contorno viário produziu, ainda de acordo com os participantes.

Figura 55: Área atingida pelo contorno viário no local das antigas residências



Fonte: Participante da pesquisa (E03).

Figura 56: As alterações ocorridas na paisagem influenciaram na sua vida e na sua relação com o local?



Elaboração própria (2022).

Segue abaixo o relato dos participantes de como sua relação com o local foi afetada:

O mercado da minha família foi demolido para a construção da rotatória, os outros locais não mudaram. As mudanças foram boas para a mobilidade urbana, mas influenciaram diretamente na minha vida e da minha família, pois perdemos uma parte da nossa história e também o meio de subsistência (E13).

Aumentou o trânsito no local principalmente com as obras na rodovia, ficando mais perigoso. O local era mais tranquilo e seguro para as crianças antigamente (E01).

As mudanças, no geral, são boas, porque o aumento de habitantes e construções locais atraem o olhar do Poder Público, para que eles possam realizar maiores investimentos na região (E06).

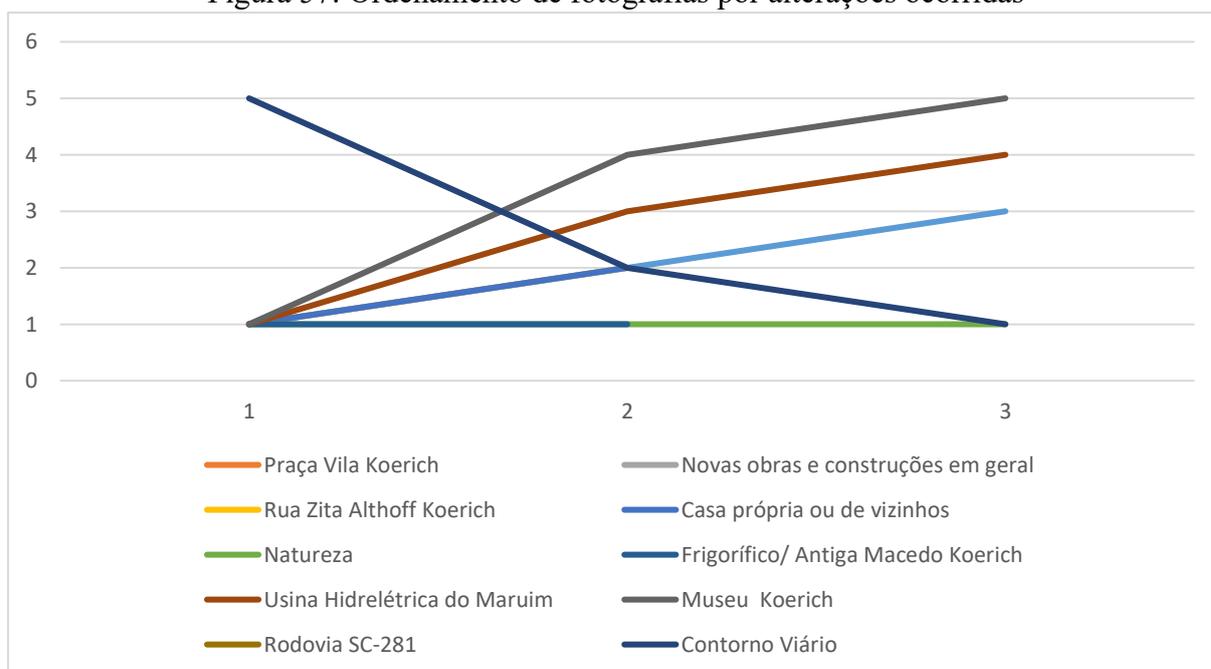
A maior mudança é a casa da família Sandim, que deixou de existir (E02).

Desapropriação das casas para passar a rodovia. Saiu o Mercado também. Agora caminhamos mais para ir até o mercado mais próximo (E15).

A preocupação é com o aumento da violência e pobreza na região que impacta diretamente na minha vida (E09).

Através da técnica de ordenamento de fotografias, ver Anexo 1, os participantes classificaram as fotos registradas, que representam o vínculo afetivo entre o local que mais mudou até o que menos foi alterado ao decorrer dos anos para que assim se mensurasse a resposta afetiva dos participantes em relação as transformações. O contorno viário foi o elemento que mais esteve em primeiro lugar, entre os que citaram este em seus registros, representado pela linha azul marinho na Figura 58. Como a classificação solicitada aos participantes foi entre os registros fotográficos elaborados pelos próprios, as edificações históricas, como o Museu Koerich e a Usina Hidrelétrica, apareceram expressivas no gráfico. No Museu Koerich, os participantes atrelaram as alterações às reformas de melhorias para preservar o patrimônio. Entretanto, para a Usina Hidrelétrica do Maruim, foi comentado sobre a ausência de manutenção na edificação, assim como em todo o terreno que compõe o imóvel, que, ao longo dos anos, está cada vez mais abandonado, logo registrando a marca do tempo e do descuido perante o imóvel.

Figura 57: Ordenamento de fotografias por alterações ocorridas

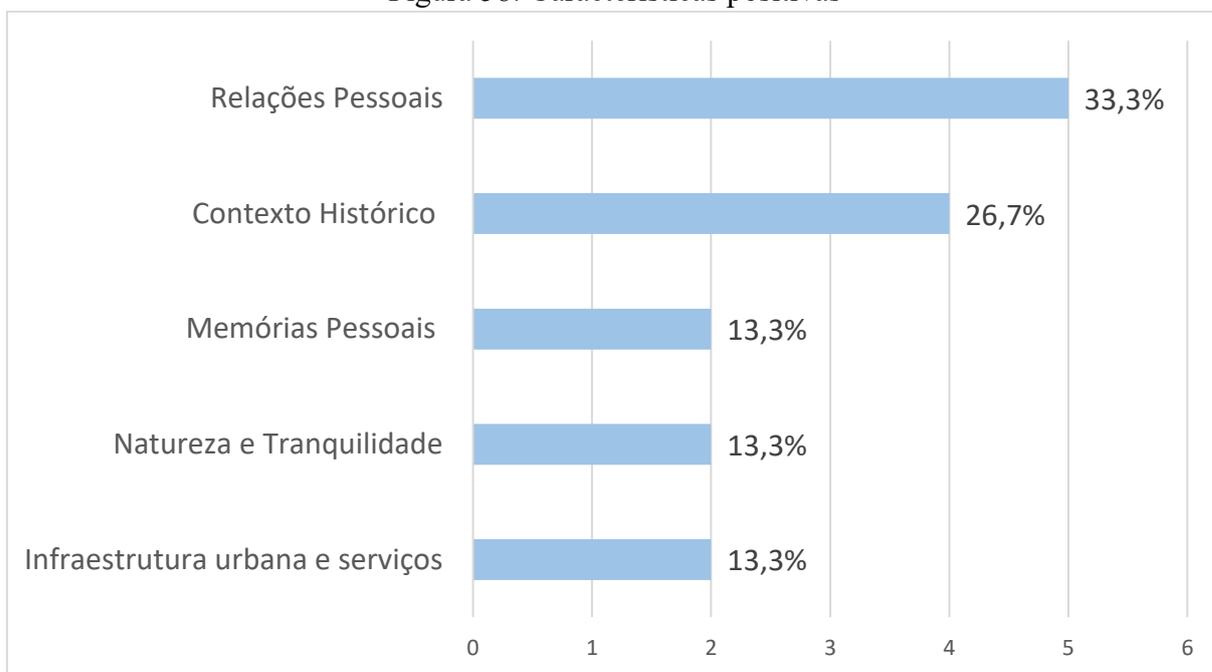


Elaboração própria (2022).

Na Figura 59, ao serem questionadas as características positivas, 33,3% relataram as relações sociais como a principal qualidade positiva do local. Segundo Giuliani (1991), o vínculo é definido como o laço afetivo entre um indivíduo e um lugar, acompanhado do desejo de estar próximo a esse local, sendo atrelado à avaliação positiva da qualidade do ambiente perante as necessidades do indivíduo e do significado que tem para identidade deste. Entretanto, ao destacar os pontos negativos, que são aqueles responsáveis por não estabelecer os vínculos afetivos entre pessoa-ambiente (GIULIANI, 1991), 40% relatou o crescimento urbano acelerado e 20% a falta de investimento público na infraestrutura local.

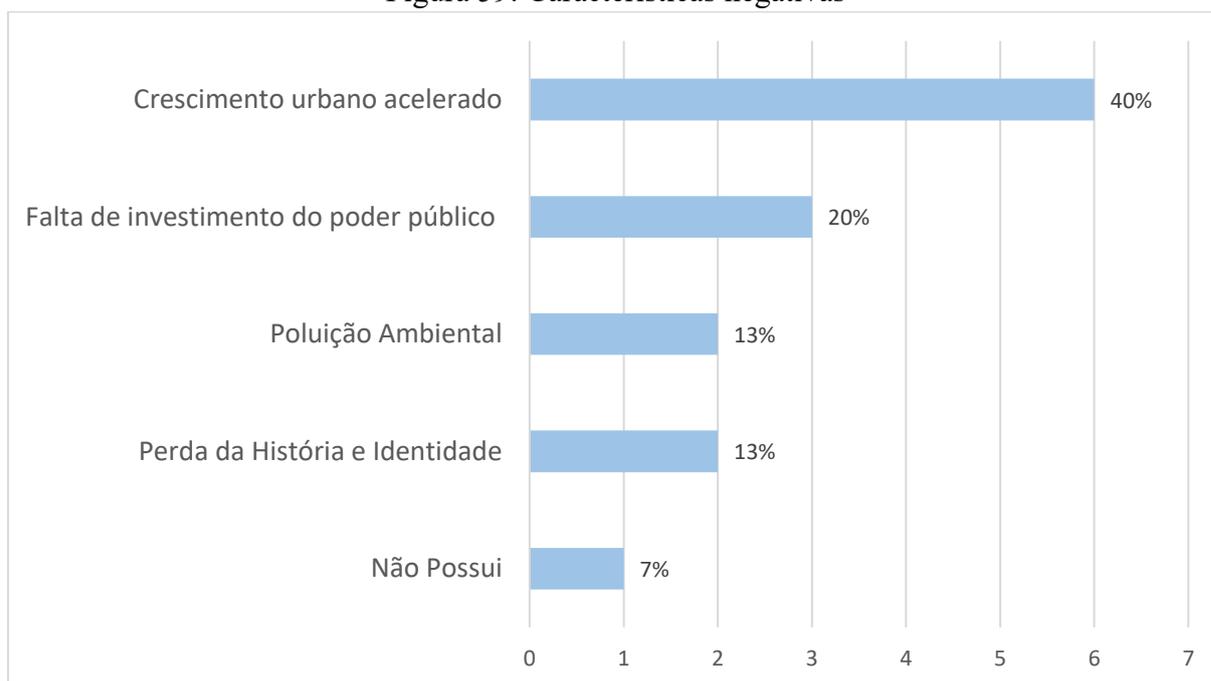
Até hoje não sei se é propriedade pública ou privada, mas a quadra está em ruínas (E8) (Participantes expressando o descaço do Poder Público com o local).

Figura 58: Características positivas



Elaboração própria (2022).

Figura 59: Características negativas



Elaboração própria (2022).

Os entrevistados foram solicitados a definirem suas fotografias referente aos lugares que representam o vínculo afetivo com o local, em apenas uma palavra. Para isso, foi solicitado que pensando nas transformações ocorridas nos últimos dez anos nos locais registrados e na sua experiência de vida no local, e como isso lhe impactou, para que definissem em uma palavra a sua resposta afetiva. Para análise, as palavras foram categorizadas segundo o estudo de VOLP (2000), através dos estados de ânimos em grupos de temas semânticos similares. Todo cidadão possui vínculos com a cidade ou com qualquer outro lugar que habite, não sendo algo homogêneo e que varia de indivíduo para indivíduo e pode ser expressado por sentimentos distintos (ITTELSOON *et al.*, 2005). A afetividade é parte inalienável do sujeito e o modo como ele é afetado pelos outros corpos pode potencializar sua ação, conduzindo-o à alegria e à liberdade, ou despotencializá-lo, gerando tristeza e passividade (SPINOZA, 1983).

Sobre os estados de ânimo, VOLP (2000) classifica entre sete estados positivos e sete estados negativos, como exposto no Quadro 5.

Quadro 5: Estados de ânimo em categorias

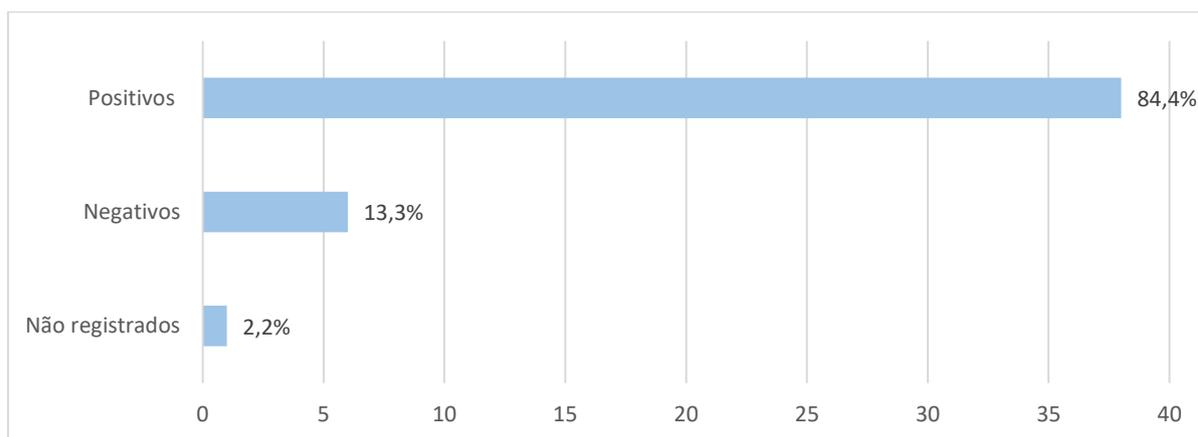
Positivos	Negativos
Ativo, Energético	Com Medo
Calmo, Tranquilo	Desagradável
Cheio de Energia	Inútil, Apático
Leve, Suave	Tímido
Agradável	Agitado, Nervoso

Positivos	Negativos
Espiritual, Sonhador	Triste
Feliz, Alegre	Pesado, Carregado, Cansado

Fonte: VOLP (2000). Elaboração própria (2022).

Conforme comentado anteriormente, Segundo Giuliani (1991), o apego é definido como o laço afetivo entre um indivíduo e um lugar, sendo atrelado à avaliação positiva da qualidade ambiental. Portanto, através das palavras utilizadas, 84,4% dos participantes avaliaram, pensando nas transformações ocorridas nos últimos dez anos nos locais registrados e na sua experiência de vida no local e como isso lhe impactou, palavras de estado de ânimo positivas em relação à qualidade ambiental do local como resposta afetiva. Entretanto, 13,3% utilizaram estados de ânimos atrelados à coluna de palavras negativas.

Figura 60: Estado de ânimo por categoria positiva x negativa



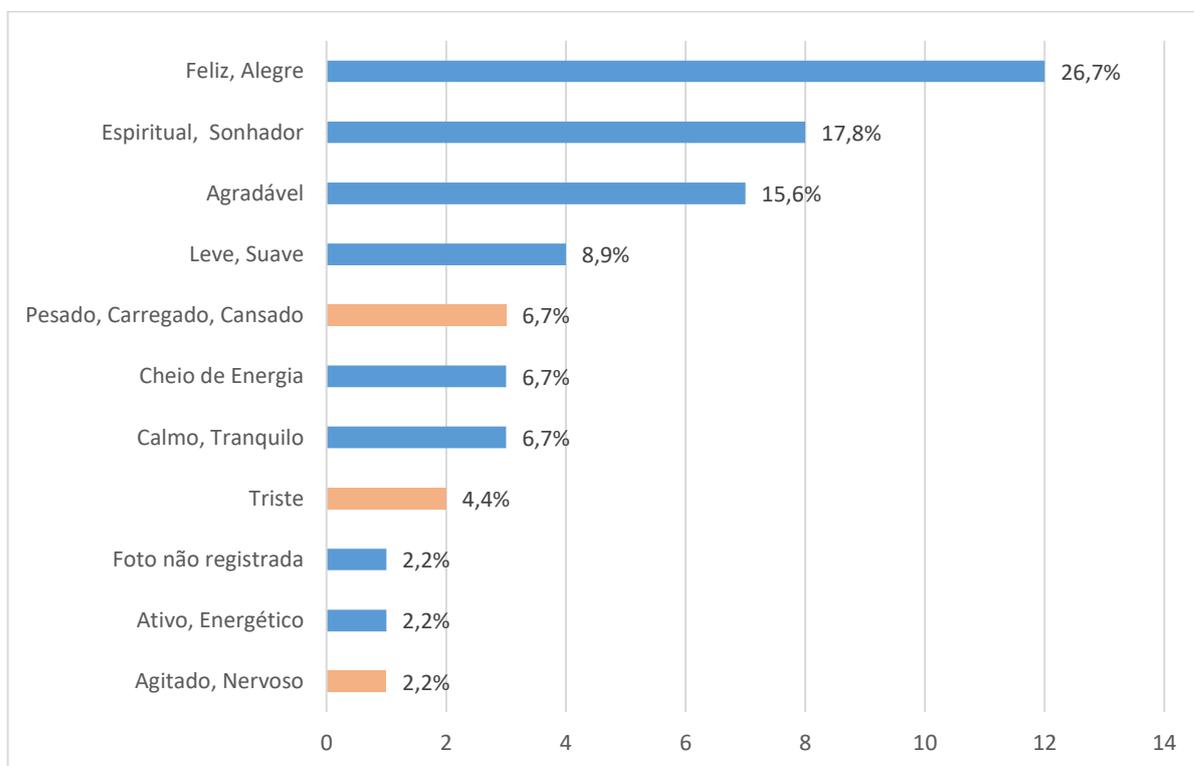
Elaboração própria (2022).

O estado de ânimo positivo mais presente foi Feliz/Alegre (26,7%) e estava sempre vinculado com as memórias pessoais vivenciadas no local e as edificações históricas, com a nostalgia do que foi experienciado no local. As palavras Agradável (15,6%) e Leve/Suave (8,9%) geralmente estavam vinculadas aos aspectos conectados à paisagem natural.

Todavia, das palavras de ordem negativas, como Pesado/Carregado/Cansado (6,7%) e Agitado/Nervoso (2,2%), estas estavam vinculadas aos processos recentes de urbanização. Já a palavra Triste (4,4%), estava associada à falta de investimentos no local e à ausência de ações que preservem o patrimônio cultural do local. As palavras de cunho negativo são predisposições do indivíduo para com o ambiente (BOMFIM, 2010); o que revela uma estima despotencializadora. Sawaia (2009) define a noção de sofrimento ético-político a partir da

dialética inclusão/exclusão social, que tanto pode levar o sujeito a uma potência de ação ou a uma potência de padecimento diante das situações de opressão, de desigualdade e de exclusão social.

Figura 61: Estado de ânimo por palavra-chave



Elaboração própria (2022).

Logo, apesar da ciência dos participantes referente às transformações ocorridas na paisagem e dos relatos destes perante a alteração de algumas das suas atividades cotidianas e sua preocupação com o futuro da localidade; eles caracterizam sua resposta afetiva com o lugar de forma ainda positiva.

6. Considerações finais

Este trabalho surgiu do anseio de estudar a relação pessoa-ambiente a partir das alterações realizadas na paisagem e como elas impactam o cotidiano nos cidadãos. Logo, o objetivo geral deste trabalho foi identificar como as transformações na paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim (SC) foram percebidas e quais as repostas afetivas dos moradores ao fenômeno ocorrido. A afetividade mostra-se como categoria de análise fundamental para a compreensão de nossas cidades e o entendimento do ser humano através da sua reação com o ambiente, consigo e demais seres.

Como primeira fase do trabalho, para compreender a relação pessoa-ambiente, fez-se necessário, através da análise técnica, identificar as transformações ocorridas na Bacia Hidrográfica do Maruim. Portanto, foi analisado o contexto histórico, econômico, cultural e natural, por meio de uma pesquisa de cunho teórico e exploratória, comparando imagens de satélites e efetuando ida a campo para elaborar mapeamentos para identificar o fenômeno ocorrido na paisagem. Assim, conclui-se que as alterações no objeto de estudo surgem em decorrência de um desenvolvimento urbano desarticulado que não concilia o ordenamento territorial e o desenvolvimento econômico com as necessidades ambientais e pessoais, que são muitas vezes subjetivas. Essa desarticulação é evidente pelo fato de São José, principal e maior município relacionado à área de estudo, ter seu Plano Diretor vigente aprovado no longínquo 1984, além das diversas tentativas de atualização não serem aprovadas pelo Poder Público. Os municípios abrangidos pela Bacia Hidrográfica do Maruim possuem suas legislações de uso do solo desatualizadas, além da inexistência de um comitê de bacia que possa garantir a preservação dessa unidade de análise da paisagem como forma de preservação do meio natural, pensando em um contexto coletivo.

A região em toda a sua história e de povoamento até os dias atuais vem recebendo o excedente populacional da capital do estado, o que resulta nas transformações ocorridas em sua paisagem até então. Este estudo revela a urgência, além das medidas apresentadas no *Relatório de Impacto Ambiental* da obra do contorno viário, para que os planos diretores das cidades estejam articulados, que possam promover uma ocupação urbana de forma sustentável com o meio natural. Isso implica fazer com que a Bacia Hidrográfica do Maruim seja planejada como unidade e que os PDMs consigam estipular diretrizes para o ordenamento territorial perante as novas dinâmicas impostas pelo mercado, diante da preservação ambiental e da história do objeto de estudo.

Na fase dois deste trabalho, a partir do método autofotográfico e das entrevistas semiestruturadas realizadas empregadas como metodologia de pesquisa, ficou evidente que a Vila

Koerich representa um lugar de múltiplos sentimentos positivos. Ali, vários elementos físicos e simbólicos se misturam em relações afetivas construídas cotidianamente ao longo dos anos com a paisagem. Falar de um lugar é dizer sobre a sua estrutura, suas características, suas memórias e suas perspectivas futuras. Nas recentes transformações, como resposta afetiva aferida, a Vila Koerich é reconhecida como um lugar agradável, que causa bons sentimentos e que é um ponto de encontro de pessoas e de ideias. Porém, são evidentes os sentimentos negativos das transformações ocorridas nos últimos dez anos, principalmente no que tange à preocupação dos moradores com o crescimento urbano futuro da região, com consequências já visualizadas pelos moradores, tais como: desmatamento, ocupações irregulares, poluição e crescimento acelerado.

Conclui-se que como resposta afetiva, mesmo com as recentes e bruscas alterações na paisagem apresentadas através da análise técnica deste trabalho, o local continua sendo gerador de afetos positivos, sendo a relação pessoa-ambiente avaliada de forma positiva, principalmente preservada através das memórias ali vividas pelos entrevistados. Portanto, pode-se caracterizar a afetividade encontrada como polissêmica e é possível concluir que os afetos se espacializam nas pessoas e nos lugares. Segundo Tuan (2012, p. 338), "todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo, a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira fútil". Ressalta-se a importância das contribuições da Psicologia Ambiental nessa discussão, na medida em que esse campo do saber tem investigado a inter-relação pessoa-ambiente e que se reforçam na prática de compreensão de nossas cidades. O olhar da Psicologia Ambiental sobre os territórios relaciona a construção da subjetividade à identificação com os espaços (MOSER, 1998). Logo, reforça-se que a afetividade é entendida como categoria de análise, pois "[...] possibilita, além do conhecimento sobre o ambiente, observar como os indivíduos agem e se posicionam nesse espaço" (PINHEIRO; BOMFIM, 2009, p. 53). As pessoas inserem significados para as suas ações e a experiência emocional em um lugar tem por base a relação dialética entre o sujeito e o ambiente, ensejando transformação mútua (CORRALIZA, 1998).

Entende-se as limitações desta pesquisa e, a partir do trabalho apresentado, surgem novas oportunidades de aprofundamento na área em questão:

- O método autofotográfico como análise de pessoa-ambiente pode ser aplicado em outras áreas da Bacia Hidrográfica no Maruim, entre elas as localidades já identificadas e não estudadas neste trabalho, como forma de se obter uma leitura mais abrangente da paisagem como unidade de análise.

- Como sugestão de estudo futuro também poderia analisar-se a relação pessoa-ambiente após a conclusão da obra do contorno viário para evidenciar as consequências e as novas dinâmicas criadas.

O estudo das relações pessoa-ambiente apresentou um caráter amplo na interpretação, podendo ter variações entre as metodologias abordadas e o número de participantes estipulado. Este trabalho utilizou as técnicas metodológicas aplicadas a esse caso, porém se faz interessante o emprego de outras técnicas para analisar os resultados obtidos, para fim de comparação.

Referências

- AMERIKANER, M.; SCHAUBLE, P.; ZILLER, R. C. Images: The use of photographs in personal counseling. **Personnel and Guidance Journal**, [s. l.], v. 59, p. 68-73, 1980.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. **RA'É GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico. **Revista IGEOG/USP**, São Paulo, n. 13, p. 1-27, 1971.
- BESSE, J.-M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.
- BOEIRA, S. Política e Gestão Ambiental no Brasil: da Rio-92 ao Estatuto da Cidade. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE (ANPPAS), 2., Campinas, 2004. **Anais [...]**. Campinas: ANPPAS, 2004.
- BOLÓS, M.I.C. Problemática actual de los estudios de paisaje integrado. **Revista de Geografia**, Barcelona, v. 15, n. 1-2, p. 45-68, 1981.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: UFC, 2010.
- BOMFIM, Z. A. C. Cidades, espaços e produção de saúde: Vivências na dimensão psicossocial. **O Público e o Privado**, [s. l.], n. 31, jan./jun. 2018.
- BOMFIM, Z. A. C. *et al.* **Emoções e vivência no pensamento de Lev Vygotsky**. [S. l.]: [s. n.], 2018.
- BOMFIM, Z. A. C. Protagonismo social da psicologia no campo da circulação humana. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: POLÍTICAS PÚBLICAS, PSICOLOGIA E PROTAGONISMO SOCIAL, 2., 2003, [s. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]: [s. n.], 2003.
- BORENSTEIN, M. S. (Org.). **Hospitais da Grande Florianópolis: fragmentos de memórias coletivas (1940 – 1960)**. Florianópolis: Assembleia Legislativa de Santa Catarina, 2004.
- BOTELHO, R. G. M.; DA SILVA, A. S. Bacia hidrográfica e qualidade ambiental. *In*: VITTE, A. C.; GUERRA, A. J. T. **Reflexões sobre a geografia física no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e

7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF: Planalto, 2021.

BRASIL. **Orientações Técnicas sobre o PAIF: trabalho social com famílias do Serviço de Proteção e Atenção à Família- PAIF (Vol. 1).** Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012.

BROWER, S. N. Territory in urban settings. *In: ALTMAN, A.; RAPOPORT, J. F.; WOHLWILL. Environment and culture.* New York: Plenum Press, 1980.

BURGUESS, M., ENZLE, M. E., & MORRY, M. The social psychological power of photography: Can the image-freezing machine make something of nothing? **European Journal of Social Psychology**, [s. l.], v. 30, p. 613-630, 2000.

CARDOZO, F. S. **O uso do Geoprocessamento como Ferramenta na Análise dos Impactos Ambientais em Decorrência da Evolução Urbana no Rio Maruim, São Pedro de Alcântara e São José/SC: Relatório Técnico de qualidade da água.** São José: [s. n.], 2006.

CAVALCANTE, S.; ELALI, G. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental.** Petrópolis: RK Vozes, 2011.

CAVALCANTE, S.; MACIEL, R. H. Métodos de avaliação da percepção ambiental. *In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (Orgs.). Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 149-180). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

COBOS, E. P. La ciudad capitalista en el patrón neoliberal de acumulación en América Latina. **Cadernos Metropole**, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 37-70, jun. 2013.

CORRALIZA, J. A. Emoción y ambiente. *In: ARAGONES, J. I.; AMÉRIGO, M. (Coord.). Psicología ambiental.* Madrid: Pirâmide, 1998.

COSTA, E. **Hospital Colônia Sant'Ana: o saber/poder dos enfermeiros e as transformações históricas (1971-1981).** 2010. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais.** Porto Alegre: Artmed Sul, 2000.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (DNIT). **Elaboração e apresentação de normas do DNIT: Procedimento.** Brasília, DF: DNIT, 2002.

DEUTSCH, S. **Música e Dança de Salão: Interferência da audição e da dança nos estados de ânimo.** 1997. 165 f. Tese (Doutorado em Psicologia experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

- DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, [s. l.], n. 22, p. 37-50, 2010.
- DIVISÃO HIDROGRÁFICA NACIONAL. **Resolução nº 32, de 15 de outubro de 2003**. [S. l.]: Divisão Hidrográfica Nacional, 2003.
- DOLLINGER, S. J.; CLANCY, S. M. Identity, self, and personality: II. **Journal of Personality and Social Psychology**, [s. l.], v. 64, p. 1.064-1.071, 1993.
- DONALDSON, H. (1890). Anatomical observations on the brain and several senseorgans of the blind, deaf-mute, Laura Dewey Bridgman. **American Journal of Psychology**, [s. l.], v. 3(3), p. 293-342, 1980.
- ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. **Apego ao lugar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA (EPAGRI). **Centro de Informações de Recursos Hídricos Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina (CIRAM)**. [S. l.]: Epagri, 2012.
- EPSTEIN, S. The Self concept a review and the proposal of and integrated theory of personality. In: STAUB, E (Ed.). **Personality: Basic issues and curret research**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980.
- ESPINOSA, B. **Espinosa – Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1983.
- ESPINOSA, B. **Ética demostrada segun el orden geométrico**. México: Fundo de Cultura Económica, 1996.
- FELIPPE, M. L. **Ambiente fisico e linguaggio ambientale nel processo di rigenerazione affettiva dallo stress in camere didegenza pediátrica**. 2015. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) – Università degli Studi di Ferrara, Ferrara, 2015. Disponível em: <http://eprints.unife.it/994/>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- FELIPPE, M. L.; KUHNNEN, A.; SILVEIRA, B. B; KLEIN, C. Realidade mediada: compreendendo qualidades restauradoras de ambientes através da fotografia. **Psicologia e Saber Social**, [s. l.], n. 6(1), p. 26-41, 2017.
- FERNANDES, A. **Transformação Sócio-Espacial do Bairro Colônia Santana**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Centro de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2012.
- FISCHER, C. S. **To Dwell Among Friends: personal networks in town nad city**. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- FISHER, S.; COOPER, C. L. (1990) On the move: the psychology of change ans transition. Chichester. [S. l.]: John Wiley & Sons,Lts. 1990.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 17-27, 2008

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

FRIED, M. Grieving for a lost home. *In*: DUHL, L. (Org.). **The urban condition**. Nova York: Basic Books, 1963.

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE (FATMA). **Mapeamento Temático Geral do Estado de Santa Catarina**. [S. l.]: FATMA, 2008.

GANGES, L. S. Y. Lãs nociones de paisaje y sus implicaciones em la ordenación. **Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid**, [s. l.], v. 7, p. 41-68, 2010. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=720914>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GIULIANI, M. V.; FERRARA, F.; BARABOTTI, S. One Attachment or More?. *In*: SPELLER, G. (org.) **Place Attachment in the Cotnexto of Today's Society**. Paris: UAPS, 4-7 July 2000.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. *In*: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

GODOY, A. **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, [s. l.], n. 35(2), p. 57-63, 1995.

GOMES, R. D.; LEMOS, J. E. de. A Paisagem Percebida por um Sistema Complexo. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 38, p. 1-16, 2019.

GOOGLE EARTH. 2021. Disponível em: <https://www.google.com/earth/>. Vários acessos.

GRANFPOLIS. Assessoria de Planejamento Urbano. **Mapa de Densidade Populacional**. Florianópolis: Assessoria de Planejamento Urbano, 2014-2015.

GRAUMANN, C. F. On multiple identities. **International Social Science Journal**, v. 35, p. 309-321, 1983.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, D. **Rebel cities**. Londres: Verso, 2012.

HELLER, A. **Uma Teoria da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HELLER, E. **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2021.

HERRMANN, M. L. de P.; MENDONÇA, M.; CAMPOS, N. J. São José: Avaliação das Enchentes e Deslizamentos Ocorridos em novembro de 1991 e fevereiro de 1994. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 8, n. 16, ano VIII, p. 46-78, 1994.

HOUAISS. **Dicionário**. [S. l.]: Houaiss, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo populacional**. [S. l.]: IBGE, 2000-2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Carta de Suscetibilidade a Movimentos Gravitacionais de Massa e Inundações**. [S. l.]: Instituto Brasileiro de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, 2015.

ISOPO, K. K. V. *et al.* Urbanização e Modernização do Território em São José, Santa Catarina, Brasil. *In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA*, 10., São Paulo, 20-26 mar. 2005. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

ITTELSON, W. H. **Environment and cognition**. Nova York: Seminar Press, 1973.

ITTELSON, W. H. *et al.* **Homem Ambiental**. Brasília, DF: UnB: Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005.

ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, H. M.; RIVLIN, L. G. **The environmental psychology of the psychiatric ward**. [S. l.]: [s. n.], 1970.

JELLYCOE, G.; JELLYCOE, S. **El paisaje del hombre: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1995.

JOCHEM, T. V. **Pouso dos Imigrantes**. Florianópolis: Ed. Papa-livro, 1992.

JOHN, N. M. Identificação, valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*, 6., [s. l.], 2012. **Anais [...]**. [S. l.]: [s. n.], 2012.

KLEIN, R. M. **Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina: Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: [s. n.], 1978.

KOTLER, U. Paisagem - uma definição ambígua. **Revista de arquitetura, planejamento e construção**, Rio de Janeiro, n. 12, ano 3, 1976.

LENZI, C. L. **Sociologia Ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. Bauru: Edusc, 2006.

LOW, S.; ALTMAN, I. (1992). Place attachment: a conception inquiry. *In: ALTMAN, I.; LOW, S. (Eds.). Place Attachment*. New York: Plenum, 1992.

MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, n. 2, p. 159-177, jul./dez. 2011.

MANSANO, S. R. B; CARVALHO, P. R. de. Psicologia, Filosofia e meio ambiente: delineando o conceito de sustentabilidade afetiva. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 3 p. 696-714, 2016.

MANSANO, S. R. V.; PEREIRA, G. I. L. Sustentabilidade afetiva em situações de vulnerabilidade socioambiental: um problema para as cidades. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15(1), jan./mar.2020.

MARICATO, E. **É a questão urbana, estúpido! Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o Conceito de Paisagem. **Revista RA'E GA**, [s. l.], n. 8, p. 83-91, 2004.

MENDONÇA, F. **Geografia Física: Ciência Humana?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MILLIGAN, M. J. Interactional past and potencial: the social construction of place attachment. **Symbolic Interaction**, [s. l.], v. 21(1), p. 1.461-1.468, 1998.

MORAES, S. T. Áreas urbanas inundáveis, perspectivas de gestão nos contextos francês e brasileiro. **Confinis**, [s. l.], n. 36, 2018.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, Descartes, v. 3(1), p. 121-130, 1998.

MPB ENGENHARIA. **Relatório de Impacto Ambiental do Contorno Viário de Florianópolis (RIMA)**. [Florianópolis]: MPB Engenharia, 2013.

NASPOLINI, V. A Evolução Fragmentária da Grande Florianópolis. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA (EGAL), 16., Florianópolis, 2017. **Anais [...]**. Florianópolis: EGAL, 2017.

NDUBISI, F. O. **The Ecological Design and Planning Reader**. Washington, D. C.: Island Press, 2014.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002.

NOR, S. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 32, p. 119-128, 2013.

PHOSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K. The development of place indetity in the child. In: C.S. WEINSTEIN, C. S.; DAVIF, T. G. (Eds.). **Spaces for Children**. New York: Plenum Press, 1984.

PINHEIRO, G. R.; BOMFIM, Z. Á. C. Afetividade na relação paciente e ambiente hospitalar. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 9, n. 1, p. 45-74, mar. 2009

PIRES, J. S. R.; SANTOS, J. E. Bacias Hidrográficas - Integração entre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 110, 1995.

POL, E. La apropiación del espacio. *In*: IÑIGUEZ, L.; POL, E. (Org.) **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996.

PONTE, A. Q. Afetividade de idosos de vida religiosa consagrada e a moradia na casa de saúde: projetos de vida e processo de estabilização residencial. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010

PORTO, M. F. A.; PORTO, R. L. L. Gestão de bacias hidrográficas. **Estud. av.**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 43-60, 2008.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. Londres: Pion, 1976.

RELPH, E. (1985) The instant environment machine and the reclamation of place. **PAPER 85**, Melbourne, p. 19-22 June 1985.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. **Planejamento e gestão ambiental**: subsídios da geocologia das paisagens e da teoria geossistêmica. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre (RS): Sulina/Ed. da UFRGS, 2006.

ROLNIK, S. O caso da vítima: para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. **Revista Ars**, [s. l.], n. 1(2), p. 79-87, 2003.

ROMERO, A. G.; JIMÉNEZ, J. M. **El paisaje em el Âmbito de la Geografía**. Cidade do México: Instituto de Geografía. 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, R. G. dos. In(ter)venção urbana: quando o corpo é método e não obstáculo. *In*: RAPOSO, P.; RENCK, A.; HEAD, S. (Org.). **Cidades rebeldes**: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.

SAWAIA, B. B. **A consciência em construção no trabalho de construção da existência**. 1987. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

SAWAIA, B. B. Affectivity as an ethical-political phenomenon and locus for critical epistemological reflection in Social Psychology. **International Journal of Critical Psychology**, [s. l.], v. (9), p. 167-210, 2003.

SAWAIA, B. B. Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na psicologia social laneana. *In*: GALINDO, W.; MEDRADO, B. (Orgs.).

Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

SAWAIA, B. B. Emotion as a locus of knowledge production: A reflection inspired in Vygotsky and his dialog with Espinosa: **Proceedings of the Interamerican Congress of Psychology**, Santiago, v. 28, Santiago, 2001.

SAWAIA, B. B. Espinosa: o precursor da ética e da educação ambiental com base nas paixões humanas. *In*: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs.). **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2006.

SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SAWAIA, B. B. **Por que investigar afetividade?** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 21(3), p. 364-372, 2009.

SIEBRA, L. M. G.; BOMFIM, Z. A. C. El proceso de Translado de una Ciudad. *In*: CONGRESO DE PSICOLOGIA AMBIENTAL, 9., 2006, Madrid. **Anais [...]**. Madrid: UAM, 2006.

SILVA, S. H. G; BOMFIM, Z. A.C Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. **Revista de Estudos Geoducacionais**, v. 10, n. 21, 2019.

SIME, J. What is Environmental Psychology? **Journal of Environmental Psychology**, [s. l.], v. 20, 1999.

SOUZA, C. B. de; MACEDO, S. S. APP Urbana 2014 – APPs fluviais urbanas e sistemas de espaços livres: O papel da legislação ambiental na configuração do espaço urbano à beira d'água. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O TRATAMENTO DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE EM MEIO URBANO E RESTRIÇÕES AMBIENTAIS AO PARCELAMENTO DO SOLO EIXO TEMÁTICO, 3., 2014, Belém. **Anais [...]**. Belém: UFPA, 2014.

SPELLER, G. M. (2005). A importância da vinculação ao lugar. *In*: SOCZKA, L. (Ed.). **Contextos humanos e psicologia ambiental.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SPINOZA, B. **Ética: demonstrada a maneira dos geômetras.** *In*: CHAUI, M. (Org.). 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

STAKE, L. **Lutando por nosso futuro em comum.** Rio de Janeiro: FGV, 1991.

STOKOLS, D.; SHUMAKER, S. A. People in places: A transactional view of settings. *In*: HARVEY, J. H. (Ed.). **Cognition social behaviour and the environment.** [S. l.]: Lawrence Erlbaum Assoc, 1981.

SUGAI, M. I. **Segregação Silenciosa: Investimentos Públicos e Distribuição Sócio-Espacial na Área Conurbada de Florianópolis**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2015.

SVALDI, A. A. **Análise temporal das propriedades imobiliárias ao longo da diretriz e da faixa de domínio do contorno viário da BR-101 na Região Metropolitana de Florianópolis – SC**. 2017. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes e Gestão Territorial) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION (UNESCO). **Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention**. Paris: UNESCO, 1999.

VENTURI, L. A. B. A dimensão territorial da paisagem geográfica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS (AGB), 6., Goiânia, 2004. **Anais [...]**. Goiânia: AGB, 2004.

VILLELA S. M.; MATTOS, A. **Hidrologia Aplicada**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

VITTE, A. C. Da sensibilidade à representação da Paisagem: considerações sobre a estética da natureza como um recurso para sensibilização ambiental. **RA'E GA**, Curitiba, n. 20, p. 7-17, 2010.

VOLP, C. M. **LEA para populações diversas (Relatório Trienal apresentado a CPRT)**. Rio Claro: UNESP, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. Lev S. Vygotsky: manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria de las emociones: estudio histórico-psicológico**. Madrid: Akal, 2004.

VYGOTSKY, L. **Thought and Language**. Cambridge: University Press, 1962.

YASSUDA, E. R. Gestão de recursos hídricos: fundamentos e aspectos institucionais. **Rev. Adm. Púb.**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 5-18, 1993.

ZILLER, R. C.; LEWIS, D. Orientations: Self, social, and environmental percepts through auto-photography. **Personality and Social Psychology Bulletin**, [s. l.], v. 7, p. 338-343, 1981.

ZILLER, R. C. **Photographing the self**. Newbury Park: Sage, 1990.

ZILLER, R. C.; RORER, B. A. (1985). Shyness-environment interaction: A view from the shy side through auto-photography. **Journal of Personality**, [s. l.], v. 53, p. 626-639, 1985.

ZILLER, R. C.; SMITH, D. E. A phenomenological utilization of photographs. **Journal of Phenomenological Psychology**, [s. l.], v. 7, p. 172-182, 1977.

ZILLER, R. C.; VERN, H.; DE SANTOYA, C. C. The psychological niche of children of poverty or affluence through auto-photography. **Children's Environments Quarterly**, [s. l.], v. 5, p. 34-39, 1988.

ANEXO A - Roteiro de entrevista semiestruturada

Será solicitado ao participante que faça os três registros fotográficos do local onde vive que expresse seu vínculo com o lugar. As fotos serão registradas em um primeiro momento, em seguida acontecerá a entrevista semiestruturada.

- 01) Por que você registrou/escolheu as fotos/lugares um, dois e três?
- 02) Classifique cada foto em apenas uma palavra a respeito das transformações nos últimos 10 anos.
- 03) O que tem de positivo e de negativo nesse lugar?
- 04) Esse lugar que você fotografou, você se lembra como era anos atrás? O que mais mudou? As mudanças foram boas ou ruins na sua opinião? Elas influenciaram na sua vida?
- 05) Coloque em ordem as fotos, sendo a primeira foto que registra a maior mudança nos últimos anos e a que menos apresenta mudanças.
- 06) Você participa ou já participou de algum grupo ou associação do local?

Dados Pessoais

Gênero:

Idade:

Formação Escolar:

Tempo de Moradia:

Qual a sua cidade de origem:

Profissão:

Empregado atualmente: () sim () não

Média da Renda familiar em salários mínimos: () menos de 2 salários () de 2 a 5 salários () mais de 5 salários

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O TCLE respeita as resoluções 466/2012

O Sr(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “Um olhar sobre o processo de transformação da paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim/SC”, que tem como objetivo analisar as relações afetivas entre pessoa-ambiente através das transformações ocorridas na paisagem da Bacia Hidrográfica do Maruim/SC. Esse termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi encaminhado e analisado pelo CEPESH (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos) que se trata de um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

A pesquisa é integrada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PosARQ), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e terá duração de 5 meses, com o término previsto para março de 2022.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em realizar três registros fotográficos com o equipamento que será fornecido e responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição – que será guardado por cinco (05) anos e será posteriormente eliminada. O participante desta pesquisa terá livre acesso às informações, bem como aos resultados da mesma.

Sr(a) não receberá qualquer compensação financeira, conforme a legislação brasileira, pela sua participação na pesquisa, mas você será ressarcido pelas despesas de alimentação e de transporte, caso seja necessário. Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido pelos pesquisadores nos termos da lei.

Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome ou qualquer uma das empresas que seja mencionado, em qualquer fase do estudo. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Ciências Sociais Aplicadas.

O possível risco e desconforto que a pesquisa poderá trazer a(o) Sr(a) é o constrangimento de ser entrevistado, bem como a interrupção das suas atividades. A fim de evitar ou reduzir efeitos e condições adversas os pesquisadores garantem que suas opiniões e pontos de vista não serão expostos publicamente. As informações coletadas ficarão de posse dos pesquisadores responsáveis e sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo. Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantido seu direito de indenização ou restituição.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo. A qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou interromper a participação e retirar seu consentimento, sem penalização alguma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.

Pesquisador

Participante da pesquisa

Sr(a) receberá uma via deste termo onde consta o contato/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação,

agora ou a qualquer momento. Os pesquisadores responsáveis se comprometem a cumprir todas as exigências contidas nas Resoluções CNS 466/2012.

ENDEREÇO FÍSICO DO PESQUISADOR: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ). Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro Tecnológico (CTC), Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO DE CONTATO DO COMITÊ DE ÉTICA: Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis-SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone +55 (48) 3721-6094.

Desde já agradecemos sua colaboração!

São José, ____ de _____ de _____.

Arq. Felipe Carbonera
Pesquisador Responsável (UFSC)
E-mail: felipe.carbonera@gmail.com
Tel.: (48) 999431772

Prof. Sérgio Torres Moraes, Phd.
Orientador da Pesquisa (UFSC)
E-mail: sergio.moraes@arq.ufsc.br
Tel.: (47) 99199-2703

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Participante da Pesquisa:

(Assinatura)

ANEXO C – Aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Um olhar sobre o processo de transformação da paisagem da Bacia Hidrográfica do Marum/SC

Pesquisador: Felipe Carbonera

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53886921.1.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFSC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.239.354

Apresentação do Projeto:

O modelo econômico vigente vem ocasionando profundas alterações na paisagem através das ações antrópicas em detrimento do desenvolvimento econômico, resultando em consequências na relação pessoa-ambiente e no sentimento de afetividade com as cidades. Esta pesquisa destina-se à investigação sobre a transformação da paisagem na paisagem da bacia hidrográfica do Rio Marum (SC) através do olhar de moradores da região, para que se possa compreender as relações afetivas entre pessoa-ambiente e o bem-estar subjetivo com o local onde residem. A pesquisa, em uma primeira etapa, é baseada em análises exploratórias com o objetivo de compreender preliminarmente o fenômeno ocorrido por meio de uma leitura técnica através de mapeamentos e da bibliografia específica sobre as transformações ocorridas no objeto de estudo. Logo após, foi utilizado o método autofotográfico, onde os participantes registraram fotografias da paisagem em estudo e foram questionadas através de uma entrevista semiestruturada.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria III, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** oip.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Projeto: 5.239.354

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar como as relações afetivas entre pessoa-ambiente foram afetadas através das transformações ocorridas na paisagem da Bacia Hidrográfica do Marum/SC.

Objetivo Secundário:

• Caracterizar os meios físico, biótico, antrópico, urbano e histórico da Bacia Hidrográfica do Marum. • Analisar os diferentes meios caracterizados, como forma de compreender as transformações ocorridas na paisagem da área de estudo através de um olhar técnico. • Identificar os novos polos de atração de atividades e o papel do Estado e do Contorno Viário da BR-101 nos incentivos para atração de novas atividades econômicas. • Analisar, através do olhar dos moradores das comunidades locais, as consequências nas relações afetivas entre pessoa e paisagem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O possível risco e desconforto que a pesquisa poderá trazer a(o) Sr(a) é o constrangimento de ser entrevistado, bem como a interrupção das suas atividades. A fim de evitar ou reduzir efeitos e condições adversas os pesquisadores garantem que suas opiniões e pontos de vista não serão expostos publicamente. As informações coletadas ficarão de posse dos pesquisadores responsáveis e sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo. Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantido seu direito de indenização ou restituição.

Benefícios:

O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Ciências Sociais Aplicadas assim para com os estudos relacionados a psicologia ambiental, para que se possa compreender melhor as relações pessoa-ambiente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria III, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: oep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.239.254

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As inadequações foram resolvidas. Recomenda-se a aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1829408.pdf	10/12/2021 21:18:06		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AS_PENDENCIA_S.pdf	10/12/2021 21:17:03	Felipe Carbonera	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_defesa_01.pdf	10/12/2021 21:08:13	Felipe Carbonera	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA.pdf	15/11/2021 10:15:08	Felipe Carbonera	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	15/11/2021 09:45:56	Felipe Carbonera	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 11 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
Luciana C Antunes
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria III, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO D – Síntese das entrevistas e método autofotográfico

ENTREVISTA 01 – E1			
Registros fotográficos			
Local registrado	Praça da Vila Koerich	Rua da Praça – Rua Zita Althoff Koerich (Antiga Rodovia Principal)	Rodovia SC-281
Motivo do Registro	Local que as crianças brincam	Caminho que realizo todos os dias	Principal rodovia do local
Definição em uma palavra	Tristeza	Saudade	Indiferença
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Bom: Faixa de pedestre e supermercado Ruim: Trânsito		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Aumentou o trânsito no local principalmente com as obras na rodovia, ficando mais perigoso. O local era mais tranquilo e seguro para as crianças antigamente.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	3	2	1
Participa de alguma associação comunitária?	Sim. Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	61 anos		
Formação Escolar	Ensino básico		
Tempo de Moradia	61 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José/SC		
Profissão	Aposentada		
Empregado Atualmente	Não		
Renda Média	Menos de dois salários mínimos		

ENTREVISTA 02 – E2			
Registros fotográficos			
Local registrado	Museu Koerich	Casa ao lado do Mercado Mônica	Casa da Família (Demolida)
Motivo do Registro	Retrata a importância da história da Vila e o contexto histórico	Importantes momentos vividos em família	Importantes momentos vividos em família
Definição em uma palavra	Saudade	Saudade	Saudade
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Há uma vitalidade invejável e uma centralidade geográfica, além do que pulsava a vida em família. De ruim considero as muitas alterações ocorridas.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Os lugares fotografados mudaram muito, as intervenções estruturais, em função do anel viário o desfigurou, de como era antes, uma vila. Antes disso, a própria SC, que já antiga, fez seu papel na desfiguração. A desativação da Usina Hidrelétrica, e de outros espaços, acredito que entristeceu um pouco o lugar, e o fez perder um pouco de seu glamour. A maior mudança é a casa da família Sandim, que deixou de existir. A que apresentou menos mudança, apesar de ter sido muito ainda, foi o museu dos Koerich, pois manteve suas características originais.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	3	2	1
Participa de alguma associação comunitária?	Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Masculino		
Idade	59 anos		
Formação Escolar	Pós-Graduação		
Tempo de Moradia	29 anos		

ENTREVISTA 02 – E2	
Qual a sua cidade de origem	São José/SC
Profissão	Engenheiro Sanitarista
Empregado Atualmente	Sim
Renda Média	Mais de cinco salários mínimos

ENTREVISTA 03 – E3			
Registros fotográficos			
Local registrado	Contorno Viário	Museu Koerich	Novas Obras na Vila
Motivo do Registro	Está trazendo mais desenvolvimento para o local	Despertava a curiosidade dentro de mim, o lugar que me fazia sentir vontade de saber como aquilo tudo funcionava, de querer conhecer cada pedacinho	Por trazer pessoas novas no bairro
Definição em uma palavra	Esperança	Alegria	Esperança
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	A Vila Koerich para mim sempre teve muitas coisas boas e sempre foi um aconchego morar aqui, cresci ao lado dos meus amigos, para mim sempre foi um lugar seguro, onde todo mundo conhecia todo mundo. Não considero que tenha coisas ruins.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Todos os lugares mudaram e todos eles foram para preservar cada pedacinho da história		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	1	2	3
Participa de alguma associação comunitária?	Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	19 anos		
Formação Escolar	Ensino Médio Completo		
Tempo de Moradia	12 anos		
Qual a sua cidade de origem	Santana do Livramento/RS		
Profissão	Autônoma		
Empregado Atualmente	Sim		
Renda Média	Entre dois e cinco salário mínimos		

ENTREVISTA 04 – E4			
Registros fotográficos			
Local registrado	Museu Koerich	Rua em frente à minha casa (SC-281)	Usina Hidrelétrica do Maruim
Motivo do Registro	Representa não somente as memórias registradas na história da Vila que minha família morou por anos, mas um local em que eu, quando criança, passava horas aos domingos conversando com os meus primos	Me traz lembranças da infância e das brincadeiras que realizava com a minha família (brincadeiras como "rolimã", "esconde-esconde", "pega-pega" e "polícia e ladrão").	Remete lembranças históricas da região, principalmente por ter sido a primeira usina hidrelétrica da Grande Florianópolis. No entanto, apesar de não a conhecer em atividade, é um local histórico e referência nas contações de histórias de todo o bairro.
Definição em uma palavra	Saudade, Curiosidade e Respeito	Alegria e Saudade	Respeito e Consagração
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Os registros remetem boas lembranças e, portanto, um bom sentimento. Mas apesar disso, sinto que a Vila e toda a história que ela conta é deixada de lado até mesmo pela população que habita o local... talvez por não entenderem a importância de preservar locais históricos como este.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Acho que toda a Vila mudou, no sentido de se tornar mais urbanizada. A urbanização acompanha o crescimento da população humana, mas gera diversos impactos no ambiente. Então sim, houveram mudanças e creio que elas foram ruins pelo impacto que causaram ao longo da Vila, inclusive por torná-la mais urbanizada mas deixar de lado a valorização de patrimônios histórico		

ENTREVISTA 04 – E4			
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	2	1	3
Participa de alguma associação comunitária?	Não		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	26 anos		
Formação Escolar	Superior Completo		
Tempo de Moradia	21 anos		
Qual a sua cidade de origem	Florianópolis/SC		
Profissão	Bióloga		
Empregado Atualmente	Não		
Renda Média	Entre dois e cinco salário mínimos		

ENTREVISTA 05 – E5			
Registros fotográficos			
Local registrado	Usina Hidrelétrica do Maruim	Museu Koerich	Frigorífico Macedo Koerich (Atual Seara Alimentos)
Motivo do Registro	A Usina é muito perto da casa de meus pais, passava todo dia por ela.	O Museu resgata a memória de uma grande empresa que começou como um açougue e que há tempos atrás (anos 60) ajudava muitas pessoas da região, sempre ouvi meu pai contar muitas histórias sobre a família Koerich.	O Macedo porque deu emprego para muitas pessoas da comunidade, inclusive meu pai, tenho boas lembranças de lá.
Definição em uma palavra	Esperança	Alegria	Nostalgia
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Sobre a Usina, tem toda uma história ali, sobre geração de energia, arquitetura, das pessoas que ali trabalharam, da inovação que era para época, o lugar bonito. Muitas vezes fica totalmente abandonado e vira ponto de usuários de drogas. Sobre o Meu Koerich é muito bem cuidado, penso que poderia ter algum evento que buscasse trazer a comunidade e pessoas de fora para conhecer essa história de sucesso. Sobre o Frigorífico no passado deu emprego para muitas pessoas da região e sobre aspectos ruins não tenho como opinar.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Por várias vezes o terreno da Usina foi 'ajeitado' e com promessas de até reativá-la, mas isso nunca saiu do papel. Então há ciclos de abandono e arrumações. As mudanças não influenciaram na minha vida, mas creio que se mantê-la cuidada muda a vida das pessoas que ainda moram naquelas proximidades. O Museu Koerich passou por melhorias externas e acredito que pequenas reformas internas, mas de maneira geral está muito parecido com 20/25 anos atrás. Sobre o frigorífico mudou muito, principalmente depois da aquisição pela JBS, cresceu em estrutura construída. Lembro de como era		

ENTREVISTA 05 – E5			
	no passado, de quando eu ia visitar meu pai lá e está totalmente diferente.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	3	2	1
Participa de alguma associação comunitária?	Não Participo		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	30 anos		
Formação Escolar	Pós-Graduação Completa		
Tempo de Moradia	28 anos		
Qual a sua cidade de origem	Florianópolis		
Profissão	Analista de Produtos e Negócios		
Empregado Atualmente	Sim		
Renda Média	Mais de cinco salários mínimos		

ENTREVISTA 06 – E6			
Registros fotográficos			
Local registrado	Usina Hidrelétrica do Rio Maruim	Museu Koerich	Rio Maruim
Motivo do Registro	<p>Registrei a foto da Hidrelétrica Rio Maruim, porque a considero como um grande marco de autossuficiência do bairro. Embora a hidrelétrica ainda não tenha retornado às atividades, a importância histórica dela, como sendo a 2ª usina elétrica de Santa Catarina, também revela o potencial energético da região</p>	<p>Registrei a fotografia do Museu da Família Koerich, porque ele representa um ponto turístico da região, chamando a atenção pela arquitetura. O local é um marco da história de uma família muito antiga e que possui força econômica na Grande Florianópolis como um todo, Através das Lojas Koerich, sendo motivo de orgulho para quem é da região.</p>	<p>Registrei a foto do Rio Maruim, pois ele conecta diversas cidades, além de ter suma importância ecológica e de desenvolvimento urbano, visto que serviu por décadas no abastecimento de energia.</p>
Definição em uma palavra	Esperança	Orgulho	Tranquilidade
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	<p>Os aspectos positivos na Vila Koerich consistem na ampla área verde e fauna e flora que ali coexistem. Já os aspectos negativos se referem ao mau cheiro exalado pelo Frigorífico Tyson que foi instalada na região, além</p>		

ENTREVISTA 06 – E6			
	da falta de investimento público referente à infraestrutura, bem como a ausência de opções de lazer na região.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Sim, me recordo de como era o local antigamente. Os pontos que mais mudaram foram: o aumento gradativo de habitantes, além de novas construções do comércio local e do contorno viário que está sendo construído. As mudanças, no geral, são boas, porque o aumento de habitantes e construções locais atraem o olhar do Poder Público, para que eles possam realizar maiores investimentos na região. As mudanças continuam influenciando minha vida negativamente, pois a escassa estrutura do local (opções de comércio, lazer, gastronomia, oportunidades de trabalho) não suprem minhas necessidades, fazendo com que eu continue me deslocando para outros locais buscando melhores oportunidades de consumo e de mercado de trabalho.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	2	3	1
Participa de alguma associação comunitária?	Não		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	28 anos		
Formação Escolar	Pós-Graduação Completa		
Tempo de Moradia	16 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José/SC		
Profissão	Advogada		
Empregado Atualmente	Sim		
Renda Média	Entre dois e cinco salário mínimos		

ENTREVISTA 07 – E7			
Registros fotográficos			
Local registrado	Museu Koerich	Usina Hidrelétrica do Maruim	Minha Casa/Casa dos meus pais
Motivo do Registro	Memória de infância, andava de bicicleta na frente do museu	Por ser a primeira hidroelétrica de Santa Catarina	Construída por meus pais e onde tenho diversas memórias
Definição em uma palavra	Alegria	Alegria	Saudade
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Bom é a história e sinto que é o meu lar, ruim pois está abandonada e a vila é muito isolada da cidade (Centro de Florianópolis ou Kobrasol) ou do próprio centro da colônia (igreja)		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Sobre a Usina tenho a mesma lembrança, não mudou nada e continua abandonado; O museu teve várias mudanças, desde a fachada, pinturas, muro, lugar em que ficava o carro e hoje colocaram uma cerquinha lá para não estacionarem o carro. Já na minha casa teve duas reformas, na garagem e fizeram o andar de cima, além da pintura.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	3	2	1
Participa de alguma associação comunitária?	Não		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	24 anos		
Formação Escolar	Superior Incompleto		
Tempo de Moradia	20 anos		
Qual a sua cidade de origem	Florianópolis/SC		
Profissão	Estudante		
Empregado Atualmente	Estagiária		
Renda Média	Mais de cinco salários mínimos		

ENTREVISTA 08 – E8			
Registros fotográficos			
Local registrado	Usina Hidrelétrica do Maruim	Museu Koerich	Praça da Vila Koerich
Motivo do Registro	Início da história da Energia Elétrica na grande Florianópolis. Esperança. Representa a natureza e a história.	Início do que hoje é um grande Grupo de empresas. A história de um comerciante que mostrou que mesmo de um pequeno vilarejo com um pequeno mercado você pode alcançar uma grande rede.	Até hoje não sei se é propriedade pública ou privada, mas a quadra está em ruínas. Acho um local bacana.
Definição em uma palavra	Esperança e Evolução	Orgulho e Alegria	Raiva
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	De bom tem as pessoas, ruim as muitas mudanças que tiveram no local que descaracterizam a história.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	O local que percebi muitas mudanças foi na pracinha, lembro de quando havia uma quadra ali. O Museu é mantido pela iniciativa privada e a Usina melhoram o cuidado com a limpeza do terreno e há registros que haverá uma reinauguração.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	2	3	1
Participa de alguma associação comunitária?	Sim. Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Masculino		
Idade	26 anos		
Formação Escolar	Superior Incompleto		
Tempo de Moradia	20 anos		
Qual a sua cidade de origem	Florianópolis/SC		

ENTREVISTA 08 – E8	
Profissão	Técnico Industrial em Eletrotécnica
Empregado Atualmente	Sim
Renda Média	Entre dois e cinco salário mínimos

ENTREVISTA 09 – E9			
Registros fotográficos			
Local registrado	Vegetação do Entorno	Casa do Vizinho	Obras em andamento
Motivo do Registro	Foco no meio ambiente. O verde é algo presente e ainda temos uma grande preservação. Gosto muito	Como somos passageiros na terra. A Casa lembra o vizinho que faleceu. Tenho grande apego	Diversas obras em andamento que desconfiguram a natureza
Definição em uma palavra	Alegria	Saudade	Preocupação
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Muitas coisas boas, temos um ar puro e muito verde, conviver em tranquilidade. Sem tanta poluição. A preocupação é com a violência e pobreza na região.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Algumas áreas continuam bem preservadas outras foram totalmente alteradas pelas recentes construções nos últimos anos.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	3	2	1
Participa de alguma associação comunitária?	Sim. Igreja Católica e Grupo Escolar		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	53 anos		
Formação Escolar	Superior Completo		
Tempo de Moradia	18 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José/SC		
Profissão	Aposentada		
Empregado Atualmente	Não		
Renda Média	Mais de 5 salários mínimos		

ENTREVISTA 10 – E10			
Registros fotográficos			
Local registrado	Depósito Do Museu da Família Koerich (Demolido)	Usina Hidrelétrica do Maruim	Rua Zita Althoff Koerich
Motivo do Registro	Pela memória afetiva, pois nos sábados saía um caminhão com Senhos Matias onde levava os moradores da vila até a missa	Pela rua da usina ia caminhando até a escola Joaquim Santiago.	Devido aos acidentes terríveis
Definição em uma palavra	Saudade	Saudade	Medo
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	A história que o local conta, ruim são as muitas mudanças que ocorreram mudando muita a região		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Muitos lugares foram abandonas e demolidos ao longo do tempo, a história está se perdendo		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	1	3	2
Participa de alguma associação comunitária?	Não		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	55 anos		
Formação Escolar	Ensino Médio Completo		
Tempo de Moradia	55 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José		
Profissão	Funcionária Pública		
Empregado Atualmente	Sim		
Renda Média	Mais de 5 salários mínimos		

ENTREVISTA 11 – E11			
Registros fotográficos			Não identificou um terceiro lugar para registrar a fotografia
Local registrado	Usina Hidrelétrica do Maruim	Museu Koerich	-
Motivo do Registro	O local é a identidade da vila e também ponto turístico	O local é a identidade da vila e também ponto turístico	-
Definição em uma palavra	Tristeza e abandono	Alegria	-
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Como bom o contexto histórico e ruim o abandono		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Não vejo muitas mudanças recentes		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	1	2	-
Participa de alguma associação comunitária?	Sim. Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	22 anos		
Formação Escolar	Superior Incompleto		
Tempo de Moradia	22 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José/SC		
Profissão	Estudante		
Empregado Atualmente	Não		
Renda Média	Entre dois e cinco salário mínimos		

ENTREVISTA 12 – E12			
Registros fotográficos			
Local registrado	Museu Koerich	Usina Hidrelétrica do Maruim	Frigorífico Macedo Koerich (Atual Seara Alimentos)
Motivo do Registro	Para guardar e resgatar a história	Hidrelétrica importante para o estado e deveria funcionar	O Macedo gera emprego para muitas pessoas
Definição em uma palavra	Recordações e Sentimento	Economia	Sustento e Alegria
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	O restaurante do local e os empregos que gera. A rodovia causou muito desmatamento, mas será bom para o trânsito e futuramente irá desafogar o trânsito da BR 101		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Desapropriação das casas para passar a rodovia. O Mercado e várias casas foram demolidas		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	2	3	1
Participa de alguma associação comunitária?	Sim, Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	58 anos		
Formação Escolar	Ensino Médio completo		
Tempo de Moradia	58 anos		
Qual a sua cidade de origem	Santo Amaro da Imperatriz/SC		
Profissão	Aposentada		
Empregado Atualmente	Não		
Renda Média	Até dois salários mínimos		

ENTREVISTA 13 – E13			
Registros fotográficos			
Local registrado	Mercado Beira Rio (Demolido)	Seara Alimentos Antiga Macedo Koerich	Museu Koerich
Motivo do Registro	Memórias da nossa família	Geradora de Empregos	Pela história que representa
Definição em uma palavra	Saudade	Raiva	Alegria
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	O que tinha de bom eram os encontros com os familiares e vizinhos as memórias e histórias da construção da Vila e da infância dos meus pais. De ruim a poluição do rio Imaruí e o cheiro ruim no ar, devido ao frigorífico.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	O Mercado foi demolido para a construção da rotatória, os outros locais não mudaram. As mudanças foram boas para a mobilidade urbana, mas influenciaram diretamente na minha vida e da minha família, pois perdemos uma parte da nossa história e também o meio de subsistência.		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	1	2	3
Participa de alguma associação comunitária?	Sim. Igreja Católica		
DADOS			
Gênero	Feminino		
Idade	27 anos		
Formação Escolar	Pós Graduação Completa		
Tempo de Moradia	19 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José/SC		
Profissão	Vendedora		
Empregado Atualmente	Sim		
Renda Média	Entre dois e cinco salário mínimos		

ENTREVISTA 14 – E14			
Registros fotográficos			
Local registrado	Museu Koerich	Mercado Mônica e Mercado Beira Rio (Demolido)	Contorno Viário
Motivo do Registro	Início do comércio daquela vila, onde foi sustento da família Koerich, umas das famílias mais tradicionais de Santa Catarina.	Por muito tempo representou o comércio local que sustentou as duas famílias por muitos anos	Ligação entre o bairro Colônia Santana, Pedra Branca, Forquilhas e toda a região São José
Definição em uma palavra	Prosperidade	Perseverança	Evolução
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Como características boas é o próprio perfil comunidade, pessoas do bem. Além do perfil comercial da área. Como ruim considero o acesso ao Frigorífico e o cheiro que o mesmo emite.		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	A construção do anel viário comércio, porém vejo como algo positivo		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	2	3	1
Participa de alguma associação comunitária?	Igreja		
DADOS			
Gênero	Masculino		
Idade	47 anos		
Formação Escolar	Superior completo		
Tempo de Moradia	20 anos		
Qual a sua cidade de origem	São Pedro de Alcântara/SC		

Profissão	Empresário
Empregado Atualmente	Sim
Renda Média	Mais de cinco salários mínimos

ENTREVISTA 15 – E15			
Registros fotográficos			
Local registrado	Mercado Beira Rio (demolido)	Rodovia SC-281	Natureza
Motivo do Registro	Sempre frequentava o local e tinha relacionamento com os donos	Conecta com os demais lugares de São José. Importante	Beleza, tranquilidade e a paz que me passa
Definição em uma palavra	Saudade	Crescimento	Tranquilidade
O que tem de bom ou de ruim nesse lugar?	Bom são as pessoas que conheço há muitos anos. Ruim é todo o crescimento dos últimos anos sem preservar a história e a natureza		
Mudanças percebidas ao longo dos anos	Principal mudança foi o contorno viário, muita gente teve que sair daqui		
Ordenamento das fotos por percepção de mudança	1	3	2
Participa de alguma associação comunitária?	Sim. Grupo de amigos		
DADOS			
Gênero	Masculino		
Idade	52 anos		
Formação Escolar	Ensino Médio Completo		
Tempo de Moradia	52 anos		
Qual a sua cidade de origem	São José/SC		
Profissão	Funcionário Público		

Empregado Atualmente	Sim
Renda Média	Mais de cinco salários mínimos

ANEXO E – Desenhos gerados como resultado do trabalho elaborados pelo autor





JOURNEY

IS NEVER

LINEAR